



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E JURÍDICAS

CURSO DE HISTÓRIA

**TRADICIONALISMO: RELAÇÕES ENTRE CULTURA GAÚCHA E
A CULTURA DE DESCENDENTES DE ITALIANOS EM
ENCANTADO/RS**

Francis Calvi

Lajeado, julho de 2015

Francis Calvi

**TRADICIONALISMO: RELAÇÕES ENTRE CULTURA GAÚCHA E
A CULTURA DE DESCENDENTES DE ITALIANOS EM
ENCANTADO/RS**

Monografia apresentado na disciplina
de Trabalho de Conclusão de Curso II,
Curso de História, Centro Universitário
UNIVATES, para obtenção do título de
licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando da
Silva Laroque

Lajeado, julho de 2015

AGRADECIMENTOS

À minha família, principalmente aos meus pais, Jorge e Leci que me deram todo os aportes necessários, não apenas neste trabalho, mas em toda minha vida e por serem exemplos de caráter.

À minha noiva Franciele, pelo apoio e compreensão, mesmo nos momentos que tivemos de nos privar em estarmos juntos. Pelo companheirismo durante este trabalho e também durante minha caminhada acadêmica. Por estar sempre de braços abertos e ser uma namorada carinhosa e dedicada.

Ao professor Dr. Luís Fernando da Silva Laroque, por ter aceitado a orientação nesta empreitada e por ter contribuído com suas observações e conselhos.

Aos demais professores do curso de história da Univates, que contribuíram, cada um de uma forma para minha formação acadêmica e intelectual.

Aos entrevistados que dispuseram de seu tempo para conversar e expor suas memórias e opiniões.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para este trabalho.

RESUMO

O presente trabalho visa analisar como os descendentes de imigrantes italianos do município de Encantado abraçaram o tradicionalismo gaúcho. Para tanto, nos apoiamos em fontes documentais como as atas do Centro de Tradições Gaúchas Giuseppe Garibaldi, do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi e do Departamento de Tradições Gaúchas Guardiões de Encantado, bem como entrevistas com indivíduos ligados ao tradicionalismo gaúcho e a cultura dos descendentes de colonizadores italianos. As fontes bibliográficas consultadas incluem livros, jornais, artigos científicos e trabalhos acadêmicos, as quais foram analisadas tomando como base teórica aportes da cultura e da etnicidade. Desta forma, foi possível expor um breve levantamento histórico do Rio Grande do Sul, do Movimento Tradicionalista Gaúcho e das entidades responsáveis por divulgar esta cultura no contexto local. Campo escolhido para a presente pesquisa, o município de Encantado é fruto dos grandes movimentos migratórios ocorridos no século XIX com a vinda de imigrantes italianos ao Brasil, em particular ao Rio Grande do Sul. Considerando essa característica, buscou-se conhecer os costumes da região, trabalhando aspectos da cultura dos descendentes de colonizadores italianos presentes atualmente no município. Neste sentido, serão analisados como os elementos das culturas gaúchas e italianas manifestam-se e relacionam-se com os centros de tradição gaúcha em Encantado. Os resultados preliminares apontam para um entrelaçamento entre elementos que compõem a cultura italiana e o tradicionalismo gaúcho, resultando em um fenômeno denominado hibridismo cultural.

Palavras-chave: Tradicionalismo. Rio Grande do Sul. Elementos da cultura italiana. Encantado.

LISTA DE ABREVIATÓES

CORSAN – Companhia Riograndense de Saneamento.

CTG – Centro de Tradições Gaúchas.

CTGGG – Centro de Tradições Gaúchas Giuseppe Garibaldi.

DTG – Departamento de Tradições Gaúchas.

DTGGR – Departamento de Tradições Gaúchas Guardiões do Rio Grande.

ENART – Encontro de Artes e Tradições Gaúchas.

FEGART – Festival Estadual de Arte Popular e Folclore.

GAN – Grupo de Artes Nativas.

GANAG – Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi.

MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 O RIO GRANDE DO SUL E A DIFUSÃO DO TRADICIONALISMO GAÚCHO	19
2.1 Elementos históricos e culturais formativos do Rio Grande do Sul ...	19
2.2 Instituições difusoras das tradições rio-grandenses.....	23
3 O PROCESSO DE IMIGRAÇÃO E A CULTURA ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL	37
3.1 A imigração da Itália para o Brasil	37
3.2 A colonização italiana no Rio Grande do Sul	41
3.2.1 A Colônia Encantado	46
4 AS ENTIDADES TRADICIONALISTAS EM ENCANTADO	55
4.1 CTG Giuseppe Garibaldi	55
4.2 GAN Anita Garibaldi	61
4.3 DTG Guardiões do Rio Grande	65
5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS ELEMENTOS CULTURAIS ENTRE O TRADICIONALISMO GAÚCHO E A CULTURA ITALIANA.....	70
5.1 Ingresso e participação de descendentes de italianos em movimentos tradicionalistas de Encantado.....	70
5.2 Dialeto italianos e tradicionalismo em Encantado	75
5.3 A indumentária envolvendo o tradicionalismo e descendentes de italianos.....	79

5.4 O cavalo no tradicionalismo e na cultura italiana	83
5.5 A culinária italiana e o tradicionalismo	87
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS.....	97
Documentais.....	97
Bibliográfica.....	100
APÊNDICES	106
APÊNDICE A – Roteiro Semi-Estruturado de Entrevista com Patrões e ex-patrões.	107
APÊNDICE B – Roteiro Semi-Estruturado de Entrevista Simpatizantes dos elementos culturais gaúchos e da cultura italiana.....	108
APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)	109
ANEXOS	110
ANEXO A – Teatro Simulação alusivo a instalação do município de Encantado em 1915.	111
ANEXO B – Desfile no centro de Encantado como parte das festividades da XXII Semana Italiana.....	112
ANEXO C – Almoço e baile no CTG Giuseppe Garibaldi como parte das festividades da XXII Semana Italiana	113
ANEXO D – Apresentação na igreja da comunidade Santo Agostinho.....	114
ANEXO E – Confraternização Mega Filó.	115
ANEXO F – O Primeiro Galpão do CTG Giuseppe Garibaldi.	116
ANEXO G – O Esteio Fundamental do Galpão do CTG Giuseppe Garibaldi.	117
ANEXO H – Missa Crioula.....	118
ANEXO I – Atual galpão do CTG Giuseppe Garibaldi.	119
ANEXO J – Grupo de danças italianas do GAN Anita Garibaldi	120

1 INTRODUÇÃO

A idealização das tradições gaúchas surge em 1947, com a criação do Departamento de Tradições Gaúchas anexo ao Grêmio Estudantil do colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. No ano seguinte, é criado o 35 CTG, que serviria de modelo para tantas outras entidades tradicionalistas. No entanto, o cultivo das tradições iniciou ainda no século XIX, com o Partenon Literário, fundado em 1868 durante a Guerra do Paraguai. Esta entidade possibilitou a publicação de diversos trabalhos referentes à cultura gaúcha, além de institucionalizar o mito envolvendo a figura heróica do gaúcho. Fundada em 1898, outra importante entidade de divulgação das tradições gaúchas foi o Grêmio Gaúcho, local que organizava festas, desfiles de cavalariáns, palestras, dentre outras atividades orientadas à manter vivas as tradições. (OLIVEN, 1991, 1992, 1993; GONZAGA, 1996).

Após a fundação do 35 CTG, inúmeros outros centros de tradições gaúchas se espalharam pelo Estado, pelo Brasil e chegaram a outros países. O segundo CTG foi fundado em Taquara em 1948, sendo que a expansão dos centros de tradições iniciou em regiões de imigração alemã. No Vale do Taquari, ainda na década de 1950, surgem os primeiros centros de tradições, tais como o CTG Bento Gonçalves em Lajeado, o CTG Pelego Branco em Taquari, e o CTG Querência da Amizade em Bom Retiro do Sul (OLIVEN, 1991, 1992, 1993; GONZAGA, 1996; MOREIRA, 2001).

Os quadros sociais dos Centros de Tradições Gaúchas abrangem diversas etnias, entre elas a italiana. É curioso analisar esta relação nesses ambientes, pois as duas culturas convivem harmonicamente. Em Encantado, município predominantemente com descendência italiana, existem 3 entidades tradicionalistas. A primeira a surgir foi o CTG Giuseppe Garibaldi, a segunda em 1994 com o GAN Anita Garibaldi, e em 2004, o DTG Guardiões do Rio Grande.

Salienta-se a existência de vários trabalhos sobre o tradicionalismo gaúcho, a imigração e cultura italiana, mas ainda é escassa a bibliografia sobre a relação entre o tradicionalismo gaúcho e a cultura dos descendentes de italianos. No Vale do Taquari, Jorge Moreira (2001; 2012; 2014), relatou a história dos CTGs Giuseppe Garibaldi de Encantado e Sentinela da Tradição de Muçum e do GAN Anita Garibaldi, também de Encantado. Soraia Steinhofel (2007) trabalhou em sua Monografia de Conclusão de Curso em História a indumentária gaúcha com base no CTG Bento Gonçalves de Lajeado, e Scheila D. Marcelino (2012) abordou em seu Trabalho de Conclusão do Curso em Educação Física, o significado das danças para um grupo de participantes do CTG Erva Mate de Venâncio Aires.

O presente trabalho tem como marco temporal o período entre os anos de 1961 a 2004. A delimitação inicial é o ano de 1961 em decorrência de ser o ano da fundação da primeira entidade tradicionalista de Encantado, o CTG Giuseppe Garibaldi, e a final o ano de 2004 que compreende a fundação da terceira entidade, o DTG Guardiões do Rio Grande.

Como delimitação espacial, o campo estudado restringe-se ao município de Encantado, pertencente ao Vale do Taquari, localizado na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, no estado do Rio Grande do Sul.

A partir de 1948, os gaúchos cultivaram suas tradições espalhando CTGs pelo mundo. Muitos desses gaúchos foram descendentes das diversas etnias que povoaram o Rio Grande do Sul, a exemplo dos portugueses, alemães e italianos. Dentre estes, selecionamos os italianos, que a partir dos primeiros imigrantes, estabeleceram suas colônias e preservaram seus costumes. Diante desses elementos iniciais, o problema de pesquisa é: Como os descendentes de italianos do município de Encantado/Rio Grande do Sul, abraçaram o tradicionalismo gaúcho?

No que tange ao problema traçado, a hipótese prevista é que os CTGs são considerados como um dos ambientes de lazer mais acessíveis para a maioria da população, locais democráticos onde qualquer pessoa pode entrar para um CTG, participar de suas atividades e até mesmo tornar-se patrão ou patroa. Para muitos descendentes de italianos, os Centros de Tradições Gaúchas podem ter sido a única forma que encontraram para socializar-se com o restante da comunidade. Ao mesmo tempo em que os descendentes de italianos encontraram nos CTGs um meio de inserção na comunidade, ao ingressarem no quadro social também tendem a gozar de certa ascensão social. Ou seja, ser imigrante italiano ou descendente deste associava-se ao termo “colono”, denominação de cunho pejorativo, atribuído a pessoas sem status na sociedade. Assim, descendentes de italianos, ao menos quando estão cultuando as tradições gaúchas, em termos de representatividade, passam ser visto como os demais gaúchos e, portanto também brasileiros.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar a relação entre o tradicionalismo gaúcho e a cultura italiana em Encantado. Como objetivos específicos, pretende-se:

- a) Estudar o passado do Rio Grande do Sul e caracterizar o tradicionalismo gaúcho;
- b) Identificar elementos do tradicionalismo gaúcho e da cultura dos descendentes de italianos;
- c) Identificar particularidades da cultura gaúcha e da cultura italiana em Encantado;
- d) Apresentar e caracterizar as entidades tradicionalistas em Encantado;
- e) Analisar motivações que levaram os descendentes de italianos a adotarem o tradicionalismo gaúcho em Encantado, e os resultados deste processo.

Salienta-se que a tradição gaúcha contempla uma face da história do Rio Grande do Sul, cultuando os grandes feitos de seu povo, seus heróis e heroínas, apresentando o gaúcho a partir de suas danças, seus hábitos, culinária, seu modo de ser. A mesma semelhança ocorre com a cultura italiana, que é transmitida de geração em geração pelos imigrantes, através do dialeto e também com as danças, culinária e o modo “gringo” de ser. No Rio Grande do Sul, como também em outros locais do Brasil, culturas diferentes entrelaçam-se formando uma única identidade. A peculiaridade do presente estudo está no fato de que Encantado, cidade colonizada por italianos e seus descendentes, ainda não foi objeto de nenhuma análise relacionando exclusivamente os centros de tradições gaúchas com a cultura italiana.

Como referencial teórico, serão utilizados autores que trabalham o conceito de cultura e tradição. Clifford Geertz (1989, p. 15) defende o conceito de cultura, “acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu”. Para compreender a cultura de um povo, temos que agir como “ator”, pois quanto mais enxergamos os elementos como este povo enxerga, mais compreensíveis e lógicos eles se parecem.

Já para José L. dos Santos, que problematiza o conceito de cultura, este conceito possui diversas facetas. Segundo o autor, cultura não é algo estagnado, acabado, muito pelo contrário, as culturas são dinâmicas, além de não serem vistas como algo natural, mas sim um produto coletivo da vida humana. Durante seu desenvolvimento, a “[...] humanidade está marcada por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida sócia, de se apropriar de recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la” (SANTOS, [1992], p. 7). Cada cultura tem suas particularidades, portanto, hoje não admite-se mais hierarquizá-las usando determinados critérios, ou dizer que uma é mais avançada ou desenvolvida do que a outra.

Segundo Peter Burke (2003), nenhuma cultura é uma ilha e não existe culturas puras, as trocas culturais acontecem em uma “zona de comércio” e muitas vezes, as fronteiras que definem onde se inicia uma cultura, e onde começa a outra, não são muito claras. Analisando contatos entre culturas, o autor traz diversas situações de hibridismo cultural.

Fredrik Barth (1998), salienta que as diferenças podem permanecer mesmo com o contato entre culturas. Além disto, o autor contraria “[...] a visão simplista de que o isolamento geográfico e social tenham sido os fatores críticos para a sustentação da diversidade cultural” (BARTH, 1998, p. 188).

Em relação à tradição, Eric Hobsbawm (2002), discute o conceito indicando que as tradições são inventadas, onde elementos antigos costumam ser reutilizados. Segundo este autor:

A utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastantes originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e

sempre há uma abordagem elaborada. Composta de práticas e comunicações simbólicas (HOBBSAWM, 2002, p. 14).

John Kenneth Galbraith (1986), analisa em sua obra as relações de poder. Para o autor, a noção mais simples de poder consiste quando alguém ou algum grupo está impondo sua vontade a outros, mesmo a contragosto. Os indivíduos almejam o poder para responder a suas próprias preferências.

Referente à memória, Jacques Le Goff (2003) salienta que é um elemento essencial para a definição de identidade, seja ela individual ou coletiva. Segundo o autor, “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 419).

Sendo assim, teremos como base estes conceitos de cultura, tradição, poder e memória, para realizar esta pesquisa.

Referente às palavras gaudério e gaúcho, Augusto Meyer (Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1957) investiga em “documentos de uma e outra banda” (MEYER, 1957, p. 17) como esses dois termos surgem. A expressão “gaudério” aparece inicialmente por volta da segunda metade do século XVIII, já o termo “gaúcho” surge anos mais tarde, originada a partir do primeiro. Ambas as expressões carregam um sentido pejorativo, referindo-se a ladrão de gado, vagabundo.

O italiano Giovani Toldo, publica no ano de 1984, a história de São Pedro de Valdástico, da Província de Vicenza, região do Veneto, na Itália. Na referida obra, o autor faz menção às 16 famílias de emigrantes da localidade que partiram para o Brasil e após migrações internas, fundaram a localidade de São Pedro de Encantado, denominada mais tarde, apenas como Encantado.

Outro autor importante para este estudo é Ruben G. Oliven. No artigo “Em busca do tempo perdido: o Movimento Tradicionalista Gaúcho” publicado na Revista Brasileira de Ciências Sociais (1991), bem como no livro intitulado “A parte e o Todo: diversidades do Brasil-Nação” (1992), onde faz um histórico do MTG citando a fundação do Partenon Literario em 1868, e do Grêmio Gaúcho em 1898. Aborda

também o processo iniciado no colégio Júlio de Castilhos em 1947 com a criação do Departamento de Tradições Gaúchas, a primeira Ronda Gaúcha, o traslado dos restos mortais de Davi Canabarro promovido pelo governo do Estado e que culminou na criação do primeiro CTG, o 35 CTG em 1948 (OLIVEN, 1991).

O autor ainda menciona a criação do segundo CTG em Taquara, região de imigração alemã, o CTG Fogão Gaúcho, fundado em agosto de 1948, e como os tradicionalistas estranharam o fato do tradicionalismo se expandir primeiro em áreas de imigração europeia, indicando possíveis motivos que levaram os descendentes de alemães e italianos a ingressarem nos CTGs. Por fim, o autor apresenta os principais Congressos Tradicionalistas, realizados de ano em ano a partir de 1954 e seus resultados, como a criação do MTG no Congresso de Tramandaí em 1966, além das leis que deram maior respaldo ao Tradicionalismo. Oliven salienta que é relativamente fácil fundar um CTG e que muitos surgiram após disputas internas nos Centros de Tradições, além dos associados gozarem de certa ascensão social ao ingressarem no quadro social das entidades tradicionalistas (OLIVEN, 1991).

Na obra de Sergius Gonzaga “As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura” organizada por ele e por José Dacamal no livro “RS: cultura e ideologias” (1996), há um resumo da ocupação do Estado, iniciado com os jesuítas e depois por homens errantes que vinham em busca do gado, conhecidos por gaudérios ou gaúchos. Segundo o autor, esses gaúchos surgiram da miscigenação entre indígenas e europeus, e devido às suas habilidades nas lidas campeiras, com o passar do tempo foram incorporando-se aos latifúndios. Já aqueles que não se adaptaram às fazendas ou aos destacamentos militares, foram perseguidos.

Para o autor, em meados do século XIX, a figura marginal do gaúcho estava extinta, podendo ressurgir “como instrumento de sustentação ideológica dos mesmos grupos que a tinham destruídos” (DACAMAL, 1996, p. 118). Surge então um novo gaúcho mistificado, e na Revolução Farroupilha de 1835, a imagem positiva do gaúcho já era utilizada para insuflar os soldados com “os valores da rude vida campeira: destemor, força e astúcia” (DACAMAL, 1996, p. 118). O autor também destaca as modificações econômicas e políticas ocorridas no Rio Grande do Sul a partir de 1870, especialmente com os cercamentos dos campos, introdução de novas raças de gado e ampliação da rede de transportes causando modernização na campanha. No final

do século XIX surge o Partenon Literário, que publicou durante alguns anos a “Revista Mensal”, com as obras culturais de vários autores. O autor chama a atenção para o fato de que o primeiro trabalho que conferia ao gaúcho a figura de “herói inteiriço”, foi de um autor que não conhecia o Sul, José de Alencar em *O Gaúcho* de 1870.

Jorge Moreira na sua obra “CTG Giuseppe Garibaldi: sua história, seus pioneiros” (2001), apresenta a história da primeira entidade tradicionalista de Encantado, embasado em documentos e principalmente em sua memória. O autor é um dos membros fundadores da entidade e exerceu a função de patrão em três oportunidades. Atualmente é Conselheiro Benemérito do MTG. Até então, esta é a única obra sobre o CTG Giuseppe Garibaldi. Nos mesmos moldes da obra sobre o “Giuseppe”, este autor publicou em 2012, outro livro sobre o CTG Sentinela da Tradição de Muçum (MOREIRA, 2012), e que também é a única obra referente ao tradicionalismo na cidade de Muçum. Em 2014, Moreira edita sua terceira obra relacionada às entidades tradicionalistas do Vale do Taquari, intitulada “20 anos do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi: uma história de tradição e família” (MOREIRA, 2014), em que o autor relata a história da entidade baseado nas atas oficiais. Por serem as mesmas de caráter público, optou-se, portanto, em obter as informações diretamente nas atas do “Anita”.

Sandra Pesavento em seu estudo “História do Rio Grande do Sul” (2002), analisa a história do Rio Grande do Sul, partindo da chegada dos primeiros europeus no século XVI. Segundo a autora, o então Rio Grande de São Pedro, não interessava à coroa Portuguesa, pois não possuía quesitos essenciais para a exploração colonial, como extração mineral ou produção agrícola. Por isso o “Rio Grande do Sul integrou-se tardiamente ao resto do Brasil colonial” (PESAVENTO, 2002, p. 7).

Na obra de Álvaro Santi, “Do Partenon à Califórnia: o nativismo e suas origens” (2004) são revisitadas as “Origens do Nativismo”, segundo capítulo de sua obra onde descreve sobre os antecedentes do nativismo, o Partenon Literário, o Grêmio Gaúcho e o 35 CTG, núcleos que mais tarde viabilizaram a criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

No estudo “Entre representações e estereótipos: o tipo gaúcho como expressão na música gravada no século XX”, Oliveira (2007) identifica elementos que fazem

referência à identidade do gaúcho através da música regional. Analisando as letras e as músicas, a autora constatou uma grande diversidade de recursos, como a performance vocal e de instrumentos característicos que integram a canção típica do gaúcho, como a gaita, introduzida por um italiano e que hoje faz parte dos instrumentos típicos do gaúcho. Analisando as canções, o autor discute as representações da identidade gaúcha nas músicas gravadas, nas trovas, nos festivais de canção nativa, no teatro e no cinema, além de apresentar os principais artistas e as peculiaridades alusivas a esta temática.

Apresentada em 2007 e orientada pelo prof. Dr. Luís Fernando da Silva Laroque, a monografia de Soraia Steinhoefel explana o surgimento e consolidação do tradicionalismo. O trabalho enfoca o CTG Bento Gonçalves, fundado em 1954 na cidade de Lajeado, e a indumentária utilizada pelos participantes da entidade tradicionalista, bem como o tradicionalismo no Vale do Taquari.

Em qualquer estudo referente a Encantado, é fundamental citar o escritor Gino Ferri, o qual publicou diversas obras alusivas ao município. Em seu livro “Encantado II: sua história, sua gente” (2007), é apresentada uma explanação histórica completa sobre a cidade.

O texto de Paulo R. F. Cirne parte da obra organizada por Sandra S. Careli e Luiz Claudio Knierim (2011), apresenta em tópicos, como o tradicionalismo gaúcho surgiu, se estruturou e se expandiu, mostrando inicialmente as instituições que o antecederam – como a Sociedade Sul-rio-grandense, fundada em 1851 por um porto-alegrense no Rio de Janeiro, então Capital do Império, o Partenon Literário, o Grêmio Gaúcho, entre outros clubes. Segundo o autor, no final da década de 1940, “a sobrevivência da cultura rio-grandense estava ameaçada pelo modismo ditado pelos estrangeirismos” (CIRNE, 2011, p. 267), ou seja, apresentar-se perante a sociedade como “campeiro” era motivo de chacota. Ao mesmo tempo, os veículos de comunicação de massa disseminavam as tendências estrangeiras. Nesse contexto surge no colégio Júlio de Castilhos, situado na Capital Gaúcha, um Departamento de Tradições Gaúchas anexo ao Grêmio Estudantil. Na sequência, surge o 35 CTG, e mais tarde, em um dos Congressos anuais promovidos pelos tradicionalistas, o MTG.

Outra monografia, de Scheila Daisy Marcelino (2012) orientada pela prof^a. Ms. Silvane Fensterseifer Isse, analisa um grupo de participantes de um curso de danças tradicionalistas no CTG Erva Mate de Venâncio Aires, revelando a importância e significância que as danças tradicionalistas tiveram para esse grupo. Marcelino também explana sobre a tradição e a cultura do Rio Grande do Sul, a exemplo da inserção das danças e o surgimento do Encontro de Artes e Tradições Gaúchas (ENART), denominado inicialmente como Festival Estadual de Arte Popular e Folclore (FEGART). Além de mostrar a arte e os talentos gaúchos através de competições, esses festivais também cumpriram o papel de diminuir os índices de evasão escolar (MARCELINO, 2012).

Todas essas obras contribuirão para este estudo, pois abrangem a história do Rio Grande do Sul, do tradicionalismo no Estado, no Vale do Taquari e em Encantado.

Esta pesquisa será abordada através do método qualitativo-explicativo, pois procuraremos identificar e explanar as relações entre o tradicionalismo gaúcho e a cultura italiana, além das motivações que levaram descendentes de italianos, a se integrarem a cultura gaúcha. Segundo Antônio de Figueiredo e Soraia de Souza temos:

O método qualitativo fundamenta-se em informações deduzidas das interações interpessoais e da coparticipação dos informantes. O pesquisador é um participante ativo, ele interage em todo o processo, compreende, interpreta e analisa os dados a partir da significação das informações coletadas (FIGUEIREDO; SOUZA, 2011, p. 97).

Sobre as pesquisas explicativas, Antonio Carlos Gil enfatiza:

Têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas (GIL, 2012, p. 28).

A coleta de dados diz respeito ao levantamento e análise de fontes primárias, como quatro atas das três entidades tradicionalistas de Encantado, oito entrevistas com indivíduos ligados ao tradicionalismo gaúcho e/ou com a cultura dos descendentes de colonizadores italianos, realizadas entre 2013 e 2015, fontes bibliográficas, tais como livros, jornais, publicações científica disponíveis ou não em ambientes virtuais, trabalhos acadêmicos, artigos científicos, entre outros. Também foram utilizados os diários de campo e o roteiro semi-estruturado de questões para

entrevistas, as quais foram posteriormente degravadas (APÊNDICE A; APÊNDICE B). Após o devido esclarecimento sobre os objetivos e fins do trabalho, salienta-se que cada entrevistado procedeu à assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE C).

Este trabalho buscou registrar o relato de alguns tradicionalistas da cidade de Encantado, ou seja, indivíduos que cultuam as tradições gaúchas, e que de alguma forma estão/estiveram ligados às entidades tradicionalistas do município. Também buscou-se obter o depoimento de sujeitos que, de alguma maneira, preservam a cultura italiana no contexto local. Deve-se salientar que muitos dos entrevistados declararam cultivar as duas culturas, a gaúcha e a de descendentes de colonizadores italianos.

A História Oral tomada como metodologia serviu para captar informações da memória e registrá-la em forma de texto, proporcionando assim um complemento para a história de Encantado. A metodologia da História Oral possibilita o registro de informações que muitas vezes não se encontram nos documentos, bem como dar voz a sujeitos que ainda não foram ouvidos.

O uso da história oral, portanto deveria ser aplicada onde os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada prezados pelos documentos formalizados em códigos dignificados por um saber acadêmico que se definiu longe das políticas públicas. Aspectos subjetivos, deformações de fatos, mentiras, fantasias, ilusões, seriam, pois elementos consideráveis para quem procura mais do que “verdade” os motivos das “inverdades” (MEIHY, 2006, p. 197-198).

Ao optar pelo uso da história oral, deve-se ter o cuidado de observar que o entrevistado busca em sua memória os fatos e versões dos possíveis acontecimentos os quais testemunhou. Como a memória é seletiva, o indivíduo dará a importância de acordo com o significado que aquele evento teve para si, inserido em um contexto mais amplo. Nessa perspectiva, afirma-se que “essa memória não é resultado apenas de experiências individuais, mas do meio social onde ela se desenvolveu” (SOUZA; CRIPPA, 2010, p. 75). Além disso, o entrevistado, ao ter consciência que a entrevista será usada posteriormente e também por falar para pessoas de fora de seu círculo de confiança, pode falar o que achar conveniente, correto.

O contato inicial com os entrevistados ocorreu previamente por telefone ou pessoalmente. Já no primeiro contato, foram descritos os procedimentos e a forma como a entrevista seria realizada, bem como a posterior utilização dos dados na pesquisa.

Com o objetivo de nortear as entrevistas, foi elaborado um roteiro prévio de questões, mas no decorrer da conversa outras questões foram incorporadas ao roteiro original (CHEMIN, 2015). O foco das entrevistas foram patrões e ex patrões do CTG Giuseppe Garibaldi, GAN Anita Garibaldi, e do “Guardiões”, bem como prendas, peões e ex participantes das referidas entidades. Também foram entrevistados escritores encantadenses.

O presente trabalho divide-se em cinco capítulos. O primeiro capítulo é a introdução, onde aparece a apresentação da pesquisa, os objetivos, problema e hipótese, justificativa, aportes teóricos e metodologia.

No segundo capítulo, intitulado “O Rio Grande do Sul e a difusão do tradicionalismo gaúcho”, será realizado um breve levantamento histórico sobre o Estado do Rio Grande do Sul e a história do gaúcho. Também serão vistos o surgimento e a expansão do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), iniciado com o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre, abrindo caminhos para a fundação, em 1948, da primeira entidade tradicionalista, o 35 CTG. Esse percurso foi revisitado até o surgimento das primeiras entidades tradicionalistas em Encantado. Importante constar também, que o MTG não foi o primeiro movimento que procurou preservar as tradições gaúchas, pois ainda em 1868, é fundada a Sociedade do Partenon Literário e em 1898, o Grêmio Gaúcho.

No terceiro capítulo, “O processo de Imigração e a cultura italiana no Rio Grande do Sul”, abordaremos o processo migratório ocorrido no século XIX que culminou com a vinda de imigrantes italianos para o Brasil, em particular ao Rio Grande do Sul. Nesse contexto, surge a Colônia Encantado, onde serão elencados aspectos da cultura dos descendentes de colonizadores italianos, cujos costumes mantêm-se presentes no município até a atualidade.

No quarto capítulo, “As entidades tradicionalistas em Encantado”, serão apresentadas as três entidades tradicionalistas existentes no município, o Centro de Tradições Gaúchas Giuseppe Garibaldi, o Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi e o Departamento de Tradições Gaúchas Guardiões o Rio Grande, através de um breve histórico de cada uma delas, desde a fundação. Nesse contexto, importante mencionar que duas entidades surgiram após desavenças internas de dentro do CTG Giuseppe Garibaldi, em momentos diferentes.

Com base nos depoimentos de indivíduos ligados ao tradicionalismo gaúcho e à preservação da cultura dos descendentes de colonizadores italianos, o quinto e último capítulo intitulado “Análise comparativa dos elementos culturais entre o tradicionalismo gaúcho e a cultura italiana”, serão vistos de que modo estas duas culturas são vivenciadas pelos entrevistados. Analisaremos assim, como os depoentes relacionam-se com elementos culturais como o dialeto, indumentária e culinária. Entre os entrevistados, constata-se a existência significativa de descendentes de colonizadores italianos que cultivam as tradições gaúchas até os dias de hoje.

2 O RIO GRANDE DO SUL E A DIFUSÃO DO TRADICIONALISMO GAÚCHO

Neste capítulo, serão revisitadas a formação e ocupação do território atual do Rio Grande do Sul. Em seguida, serão vistas as instituições que desde o século XIX divulgam a cultura gaúcha, enfatizando o processo de surgimento e expansão do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), até seu estabelecimento no município de Encantado.

2.1 Elementos históricos e culturais formativos do Rio Grande do Sul

Considerando o contexto histórico, é importante salientar que, nos primeiros anos após o oficial descobrimento do Brasil, o território do atual Estado do Rio Grande do Sul pouco interessava à Coroa Portuguesa, sendo integrado tardiamente. Oliveira (2002) sustenta que a integração definitiva do Rio Grande do Sul aos domínios portugueses ocorreu apenas em 1801, permanecendo assim, por cerca de 300 anos aos domínios da Coroa Espanhola. Para Sandra Pesavento (2002), o Rio Grande do Sul não atraía a atenção da coroa Portuguesa, pois não respondia aos interesses da época.

A exploração colonial assentava-se basicamente em produção já existente nas áreas coloniais (as riquezas minerais, por exemplo) ou em formas de produção agrícolas aqui instaladas segundo os interesses e necessidades do capitalismo nascente (caso do açúcar) (PESAVENTO, 2002, p. 8).

Posteriormente, chegariam os jesuítas, cujo intuito era missionar os indígenas e utilizá-los como mão-de-obra. A introdução do gado na América possui várias versões. Reverbel (1986), por exemplo, indica que o gado era introduzido no Brasil através de três pontos, São Vicente, Pernambuco e Bahia. Já no entender de Camargo (1999), o gado foi conduzido até o Peru pelos irmãos Góis, em 1555, e nas reduções espanholas pelos jesuítas, em 1634. Contudo, para garantir uma reserva, soltaram-no nas vacarias (CAMARGO, 1999).

Com a saída da Companhia de Jesus, no século XVIII, os campos continuaram sendo potencializados. Ainda durante as Missões, grupos de tropeiros vinham estimulados pelo comércio do gado, de mulas, e de índios para serem escravizados. O tropeirismo é de fundamental importância para a formação do atual Rio Grande do Sul, pois contribuiu para a incorporação do território do Brasil Meridional aos domínios portugueses. Somado a isto, temos também a fundação na localidade de Rio Grande do Forte, Jesus Maria José em 1737. No entanto, antes disto, em 1732, a Coroa Portuguesa já havia concedido sesmarias nos Campos de Tramandaí, território até então, conforme o tratado de Tordesilhas, pertencente a Coroa Espanhola (BARROSO, 2006).

Essa exploração dos campos pelos tropeiros buscava potencializar os recursos econômicos do território, pois “além do gado-em-pé, havia o couro, a graxa, o sebo, derivados, enfim, do gado presente nas vacarias, existentes nos campos de baixo e de cima da serra, ou seja, na Vacaria do Mar e na Vacaria dos Pinhais, respectivamente” (BARROSO, 2006, p. 177). Além disto, Barroso (2006) salienta que o trânsito das tropas foi responsável por abrir caminhos e alterar paisagens, desencadeando uma série de novos processos sociais:

A abertura de novos caminhos e a consolidação dos já existentes foram promovidas pela ação tropeira em muitos espaços, que na incorporação de áreas as dinamizaram e deram sentido econômico duradouro. A fixação humana no trilho das tropas determinou o nascimento de nucleações fundadas pela necessidade de garantir a sua passagem ou estabelecer o fisco e/ou a cobrança das mercadorias em trânsito. Nas imediações dos passos dos rios ou dos registros/guardas fiscais arrecadadoras (pedágios do tempo colonial), não poucas povoações foram plantadas. Os locais de pousos e internadas foram articuladores também de povoamento (BARROSO, 2006, p. 172-173).

A Coroa continuou distribuindo grandes latifúndios às pessoas consideradas “dignas”, ou seja, militares e homens de posse. As grandes propriedades garantiam à Coroa Portuguesa o domínio da terra e o couro proveniente da criação animal. Em busca deste couro, muitos homens solitários ou até mesmo em grupo, vagavam errantes pela Campanha. Conhecidos como gaudérios ou gaúchos, pouco se sabe sobre esses homens. Muitos surgiram das dispersões das missões, com o “estupro das índias”, sendo em sua maioria mestiços (GONZAGA, 1996). Ou até mesmo os próprios indígenas Guarani que fugiam das missões geralmente para cidades espanholas “mas as vezes também para bandos que ‘merodeavam’ na ‘terra de ninguém’, formando com Charrua e/ou Minuano os primeiros gaudérios: semente dos futuros gaúchos” (BRUXEL, 1975, p. 83-84).

As palavras gaudério e gaúcho surgem por volta da metade do século XVIII, e sua conotação pejorativa era “aplicada aos aventureiros paulistas que desertavam das tropas regulares, identificando-se com a vida rude dos coureadores e ladrões de gado” (ECHAVARRI apud MEYER, 1957, p. 17). Gonzaga (1996) sustenta que com o passar do tempo, esses homens foram sendo incorporados aos grandes latifúndios como mão-de-obra especializada, e foram usados como “bucha-para-canhão” nos destacamentos militares. Aqueles que não adaptaram-se à nova estrutura latifundiária-pastoril, sem abandonar suas vidas errantes, foram perseguidos.

Gutfreind (2006) destaca que na historiografia do Brasil, Uruguai e Argentina, o gaúcho aparece como representante do passado histórico. Na Argentina, a origem do gaúcho é associada aos primeiros povoadores da cidade de Santa Fé, em 1573. Os colonizadores, ao constituir família com as indígenas, tiveram filhos mestiços, com hábitos e costumes indígenas, tornando-se crioulos com o distanciamento da matriz da sociedade espanhola. Por sua vez, os uruguaio relacionam o gaúcho ao gaudério, como um homem livre que percorria os campos atrás de trabalhos temporários ou animais, a exemplo do gado chimarrão, do qual poderia tirar seu sustento, seja alimentando-se da carne ou comercializando o couro. Portanto, era considerado um vagabundo, ladrão de gado.

Já os historiadores rio-grandenses apontam as diferenças entre o gaúcho de origem espanhola e portuguesa, e que apesar de o gaúcho ser um mestiço, a relação com a escravidão e a índole pacífica dos lusitanos “[...] transformaram o gaúcho rio-

grandense num homem mais sedentário, mais responsável, menos agressivo, enfim, o *peão de estância*” (GUTFREIND, 2006, p. 247). No entanto, segundo o entendimento da autora, “[...] o gaúcho é o habitante de um espaço mais amplo, que abarca as Campanhas sul-rio-grandenses, uruguaia e argentina” (GUTFREIND, 2006, p. 247).

Os primeiros relatos que dão conta do perfil social do gaúcho no Rio Grande do Sul, foram feitos, segundo Albeche (1996), por viajantes estrangeiros ainda no século XIX, destacando-se Saint-Hilaire e Nicolau Dreys. Para estes viajantes, o meio geográfico é responsável pela formação do caráter dos indivíduos, conforme segue:

Os hábitos carnívoros dos habitantes desta capitania os tornam cruéis e sanguinários. Na batalha de Taquarembó, massacraram, covardemente, mulheres e crianças e teriam matado todos os prisioneiros se os oficiais a isso não se opusessem (SAINT-HILAIRE, 2002, p. 66).

Ainda em Albeche (1996), a imagem do gaúcho passa por uma mudança nos testemunhos destes viajantes, ao passo que Sant-Hilaire, considera o gaúcho vivendo à margem da sociedade, um bandido e pilhador. Já Nicolau Dreys, indica que o gaúcho, mesmo sendo visto como um marginal devido à sua origem mestiça e hábitos gaudérios, é um trabalhador de estâncias ou das charqueadas. De qualquer forma, Albeche (1996) assevera que na visão de ambos os viajantes, o gaúcho descrito ainda não é o símbolo do Rio Grande do Sul.

Conforme assevera Ieda Gutfreind (2006), a sociedade rio-grandense foi formada por diferentes etnias, entre elas índios, negros, brancos e mestiços. Nesse contexto, conviviam juntos em território sulino vários grupos sociais, como charqueadores, estancieiros, peões, lavradores, militares e soldados. No entanto, a autora salienta que, atualmente, no imaginário coletivo da sociedade, “[...] a multiplicidade de grupos sociais desaparece e sobressai-se um único tipo, o gaúcho (GUTFREIND, 2006, p. 241).

A mestiçagem do gaúcho, aliás, da sociedade latina americana, é magistramente trabalhada por Oliveira (2002), ao afirmar que os ditos espanhóis e portugueses já eram sujeitos híbridos, resultado do cruzamento entre europeus e indígenas americanos. Para a autora, “nossa sociedade é mestiça, nosso sangue é mestiço, nossa cultura é mestiça” (OLIVEIRA, 2002, p. 2).

Em meados do século XIX, a figura marginal do gaúcho estava praticamente extinta, podendo assim renascer “como instrumento de sustentação ideológica dos mesmos grupos que a tinham destruídos” (GONZAGA, 1996, p. 118). Como um tipo social é extinto, constrói-se um novo sujeito, mistificado, corajoso, leal, exemplo de herói. Para o referido autor, a origem da imagem positiva do gaúcho remete ao ano de 1835, início da Revolução Farroupilha, onde os comandantes rebeldes representavam o protótipo de valentia e modelo a ser seguido por seus recrutas. Os peões recebiam “injeções” ideológicas com “os valores da rude vida campeira: destemor, força, astúcia, etc.” (GONZAGA, 1996, p. 119).

A personificação definitiva do mito do gaúcho deu-se no período em que acirra-se a concorrência entre a pecuária rio-grandense e os saladeiros platinos no início do século XX. Segundo Sergius Gonzaga (1996),

Foi preciso agitar a imagem do gaúcho para os grupos dominantes do centro do país. Alertá-los para a presença de um homem-coletivo, digno e generoso, mas irremovível na defesa de sua “honra” e de seus “direitos” [...] Aviso, ameaça, reivindicação: insistia-se na força guerreira e na expressividade popular do tipo sulino (GONZAGA, 1996, p. 121).

Por volta de 1870, o Rio Grande do Sul sofre uma série de alterações em seu quadro político e econômico. Além da introdução de novas espécies de gado, o processo de cercamento dos campos e ampliação da rede viária promoveu uma modernização sem precedentes na campanha. Somado a isto, o povoamento da metade norte do Estado e a intensificação das atividades agrícolas por imigrantes europeus acarretou a simplificação das lidas campeiras, fazendo com que muitas tarefas antes essenciais, como dos posteiros e agregados, deixassem de existir (OLIVEN, 1991, 1992, 1993; GONZAGA, 1996). O Rio Grande do Sul estava em plena transformação, contexto no qual a figura do gaúcho foi sendo forjada.

2.2 Instituições difusoras das tradições rio-grandenses

Dentre as instituições difusoras das tradições gaúchas, está o Partenon Literário. Fundada em 1868, durante a Guerra do Paraguai (1864 a 1870). Esta entidade foi concebida por intelectuais e letrados em Porto Alegre,

Que, em quase duas décadas de atividades, criou uma escola noturna gratuita, um museu, uma biblioteca, organizou conferências e encenações teatrais. Sua realização mais efetiva do ponto de vista literário, porém, foi a Revista do Partenon Literário, através da qual tiveram oportunidade de vir à luz escritos de uma centena de autores gaúchos (SANTI, 2004, p. 28).

A Revista do Partenon Literário surgiu em 1869, circulando com algumas interrupções até 1879. Por alguns momentos operou com periodicidade mensal, e por outros quinzenal (MARTINS; VILLAS-BÔAS, 1976). Segundo Zilberman (1992), a literatura sulina desenvolveu-se lentamente, em grande medida pelas circunstâncias do meio, tais como cidades pequenas, poucos instrumentos de difusão e dependência poética do Rio de Janeiro. O recurso encontrado pelos intelectuais, portanto, foi reunir suas publicações em jornais literários. Ainda segundo o mesmo autor, o papel do Partenon não restringe-se apenas à Porto Alegre, e sim por toda Província gaúcha, pois possuía sócios na maioria das cidades do interior. Sobre as publicações da Sociedade do Partenon Literário temos:

[...] um espectro de ação bastante amplo, pois englobava não apenas objetivos literários, mas também filantrópicos e sociais. Suas atividades estendiam-se a diferentes áreas, expressando preocupações com a abolição da escravatura ou a educação noturna para adultos (ZILBERMAN, 1992, p. 13).

Os intelectuais e letrados do Partenon, “tentavam juntar os modelos culturais vigentes na Europa com a visão positivista da oligarquia rio-grandense, através da exaltação da temática regional gaúcha” (OLIVEN, 1992, p. 71). Apolinário Porto Alegre, autor influente no grupo, “por ser adepto à causa republicana, suas obras exaltam os símbolos de um tempo de glórias, contextualizados pelos ideais da Revolução Farroupilha 1835/45 (ALBECHE, 1996, p. 18).

O Partenon foi responsável por dar visibilidade às primeiras aparições sobre a figura heroica do gaúcho. Distorceram a Revolução Farroupilha invisibilizando elementos essenciais para a construção do mito do gaúcho: potencializou-se honra, liberdade e igualdade em detrimento dos motivos econômicos e as diferenças sociais de grupos tradicionalmente excluídos.

Mesmo com a produção literária do Partenon, Gonzaga (1996), chama a atenção para o fato de que o primeiro trabalho que conferia ao gaúcho a figura de “herói inteiriço”, foi fruto de José de Alencar em *O Gaúcho* de 1870. Este autor não era do sul, tampouco conhecia em profundidade seus elementos culturais. Sobre esta

questão, Albeche (1996), salienta que nem mesmo nas obras de Apolinário Porto Alegre, autor que exerceu influência na literatura regional de 1868 a 1880, é exaltada a figura do gaúcho como uma imagem típica da sociedade rio-grandense, sendo a obra *O Vaqueano* de 1872, resposta à obra de Alencar.

Enquanto que o Partenon Literário construía a figura do gaúcho, outra instituição denominada Grêmio Gaúcho, fundada no ano de 1898 em Porto Alegre, contribuía para sua divulgação através de festas, desfiles de cavalarianos, palestras, entre outras atividades voltadas para as tradições. Esta agremiação foi fundada por João Cezimbra Jacques, positivista e republicano que lutou como soldado voluntário na Guerra do Paraguai. Sobre os objetivos do Grêmio Gaúcho aponta-se:

Organizar o quadro das comemorações dos acontecimentos grandiosos de nossa terra. [...] Pensamos que esta patriótica agremiação não é destinada a manter na sociedade moderna usos e costumes que estão abolidos pela nossa evolução natural e que a época em a qual vivemos não comporta mais, e nem é tampouco ela uma associação, tendo por fim trazer para objeto de suas práticas jogos e elementos recreativos do tempo corrente e importados do estrangeiro. Nem uma nem outra coisa. Mas é ela, sim, uma associação destinada a manter o cunho de nosso glorioso Estado e conseqüentemente as nossas grandiosas tradições integralmente por meio de comemorações regulares dos acontecimentos que tornaram o sul-rio-grandense um povo célebre diante, não só de nossa nacionalidade, como do estrangeiro; por meio de solenidades ou festas que não excluem os usos e costumes, os jogos ou diversões do tempo presente; porém, figurando nelas, tanto quanto possível, os bons usos e costumes, os jogos e diversões do passado; por meio de solenidades que não só relembrem e elogiem o acontecimento notável a comemorar, pelo verbo ou pelo discurso, como por meio de representação de atos, tais como canções populares, danças, exercícios e mais práticas dignas, em que os executadores se apresentem com o traje e utensílios portáteis, tais como os de uso gauchesco (JACQUES, apud OLIVEM, 1992, p. 71-72).

Tanto o Partenon Literário quanto o Grêmio Gaúcho foram fundados por pessoas de origem modesta, que usaram a produção intelectual como forma de ascensão e de inserção ao poder, além de estarem, de alguma maneira, preocupados com a sobrevivência das tradições frente à natureza efêmera da modernidade. Nesse sentido, o Partenon “evoca a figura tradicional do gaúcho e louvava seus valores que estavam sendo abalados. O Grêmio Gaúcho [...] procura manter as tradições sem excluir os costumes do presente” (OLIVEN, 1992, p. 72-73).

Pouco tempo depois da fundação do Grêmio Gaúcho, são inauguradas outras cinco entidades, também consideradas pioneiras pelos tradicionalistas. Segundo Oliven (1992), são elas: a União Gaúcha de Pelotas e o Centro Gaúcho de Bagé, em

1899; o Grêmio Gaúcho de Santa Maria, em 1901, e em área de colonização alemã a Sociedade Gaúcha Lombagrandense, em 1938; e em Ijuí, área de colonização alemã e italiana, o Clube Farroupilha, em 1943.

Em sua obra de 1983, Tau Golin aponta mais duas agremiações situadas nas cidades de Santa Cruz e Encruzilhada, mas que possuem poucos dados, sendo a maior fonte o jornal santa-mariense “O Gaucho”. O jornal narra na edição de 20/02/1902 a visita que o Grêmio de Santa Maria fez ao de Santa Cruz, na ocasião foi realizado “um churrasco com califórnia, jogos de argolinhas e versos em desafio” (GOLIN, 1983, p. 32). Na matéria, são mencionadas as vestimentas dos participantes do encontro:

[...] os sócios da sociedade em seu uniforme, o qual consiste de: bombachas, poncho de pala, chapéu de abas largas com a da frente voltada para trás e barbicacho pendente, lenço preso ao pescoço solto ao acaso e botas munidas das respectivas esporas (GOLIN, 1983, p. 32).

Nas primeiras décadas do século XX surge uma nova elite influenciada pelo positivismo, mas nesse quadro, a elite pecuarista não estava inclusa. As ideias de Augusto Conte de “pequenas pátrias”, federalismo radical e de progresso com ordem, foram as bases ideológicas de nomes como Júlio de Castilhos, fundador do Partido Republicano Rio-Grandense e Borges de Medeiros que por três décadas assumiu a política gaúcha. Com o lema “conservar melhorando”, Júlio de Castilhos pouco antes da Proclamação da República, usou o jornal de seu partido, “A Federação”, para defender o dia 20 de setembro como Dia do Gaúcho (OLIVEN, 1991, 1992, 1993).

O surgimento dos “donos das tradições gaúchas” remonta ao ano de 1947, quando é fundado o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do colégio modelo da época, Júlio de Castilhos, conhecido como Julinho. Como era de costume, o Julinho mantinha o Fogo Simbólico da Pátria e antes de extinguir a chama, marcado para as 24 horas do dia 7 de setembro, uma centelha desta pira foi levada até o saguão do colégio onde serviu para acender a Chama Crioula. Esta foi a primeira Ronda Gaúcha, a qual ocorreu de 7 a 20 de setembro, e que mais tarde viria a ser a Semana Farroupilha. Ainda em 1947, entre os festejos da Semana da Pátria, a Liga de Defesa Nacional organizou o traslado dos restos mortais de Davi Canabarro, um dos líderes da Revolução Farroupilha, de Santana do Livramento para o panteão do cemitério da Santa Casa de Misericórdia em Porto Alegre. Sabendo desta atividade,

oito estudantes do Julinho montados a cavalos, cedidos pela Brigada Militar, organizaram uma guarda de honra para acompanhar o trajeto. Para muitos tradicionalistas, este é considerado o ritual de passagem do mito da criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Outro estudante, Barbosa Lessa, também do colégio Júlio de Castilhos – mas que não fazia parte do departamento de Tradições Gaúchas, tampouco do grupo que acompanhou os restos mortais de Davi Canabarro –, ficou sabendo da solenidade realizada pela Liga de Defesa Nacional e também foi prestigiar. Chegando ao local, viu o grupo a cavalo e aproximou-se para perguntar quem eram. Ficou sabendo então que todos estudavam no mesmo colégio, e assim passaram a encontrar-se (OLIVEN, 1991, 1992, 1993; GONZAGA, 1996).

No ano seguinte, aos 24 dias do mês de abril de 1948, vinte e quatro jovens estudantes do colégio Júlio de Castilhos e mais um grupo de ex-escoteiros, fundaram o 35 CTG. Uma das primeiras discussões da nova entidade foi referente à forma de agremiação que deveria seguir. Um grupo pretendia torná-la uma espécie de academia tradicionalista limitada ao número simbólico de apenas 35 membros, mas a proposta foi repensada e prevaleceu o encaminhamento para que fosse aberta a todos que quisessem participar. O 35 CTG serviu de moldes a vários outros Centros de Tradições Gaúchas, que começaram a surgir a partir de sua fundação (OLIVEN, 1991, 1992, 1993; GONZAGA, 1996).

Diferentemente do Partenon Literário e do Grêmio Gaúcho, o 35 CTG foi uma instituição que pretendia vivenciar as tradições gaúchas. Mesmo com caráter aberto, era um grupo constituído exclusivamente por homens. Reuniam-se nos sábados à tarde em um galpão improvisado, na casa do pai de um dos participantes para imitar os hábitos da campanha, tomar mate, contar histórias, etc. Para Oliven (1991, p. 44), eles “queriam constituir um grupo que revivesse a tradição, e não uma entidade que refletisse sobre ela”. No entanto, a intenção de reviver as tradições e não apenas pensá-las, não afastou os intelectuais do 35 CTG, pelo contrário: em 1949, foi promovida uma pequena série de conferências com alguns escritores.

Este acontecimento aproxima-se do que descreveu Hobsbawm (2002) sobre a invenção das tradições, onde elementos antigos são usados novamente. Neste sentido, o autor destaca

A utilização de elementos antigos na elaboração de novas tradições inventadas para fins bastantes originais. Sempre se pode encontrar, no passado de qualquer sociedade, um amplo repertório destes elementos; e sempre há uma abordagem elaborada. Composta de práticas e comunicações simbólicas (HOBBSAWM, 2002, p. 14).

Segundo informou Barbosa Lessa em entrevista à Ruben Oliven, os objetivos do 35 CTG eram:

a) zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes, etc., e conseqüentemente divulgação pelos Estados irmãos e países vizinhos; b) pugnar por uma sempre maior elevação moral e cultural do Rio Grande do Sul; c) fomentar a criação de núcleos regionalistas no Estado, dando-lhes todo o apoio possível. O centro não desenvolvera qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa (LESSA apud OLIVEN, 1992, p. 78).

O 35 CTG não foi unanimidade em Porto Alegre, nem mesmo por parte das elites gaúchas e também não chamou a atenção dos filhos dos fazendeiros. Mesmo assim, o CTG passou a funcionar na sede da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (FARSUL).

O segundo Centro de Tradições Gaúchas, o Fogão Gaúcho, foi fundado em Taquara no dia 7 de agosto de 1948. O fato do segundo CTG ser fundado em região de imigração alemã, sugere o seguinte:

Necessidade que tinham alguns dos participantes da roda de chimarrão de se afirmarem, perante a sociedade taquarense, como gaúchos e não como estrangeiros. Porque muitos deles, sendo de origem alemã, ainda sentiam as influências negativas da perseguição sofrida durante a Segunda Guerra Mundial [...] possivelmente não era essa a intenção daqueles que se associaram ao CTG, após a sua fundação, mas certamente alguns dos novos sócios tinham estas intenções (JACOBUS apud OLIVEN, 1992, p. 80).

Além de firmar sua brasilidade e gauchidade, outra justificativa para o CTG em Taquara, é relacionado ao termo colono¹ que possuía conotação pejorativa. O colono é um sujeito ligado à agricultura e à colonização por imigrantes europeus, no caso descendentes de alemães e italianos, assim como pela falta de alguns atributos. Ao se identificarem como gaúchos, os então colonos experimentavam, mesmo que simbolicamente, certa ascensão social.

¹ Kliemann (1986, p. 13) define colonos como “[...] pequenos proprietários, estrangeiros ou nacionais, que receberam ou adquiriram terras, em pequenos lotes, para desenvolver a policultura e prover a subsistência [...]. Ao mesmo tempo, Pesavento (1996) indica que a classe dominante no Rio Grande do Sul sempre esteve ligada à pecuária, e esta elite costumava negar aos imigrantes a participação política.

Ao mesmo tempo em que os CTGs multiplicavam-se pelo Estado, os tradicionalistas discutiam quais os rumos que o Movimento deveria tomar:

Existiam duas posições: uma mais “aristocrática” achava ser preciso que houvesse maior preocupação com o nível “cultural” (entendido como cultura escolarizada) dos CTGs evitando que eles fossem apenas um lugar de entretenimento; outra achava ser justamente esse aspecto que era importante e que não deveria haver preconceito em relação à “cultura popular” (OLIVEN, 1992, p. 81).

Para discutir tais questões, em 1954 os centros de tradições reuniram-se em um congresso em Santa Maria. Na ocasião, Barbosa Lessa, um dos fundadores do 35 CTG, apresenta sua tese “O sentido e o Valor do Tradicionalismo” que passará a ser a tese matriz do MTG, a qual define o tradicionalismo como:

Movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica (mesmo que não se aperceba de tal finalidade) com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura: graças ao que a sociedade adquire maior tranquilidade na vida comum (LESSA, 1954, texto digital).

Após o primeiro Congresso, os tradicionalistas passaram a se reunir anualmente. Em 1961, no VII Congresso, realizado em Taquara, foi aprovada a “Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho” redigida por Glaucus Saraiva, outro fundador do 35 CTG (SARAIVA, 1961). Já em 1966, no XII encontro realizado em Tramandaí, foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) (OLIVEN, 1991, 1992, 1993; GONZAGA, 1996).

Conforme Maciel (1994), a justificativa para que os tradicionalistas se apropriem da figura do gaúcho, está no poder que o Movimento desfruta na sociedade:

O tradicionalismo constitui-se num movimento de grande força e penetração social, força essa que traduziu-se a nível de poder público com a criação do Instituto Gaúcho de Tradições e Folclore, hoje uma fundação na qual os tradicionalistas possuem grande poder, o que faz com que a sua versão do gaúcho seja oficializada (MACIEL, 1994, p.38).

José Luíz dos Santos ([1992], p. 44-45), define cultura, como sendo “[...] uma construção histórica [...]” e “[...] não é algo natural, não é decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana” e “não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções [...]”.

A partir de então, surgem leis que vão dando maior respaldo ao Tradicionalismo. Em 1964, uma lei estadual oficializa a Semana Farroupilha entre 14 e 20 de setembro de cada ano. Em 1966, outra lei elevou o Hino Farroupilha à Hino do Estado. Em 1988, mais uma lei institui na disciplina de estudos sociais nas escolas estaduais o ensino do folclore. E em 1989 foi a vez da oficialização das pilchas como traje de honra e uso preferencial através de lei (OLIVEN, 1991, 1992, 1993; GONZAGA, 1996).

Além dos objetivos apresentados na Carta de Princípios, o MTG propõe o seguinte:

Congregar os Centros de Tradições Gaúchas e entidades afins e preservar o núcleo da formação gaúcha e a filosofia do movimento tradicionalista, decorrente da sua Carta de Princípios e expressa nas decisões dos Congressos Tradicionalistas (RIO GRANDE DO SUL, 2012).

Como movimento instituído, o MTG criou diversas regras, deveres e obrigações para cultivar as tradições gaúchas. Seguidamente, essas regras são discutidas nos congressos e convenções tradicionalistas, e alteradas quando necessário. A cultura gaúcha resiste aos modismos, buscando no passado os embasamentos para justificar a figura do gaúcho. Sobre essa questão, mesmo a cultura gaúcha sendo construída, com base em Burke (2003) percebe-se que algumas culturas são receptivas a ideias exteriores, enquanto outras são mais resistentes, situação que podemos identificar no caso rio-grandense.

No entanto, fora destes encontros essas regras continuam a ser debatidas, onde é comum opiniões divergentes sobre diversos pontos. No que diz respeito a estas regras, o entrevistado ED (2005) informa o seguinte:

[...] a gente tem que seguir as regras, porque se não a coisa não anda por aquele lado lá, a bombacha, o uso do lenço, o uso da guaiaca é uma coisa que vem desde dos antepassados onde eles participavam, e do cavalo onde o laço, o pelego, a encilha tudo tem que ser daquele jeito pra gente poder participar, então eu acho que eu sou cumpridor eu acho que a gente tem que cumprir as regras [...] Lá dentro do MTG existem vários departamentos onde eles estudam, eles fazem as coisas para serem certas. Claro que muitas coisas a gente é contra, acha que não dá certo, mas não adianta as normas vem sempre de cima, a gente vem pra coordenadoria e a coordenadoria passa, passam pras entidades e as entidades passam pros seus participantes. Se não fosse assim, não andaria o tradicionalismo, hoje não estaria no jeito que tá se não existissem as regras a serem cumpridas, e eu nesse ponto aí, eu acho que tem que ser assim e eu acho que tem que fazer

pra coisa andar, que senão não anda, a coisa desanda e o pessoal faz e desfaz do jeito que quer (ED, 2015, p. 5).

Além do entrevistado ED (2015), o entrevistado EB (2014) também defende que as regras são importantes e devem ser respeitadas para proteger a cultura gaúcha. Sobre isto temos:

O MTG ele tem uma Carta de Princípios, a Carta de Princípios ela é importantíssima para nortear aquilo que a gente quer. É importante a gente sempre olhar para o passado para a gente saber para onde a gente quer ir no futuro né e eu acho que [...] aquilo que tá escrito, a coletânea do movimento tradicionalista, a Carta de Princípios do movimento tradicionalista, tudo isso vai enconjuga (sic) ao, à aquilo que a gente propõe como entidade, como sociedade né, então há aquelas regras que às vezes são de certa forma, vamos aqui citar um exemplo assim: a cor do lenço, nós realmente precisamos obedecer a uma cultura se nós não obedecermos a uma cultura, nós não seremos mais considerados cultura, nós seremos transitórios aí e tiveram já vários movimentos tanto na música como na parte de esporte, digamos, o tiro de laço, tentando transformar o tiro de laço em esporte comum a todos e daqui a pouco não tendo as mesmas regras que o movimento propõe hoje, das pessoas, não estarem devidamente piuchadas (sic), conforme propõe o movimento, as encilhas de acordo com aquilo que se propõe também, que são a base de couro e de lã, praticamente, todas as encilhas e animais é basicamente isso, enquanto tem gente que introduz moda, né. Eu também entrei no movimento, há uns 10 anos atrás, um movimento dos tchê, que se falava num fandango, só se falava em tchê, então era uma música bem, um pouco diferente daquilo que o movimento propõe na música regionalista, na verdade são movimentos, que se fazem paralelos ao movimento tradicionalista, tentando, se aproveitar economicamente, mas que não se sustentam, porque não são cultura (EB, 2015, p. 3).

Por outro lado, mesmo reconhecendo a importância das regras impostas pelo Movimento, o entrevistado EF (2015), considera que há alguns excessos e certas regras poderiam ser flexibilizadas. Neste sentido, salienta:

Eu acho que como tudo tem regras é bom ter as regras também no tradicionalismo, mas tem coisas que são muito absurdas né, então, as vezes poderia ser mais livre um pouco [...] porque, as vezes tipo na campeira, pra ti laçar tu tem que laçar com cara da tua entidade, ou eu vi os cara discutindo muito lá, de laço apresilhado e não sei o que e ba, ba, ba, que tu não pode, tem que obedecer as regras e tem que ter a medida do laço, eu não sei eu não competia muito eu não fazia parte da campeira, mas eu achava assim que muita coisa que extrapola (EF, 2015, p. 4-5).

A partir de 1948, muitos Centros de Tradições Gaúchas se espalharam pelo Rio Grande do Sul. No entanto, esta expansão não parou por aí, CTGs foram abertos em vários Estados pelo Brasil, como Santa Catarina, Paraná, São Paulo e, até mesmo em outros países, como Estados Unidos e Japão (OLIVEN, 1991, 1992, 1993). Tratando-se do Vale do Taquari, a situação não foi diferente. Ainda na década de 1950, muitas entidades surgiram, como o CTG Bento Gonçalves, em Lajeado, o CTG

Pelego Branco em Taquari, CTG Querência da Amizade em Bom Retiro do Sul e CTG Sentinela da Tradição em Muçum, sendo que este último funcionava, mas em caráter não-oficial (MOREIRA, 2001).

De acordo com Soraia Steinhoefel (2007), o CTG Bento Goncalves foi fundado em Lajeado em 1954, tendo como primeiro patrão o senhor Rui Lopes, que já havia criado outro CTG em Caxias do Sul. Ainda no ano de 1954, assumiu como patrão o senhor Luís Lampert, permanecendo na função de 1954 a 1956, seguido por Oli Antão da Rosa, patrão em 1957. Nas comemorações do sete de setembro de 1955, integrantes do CTG Bento Gonsalves, desfilaram pela Rua Júlio de Castilhos em Lajeado.

Já o CTG Sentinela da Tradição de Muçum, conforme Jorge Moreira (2012), foi fundado oficialmente em 1962. No entanto, esta entidade pode ter surgido em 1953, pois há relatos de sua existência na época. Tal fato gerou controvérsias sobre a real existência de uma entidade tradicionalista em Muçum no período entre 1953 a 1961.

A preservação e celebração das tradições gaúchas em Encantado tem início oficialmente com a fundação do Centro de Tradições Gaúchas Giuseppe Garibaldi (CTGGG) em 1961. Posteriormente surge a segunda entidade tradicionalista em 1994, mais de trinta anos depois, com a fundação do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi (GANAG). Passados mais dez anos, surge a terceira entidade, o Departamento de Tradições Gaúchas Guardiões do Rio Grande (DTGGR), em 2004.

Segundo Ruben Oliven (1992, p.88), a “criação de um CTG é um processo relativamente simples e freqüentemente [sic] se dá em função de disputas internas, o que explica o alto número desse e de outros tipos de entidades tradicionalistas em pequenas cidade”. Antônio Augusto Fagundes, tradicionalista e ex-patrão de CTG, ao ser entrevistado pelo antropólogo Rubem Oliven, indica que muitas pessoas ao se tornar patrão, gozam de certa ascensão social e com facilidade fundam um CTG.

O cidadão frustrado na vida comunitária, aquele que não pode ascender socialmente numa sociedade ou no Rotary, ou no Lions, ou na maçonaria, entra facilmente para o CTG. Resolve fundar um CTG e funda com a maior facilidade e se torna um líder. E aparece aí na imprensa, é entrevistado, ganha uma convivência comunitária que explica a extrema abundância de CTGs no estado [...] no momento em que ele é derrotado por uma facção adversária no CTG, ele não se conforma com a derrota [...] simplesmente, e

isso por cissiparidade, ele funda [...] um outro CTG (FAGUNDES apud OLIVEN, 1992, p. 88).

Entre as justificativas para o indivíduo tornar-se patrão de uma entidade tradicionalista em Encantado, é a notoriedade que o cargo proporciona em relação ao município e seus habitantes. Os depoentes EA (2015), ED (2015) e EF (2015), revelam que o patrão passa a ser convidado para solenidades no município, fato que de certa forma, confere-lhe autoridade e relativa ascensão social. EA (2015) salienta que o patrão não fica conhecido apenas na entidade, nem mesmo está restrito à cidade onde localiza-se a sede. A atribuição do patrão, como representante e responsável da entidade, o acompanha por onde ele for, conforme segue:

[...] ele passa a ser conhecido não apenas na entidade na cidade dele, como patrão, como responsável de uma entidade, mas em toda a região então ele vai estar representando os associados daquela entidade perante a sociedade dele e perante uma região muitas até o próprio estado ou fora dele né, então um exemplo que eu dei que o CTG foi pra fora do país foi representar a cidade e o estado no Chile, quem estava lá como o representante daquele grupo, era o patrão do CTG, então assim, ele acompanhou o grupo os jornais divulgaram isso e como tu falaste, eles passam a ser um membro efetivo de uma entidade social, assim como tantas outras né, passa a ser uma autoridade, ele é uma autoridade dentro do movimento (EA, 2015, p. 10).

Além do orgulho de ser patrão, o entrevistado ED (2015) também enfatiza a responsabilidade do cargo. Como patrão, é chamado para os eventos dentro e fora do município, para dar entrevistas a diversos meios de comunicações “[...] porque leva o nome da tua entidade pra... pro município, pro estado e até pra fora do Brasil [...]” (ED, 2015, p. 6). Como referido pelo entrevistado anterior, a responsabilidade do patrão ultrapassa as fronteiras municipais, pois dentre suas atribuições estão representar a entidade não apenas dentro do município, como também fora dele.

[...] eu digo que isso me... deixou muito conhecido, porque, que nem eu digo, a palavra ser patrão, o patrão, o patrão pra mim é importante, eu levo esse nome patrão da entidade no meu peito e me orgulho muito de ser patrão, porque a gente participa em vários eventos no município a gente é chamado pra várias coisas no município onde se participa quase que totalmente, e fora do município [...] eu como patrão a gente é conhecido, é lembrado fora do município em vários aspectos. O ano passado onde a gente teve o concurso estadual de prendas, em 2013, foi, onde teve o concurso estadual de prendas e ... as duas prendas da entidade a 1º prenda juvenil e a 1º prenda adulta participou desse estadual de prendas [...] em Santana do Livramento onde eu participei com elas e dei uma entrevista para a TV tradição, relatando sobre essa participação, relatando sobre a entidade, e eu como patrão então por isso eu digo, é um orgulho ser patrão, é um orgulho levar nome de patrão e o nome da tua entidade pra fora do teu município, pra outros municípios e ... participando desse eventos muito importantes do tradicionalismo (ED, 2015, p. 6).

O depoente EF (2015), revela que antes de ser patrão, “[...] tu é um Zé ninguém né, um exemplo, aí depois qualquer solenidade tu tem que ir lá, tem que se pronunciar e tal [...]” (EF, 2015, p. 3). Além do mais, mesmo não sendo mais patrão, ainda é conhecido como tal, pois algumas pessoas dizem “[...] tu vai ser o meu eterno patrão [...]” (EF, 2015, p. 3).

A responsabilidade é grande né, porque tu levando o nome da entidade e não é só a entidade, tem atrás de ti, tem um ciclo enorme de pessoas né, crianças que fazem parte das invernadas, os pais, avós, os tios, então é uma mescla muito grande de pessoas né, então tu é a pessoa responsável pela entidade e por essas pessoas também né (EF, 2015, p. 4).

EB (2014) concorda que o cargo máximo da entidade tradicionalista, traz reconhecimento na sociedade encantadense, pois mesmo residindo em Encantado há mais de 15 anos, considera que ficou conhecido apenas depois de ser patrão.

Eu acho que de certa forma acontece, porque naturalmente umas pessoas não me conheciam na cidade [...] a maioria das pessoas me conhece como um tradicionalista mas às vezes a gente consegue mostrar algo mais e logicamente se consegue, se tem espaço na mídia, se tem espaço, as pessoas buscam a opinião da gente e reuniões e associações, enfim, todos eventos praticamente que o município realiza a gente tá (sic) envolvido, é convidado a participar (EB, 2014, p. 5-6).

No entanto, o depoente EB (2014) acredita que antigamente, a figura de patrão possuía mais importância, fenômeno para ele relacionado à proliferação de entidades tradicionalistas e à frequência excessiva de eventos típicos, como os rodeios.

Observamos que ao presidir a entidade, os depoentes que já foram patrões de entidades tradicionalistas, desfrutaram de reconhecimento perante a sociedade. Pode-se afirmar também que este reconhecimento proporcionou ascensão social, pois, antes da direção da patronagem, não possuíam a notoriedade adquirida com ela.

Por outro lado, o entrevistado EC (2015), aponta dificuldades para montar e manter uma entidade tradicionalista, sendo que, para a fundação, é necessário um projeto, apresentá-lo na reunião de patrões da região tradicionalista, para ser aprovado pela coordenadoria e demais entidades. Caso contrário conforme o depoente, “[...] todo mundo sai formando uma entidade tradicionalista, então... tem que ter uma certa regra (EC, 2015, p. 7).

As entidades que pretendem filiar-se ao MTG, devem cumprir várias exigências, entre elas, a comprovação de atividades nas áreas de atuação tradicionalista: campeira, artística e cultural; comprovação de quadro social organizado com no mínimo oitenta associados; pareceres favoráveis de um conselheiro do MTG e do coordenador da Região Tradicionalista no qual se localiza a entidade; parecer favorável registrado nas reuniões de patrões (MOVIMENTO, 2001, p. 40).

Em Encantado, podemos apontar pelo menos dois casos de disputas internas no CTG Giuseppe Garibaldi, fato que provocou a fundação de outras duas entidades tradicionalistas. A primeira foi em 1994, com a fundação do G.A.N. Anita Garibaldi, e a segunda em 2004, com o D.T.G. Guardiões do Rio Grande.

Galbraith (1986, p. 8), salienta que, os “indivíduos e grupos buscam o poder para promover seus próprios interesses, inclusive, e talvez principalmente, seus próprios interesses pecuniários”. No entanto, não podemos afirmar que as rupturas foram motivadas pelo desejo pessoal ao dinheiro, mas sim, sobre divergências administrativas e encaminhamentos sobre aspectos envolvendo o tradicionalismo.

Durante a patronagem de Jorge Moreira de 1963 a 1969, atividade que contribuiu para divulgação do tradicionalismo gaúcho, foi o programa de rádio do CTG Giuseppe Garibaldi, “Repontando a Tradição”, transmitido pela Rádio Encantado Am. Inicialmente o programa era apresentado pelo próprio Jorge Moreira, mais tarde passou a ser apresentado por Nestor Moraes Ferreira que também seria patrão do CTG Giuseppe Garibaldi, durante o período de 1973 a 1975 (MOREIRA, 2001).

Atualmente, Encantado possui as suas três entidades em funcionamento que são: Centro de Tradições Gaúchas Giuseppe Garibaldi, Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi e Departamento de Tradições Gaúchas Guardiões do Rio Grande. A única que possui sede própria é o CTG Giuseppe Garibaldi, onde são realizados os ensaios dos grupos de danças e aproveitando de sua estrutura, promoção de jantas e fandangos (bailes), bem como demais atividades ligadas ao tradicionalismo. Anexo ao galpão, existe uma cancha de bocha, da qual o CTG participa dos campeonatos municipais nas modalidades masculino e feminino. O galpão também é alugado para

outros tipos de festas e promoções. O “Giuseppe” realiza seu rodeio no mês de novembro, no Parque Municipal de eventos, João Batista Marchetti.

O GAN Anita Garibaldi não possui sede própria, tendo que realizar seus ensaios em um prédio cedido pela Prefeitura Municipal dentro do Parque Municipal João Batista Marchetti. Para realização de suas promoções, como fandangos e jantas, são usados tanto os locais da Prefeitura, como outros espaços pertencentes a comunidade encantadense. Além de cultivar e preservar as tradições gaúchas como, por exemplo, o rodeio que ocorre no mês de agosto o “Anita” também cultivava e divulgava a cultura dos descendentes de italianos através de um grupo de danças.

O DTG Guardiões do Rio Grande também não possui sede própria e realiza seus ensaios em outro prédio localizado nas dependências do Parque Municipal. Como o “Anita”, os “Guardiões” dependem de locais cedidos pela Prefeitura ou por comunidades do Município para realizar suas promoções como fandango e jantas.

Como vimos anteriormente, o território do Rio Grande do Sul permaneceu aos domínios da Coroa Espanhola por cerca de 300 anos. No entanto, esta situação não foi impedimento para que portugueses adentrassem na região em buscas de riquezas. Os habitantes desta conjuntura, diferiam da figura heróica que tanto orgulha o povo gaúcho e que atualmente é regida pelos “donos das tradições”, ou seja, pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, que surgiu apenas no final da primeira metade do século XX. Contudo, este movimento não foi o primeiro a estudar a história do povo rio-grandenss, sendo precedido pelo Partenon Literário e pelo Grêmio Gaúcho, fundados em 1868 e 1898, respectivamente.

Os quadros sociais das três Entidades Tradicionalistas de Encantado, abrangem sobrenomes de diferentes etnias, entre elas a italiana. É curioso observar a relação entre as duas culturas, gaúcha e italiana nestes ambientes. Os sotaques, os linguajares se misturam, isto é, encontramos “legítimos gringos”, pilchados, nas jantas, o churrasco é acompanhado com massa e polenta. Para muitos descendentes de colonizadores italianos, comumente chamados na região de gringos, que são tradicionalistas, as identidades, gaúcha e italiana, convivem harmonicamente em suas sociabilidades.

3 O PROCESSO DE IMIGRAÇÃO E A CULTURA ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL

Este capítulo inicialmente trata do processo imigratório iniciado no século XIX, que possibilitou a vinda de imigrantes italianos para o Brasil, mais especificamente para o Rio Grande do Sul. Na sequência, será abordado a fundação e um breve histórico da Colônia Encantado, bem como elencado aspectos da cultura dos descendentes de colonizadores italianos ainda presentes no município.

3.1 A imigração da Itália para o Brasil

Considerada uma península agrária, a Itália do século XIX vivia como outros Estados Nacionais europeus, impactados com os reflexos da Revolução Industrial iniciada na Inglaterra no século anterior. Estava em voga o sistema capitalista de produção, que pôs fim à sociedade feudal e camponesa. Grande número da população migrou do campo para as cidades, disponibilizando-se como mão-de-obra assalariada nas fábricas. No entanto, o sistema não absorveu plenamente estes trabalhadores e, longe da terra e sem trabalho nas cidades, a crise agravou-se, causando fome e miséria. A emigração foi uma forma de resolver esses “problemas”, pois,

[...] o movimento imigratório representou um importante movimento na história do desenvolvimento capitalista italiano, na medida que contribuiu para

o equilíbrio socioeconômico da Itália, reduzindo o excedente populacional e tornando-se uma fonte de lucros, através das remessas de poupança dos emigrantes (IOTTI, 2010, p. 20).

Segundo Cleci Favaro, migrar definitivamente ou temporariamente era comum entre as populações do norte italiano. Nos períodos de colheita, homens e mulheres migravam para outras regiões italianas e até mesmo para outros Estados Nacionais europeus, sendo que entre esses emigrantes, um segmento era valorizado, as “mulheres trabalhadeiras e inteligentes” que estavam adaptadas aos trabalhos nas fábricas de tecido da região (FAVARO, 2002; 2006).

Praticamente toda a política de colonização brasileira durante o século XIX ficou sob a responsabilidade do Império Brasileiro e atravessou diferentes momentos, dependendo dos interesses do grupo que estava no poder. Dom Pedro I deu continuidade à política de criação de núcleos coloniais exercida por Dom João VI, seu pai. Com a Regência, período que se estendeu de 1831 a 1840, a colonização foi abandonada, até seu retorno em 1848, com a tentativa do governo imperial em montar uma estrutura administrativa capaz de dirigir e controlar efetivamente a imigração e colonização² (IOTTI, 2010).

Entre as medidas adotadas pelo governo imperial, algumas leis foram criadas, como a Lei 514, de 28 de outubro de 1848, que concedia terras devolutas para as Províncias, na tentativa de dividir a empreitada colonizadora. Outra lei de fundamental importância para o processo colonizador, foi a Lei 601, de 18 de setembro de 1850, conhecida como Lei de Terras. De acordo com esta Lei, a única forma de aquisição do título de posse da terra seria através da compra, extinguindo a gratuidade dos lotes. A Lei também criou a Repartição Geral das Terras, que seria substituída pela Inspeção Geral das Terras em 1876, através do decreto nº 6129, da qual teria como principais atribuições, promover, fiscalizar e dirigir os assuntos relacionados à imigração e colonização (GIRON, 1977; IOTTI, 2010).

² Faz-se necessário distinguir os termos imigração e colonização. Imigração, compreende-se como o processo de iniciativa particular, mas com incentivos governamentais, com o objetivo de suprir a mão-de-obra para as grandes lavouras, em particular nas lavouras de café, que até então utilizavam mão-de-obra escrava. A colonização, foi o método oficial, que possuía como principal objetivo, a ocupação e povoação de áreas distantes e ditas desocupadas (PRADO apud LANDO, BARROS, 1996).

Conforme Giron e Herédia (2007), as colônias criadas entre 1822 e 1850, ou seja, entre a Independência do Brasil e a Lei de Terras, deveriam contar com imigrantes de países politicamente neutros e os ditos de raça branca. Naquele período, os países aptos à migração eram os Estados alemães, italianos e a Rússia, pois a imigração estava:

[...] diretamente ligada às questões de estratégias política do Império e a necessidade de se manterem independentes. De acordo com essa política, os imigrantes não poderiam ser provenientes da antiga metrópole portuguesa, nem dos impérios da Espanha, Inglaterra e Holanda, que tinham possessões ao longo das fronteiras brasileiras. Os imigrantes asiáticos, tanto chineses quanto japoneses, eram malvistas pelos dirigentes do Império (GIRON; HERÉDIA, 2007, p. 43).

O comércio de escravos é abalado com o movimento abolicionista, além da criação de uma lei, também em 1850, proibindo a entrada, ao menos de forma legal, de escravos africanos. A imigração europeia encontrava resistência no parlamento brasileiro, uma vez que este representava os interesses dos grandes proprietários, que buscavam acima de tudo preservar o *status quo*, ou seja, o sistema monocultor, latifundiário e escravista que os beneficiava. Portanto, consideravam a imigração contrária aos interesses econômicos do Brasil, além de consentirem com as exigências da Inglaterra em abolir o tráfico de escravos. No entanto, com a abolição do tráfico em 1850, a imigração europeia foi intensificada para suprir a falta de mão-de-obra nas fazendas de café (COSTA, DE BONI, 1982; MANFROI, 2001).

A imigração italiana nas Províncias do Rio Grande do Sul e São Paulo, aconteceram com objetivos distintos. Para a primeira, a necessidade era de colonizar e ocupar a terra, para a segunda, a mão-de-obra europeia veio para sanar o problema da falta de mão-de-obra decorrente da abolição da escravidão:

Os estados do Sul promoveram a colonização com objetivos claros de criar núcleos coloniais voltados para a produção agrícola diversificada, em regime de propriedade privada e mão-de-obra familiar. Já a Província de São Paulo acreditava que a colonização resolveria o problema da substituição da mão-de-obra escrava, que, devido ao movimento abolicionista, ameaçava a grande lavoura de café (HERÉDIA, 2003, p. 22).

Um dos objetivos da imigração europeia, cuja versão é defendida por muitos autores, consistiu em suprir a falta de mão-de-obra para o trabalho, principalmente nas lavouras de café paulista. No entanto, Favaro (2006) afirma que essa teoria não

se sustenta, pois embora o sistema escravista estivesse em fase de extinção, os escravos e ex-escravos não deixaram de existir automaticamente – isto é, apenas alterou-se o sistema jurídico, e não a presença física desta classe. Sendo assim, a mão-de-obra estava disponível, apenas bastava a sociedade brasileira aceitar que os então ex-escravos virassem trabalhadores assalariados ou até mesmo proprietários. No entanto, dificilmente um antigo dono de escravos aceitaria pagar pelo trabalho de um homem negro, igualmente como pagaria pelo trabalho de um homem branco. Pois como homens de seu tempo, “seguiram” as teorias vigentes, conforme segue:

[...] estavam em voga uma suposta teoria da superioridade da raça branca, daí também o apoio da elite brasileira, no sentido de *branquear* a população – *qualidade* que definia o imigrante europeu como melhor para atender os interesses nacionais. Confluíram, assim, as demandas dos setores sociais hegemônicos brasileiros com a conjuntura européia da crise econômica (FAVARO, 2006, p. 312, grifo do autor).

Para Olívio Manfroí (2001), o aumento da entrada de imigrantes europeus não teve relação com a abolição da escravidão, nem ao menos teve ligação com as estratégias dos governantes brasileiros e sim com a situação da Península Itálica. Segundo o autor:

[...] a concomitância entre a abolição da escravidão e o crescimento do movimento imigratório foi uma mera coincidência histórica, sem relação a política do governo brasileiro. O crescimento da imigração, no fim do século XIX, foi motivado pela grave crise econômica italiana e não teve nenhuma relação casual com a abolição (MANFROI, 2001, p. 35).

Mesmo com divergência de ideias, tanto os governos brasileiros como italianos empenharam-se para promover o projeto imigratório. Uma das formas para atrair esses imigrantes, era através da propaganda. O Novo Mundo seria a terra da fartura e de certas fantasias, mas ao chegar, a realidade era diferente.

Impossível ignorar a intensa propaganda desenvolvida pelos governos interessados na imigração e, em vários momentos, pelo próprio governo italiano, propaganda que certamente alimentava o imaginário coletivo com visões fantásticas do *país da fartura*, onde, além de frutos, moedas de ouro brotavam das árvores. Embora a realidade tivesse golpeado a imaginação, os imigrantes tiveram como alternativa lutar pela sobrevivência ou morrer. No entanto, à medida que os problemas encontravam solução, renascia no ideário do grupo a antiga expectativa do sucesso material e social (FAVARO, 2006, p. 314, grifo do autor).

Na situação que a Itália se encontrava, o acesso à terra era difícil, e a “nova era” de industrialização provocava cada vez mais fome para a população. Ao ter

notícias de uma terra fabulosa, promessas de propriedade da terra e ajuda nos primeiros anos, muitos italianos se inseriram no processo migratório almejando melhores condições de vida e até mesmo ascensão social, mas ao chegar na nova pátria, se depararam com uma realidade diferente da prometida.

O governo brasileiro também fez sua parte, prometia diversas facilidades e principalmente, a oportunidade de gozar da posse de uma propriedade rural. Infelizmente muitas dessas promessas jamais foram cumpridas.

O governo prometia a todos os colonos europeus que quisessem se estabelecer no Brasil: o transporte gratuito, a concessão de um lote rural e dos instrumentos necessários para o trabalho, sementes, ajuda financeira durante os primeiros tempos, assistência médica, religiosa e outras vantagens (MANFROI, 2001, p. 28).

Antes da chegada dos colonos italianos, houve outras tentativas de formação de núcleos coloniais. A primeira experiência foi no Rio de Janeiro em 1818 com a colônia Nova Friburgo, com colonos suíços, mas não obteve o êxito previsto, já em 1824, com a segunda tentativa de colonização, a colônia de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, fundada por alemães, obteve resultados positivos.

3.2 A colonização italiana no Rio Grande do Sul

No Rio Grande do Sul até 1848, o Governo Provincial não dedicou-se nos assuntos relativos à imigração. Tinha suas atenções voltas para a Revolução Farroupilha (1835-1845), fato que dificultou o desenvolvimento da Província. Mesmo assim, em 1849, o Governo Provincial cria a Colônia Santa Cruz com imigrantes alemães, a primeira das colônias provinciais. E em 1851, surge a primeira lei provincial a respeito do tema, a Lei 229 de 4 de dezembro, que autorizava o Presidente da Província a fazer o seguinte:

[...] mandar medir, demarcar, levantar mapas e arbitrar o valor das colônias existentes e das novas que fossem estabelecidas. Autorizava, também, a distribuição gratuita de lotes, instrumentos e sementes aos colonos, bem como o pagamento de indenização de viagem e ajuda em dinheiro durante o período de instalação (IOTTI, 2010, p. 60).

No entanto, ainda conforme Iotti (2010), a colonização efetiva pelo Governo Provincial ocorreu a partir de 1854. Com a Lei 304, de 30 de novembro de 1854, houve uma adaptação da lei de terras, em que o novo dispositivo “[...] determinava que a colonização da província seria feita através da venda à vista ou a prazo (cinco anos), sem juros, de lotes de 48 hectares. No caso de prolongamento do prazo de pagamento, o juro seria de 1% ao ano” (IOTTI, 2010, p. 62). Para Lando e Barros (1996, p. 30), com a citada lei, “[...] criava-se as bases da pequena propriedade rural no Rio Grande do Sul [...]”.

Com o fim da Revolução Farroupilha em 1845, o Governo Provincial cria várias colônias com imigrantes alemães. Posteriormente, surgem as colônias Santa Cruz em 1849, colônia Santo Ângelo em 1857, e Nova Petrópolis, em 1858. Colônias particulares também foram criadas com imigrantes da mesma origem, como as de Teutônia, criada em 1858, Candelária em 1864, e Arroio do Meio em 1869 (PELLANDA apud IOTTI, 2010).

Lando e Barros (1996), apontam outras datas como referência para a fundação das colônias Santa Cruz e Santo Ângelo. Segundo os autores, Santa Cruz foi fundada em 1847, ao passo que Santo Ângelo teria surgido em 1855. Os autores também mencionam outras colônias criadas no mesmo período pelo Governo Provincial, tais como a colônia Estrela, em 1856, e Mundo Novo, em 1846, também com imigrantes alemães.

No Rio Grande do Sul, os Governos Provincial e Imperial não foram os únicos responsáveis, ao menos diretamente, pelo ingresso de imigrantes europeus. Contratos firmados com empresas também tiveram esta mesma função. Como a “[...] Lei 749, de 29 de abril de 1871, que autorizava o presidente da província a contratar, com Caetano Pinto & Irmão e Holtzweissig & Cia., a introduzir 40 mil colonos ‘industriosos, jornaleiros e, principalmente, agricultores, dentro do prazo de 10 anos’” (IOTTI, 2010, p.63). Segundo a mesma autora, as metas estipuladas seriam difíceis de serem cumpridas, pois era prevista a entrada anual de 2 mil a 6 mil imigrantes italianos. A remuneração seria de 25 réis para indivíduos com idade até dez anos e a partir desta idade, o valor seria de 60 réis. A Província seria a responsável pela recepção no porto de Rio Grande, hospedagem, alimentação e transporte até as áreas

destinadas as colônias. No entanto, o contrato foi cancelado em 27 de agosto de 1878 por não ter alcançado os resultados esperados (IOTTI, 2010).

Antes do início oficial da colonização italiana, Constantino (1994) salienta que a presença italiana, mesmo que esporádica, consta desde antes dos surgimentos de núcleos urbanos. Os italianos participaram das guerras entre Espanha e Portugal, além de participar das campanhas de demarcação do território. Na década de 1840, a presença italiana aumenta, sendo que, encontramos evidências nos registros paroquiais na capital da Província Gaúcha, Porto Alegre. O autor atribui esse fato à Revolução Farroupilha e ao casamento do Imperador Dom Pedro II com a princesa Teresa Cristina, de Nápoles, união responsável por facilitar o ingresso de italianos no Brasil.

Segundo Costa e De Boni (1982), a data oficial do início da imigração italiana é 20 de maio de 1875, no entanto, não há dúvidas a respeito da presença de colonos italianos que estavam espalhados por outras colônias da Província antes mesmo de 1875. Muitos italianos provavelmente foram registrados como austríacos, pois provinham de territórios sob domínio da Áustria. Além do mais, outras etnias, açoriana e alemã, que haviam chegado anteriormente, foram introduzidas “nas melhores” regiões. Para Giron e Herédia (2007), os imigrantes italianos completaram o povoamento da Província, sendo responsáveis pela última etapa do processo iniciado ainda no século XVIII, com a criação das primeiras fortificações. Sobre os imigrantes italianos, temos o seguinte:

[...] foram colocados na zona das matas – nos contrafortes do Planalto –, que havia sido deixado de lado pelos brasileiros de origem lusitana, estes mais interessados na criação de gado. Essas matas situavam-se entre os Campos de Cima da Serra, onde estavam os portugueses ocupados com a pecuária, a Depressão Central, onde viviam os alemães, e a zona da Campanha (GIRON; HERÉDIA, 2007, p. 26).

As colônias ficaram por muito tempo isoladas do restante da Província. Esse isolamento foi imposto pela localização das colônias, que estavam longe dos centros urbanos e comerciais, formando certa homogeneização de elementos culturais na região. Tal restrição geográfica teve impactos na sua socialização, de modo com que os colonos não tinham e também não viam a necessidade de comunicarem-se com o idioma do Estado Nacional Brasileiro que migraram, continuando assim, a falar sua

língua materna e a viver conforme suas tradições e costumes (MANFROI, 2001). Ainda segundo Manfroi, esse isolamento aos poucos foi sendo quebrado através do progresso das colônias e o maior contato com os centros luso-brasileiros, fato que não gerou constrangimentos aos imigrantes italianos. Estes imigrantes e seus descendentes expressaram livremente sua origem, seu idioma e suas tradições, mantendo, assim, muitos elementos de sua cultura.

Segundo Geertz (1989, p. 24). “[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos [...]”. Portanto não podemos analisar determinada cultura sem colocá-la em um contexto, nesse sentido, a cultura trazida pelos imigrantes italianos, foi atualizada para corresponder às novas aspirações dos colonos.

Muitos autores defendem que o isolamento das colônias foi o principal fator responsável pela preservação e fortalecimento da cultura que os imigrantes trouxeram de sua terra natal. Contudo, vale salientar que cultura não é um conceito estático, imutável, muito pelo contrário, as culturas são dinâmicas, além de não ser algo natural, e sim um produto coletivo da vida humana (SANTOS, [1992]). Somado a isto, os imigrantes vieram de várias regiões da Península Itálica, cada qual com seus próprios usos e costumes, e nas colônias, houve a comunicação e troca cultural entre esses diferentes “italianos”. Importante constar que este isolamento das colônias italianas não foi completo, pois mesmo dificultado pela localização das mesmas e as condições de locomoção, o contato com outras etnias ocorreu de várias formas, como por exemplo, através do comércio.

Frederik Barth (1998), contraria a visão simplista de que a continuidade cultural é resultante do isolamento geográfico. Em seu trabalho, o autor demonstra dois pontos, derrubando a tese de que o isolamento geográfico foi determinante para a permanência de culturas:

[...] em primeiro lugar, fica claro que as fronteiras persistem apesar do fluxo de pessoas que a atravessam. Em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação. [...] em segundo lugar, descobre-se que relações sociais estáveis, persistentes e muitas vezes de uma importância social vital, são mantidas através destas fronteiras [...] (BARTH, 1998, p. 188).

Luiza Iotti (2010) sustenta que a unificação italiana era um fato recente quando os emigrantes partiram para o Brasil. A formação da nação e da consciência nacional foi um processo lento.

Os emigrantes não representavam um grupo homogêneo e mantinham seus costumes regionais e seus dialetos próprios. O sentimento entre eles era o regional que permaneceu vivo durante muitos anos. Os emigrantes não se consideravam italianos, mas sim vênnetos, trentinos, lombardos, friulanos, etc. (IOTTI, 2010, p. 30).

O fator que possibilitou a união entre estes diferentes imigrantes nas colônias brasileiras foi a religião. Com a recente unificação, os imigrantes não chegaram a estabelecer uma consciência nacional ou sentimento de italianidade, além de não possuírem uma língua comum. A grande maioria dos imigrantes era católica, e a prática da religião foi a força integradora entre eles. O culto da fé tornou-se fator de moral, sendo fundamental a participação nas celebrações litúrgicas dos domingos e nos dias de festas. Era preciso ser praticante para ser considerado pessoa de fé, e portanto, aceito pelos demais (MANFROI, 2001).

Vania Herédia (2003) também ressalta a importância da religião como fator de integração dos emigrantes europeus. Neste sentido temos:

A religião católica, através de suas igrejas, capelas e seus ritos, estimulou um sentimento de unidade, constituindo o centro das comunidades. Toda comunidade possuía uma capela, que era sinônimo de prestígio social. Era o local onde realizavam as celebrações litúrgicas, rezavam o terço, cantavam as ladainhas e o culto acabava estimulando os encontros e a formação dos grupos sociais (HERÉDIA, 2003, p. 61).

A capela, esclarece Luiza Iotti (2010), tem a função de congregar os fiéis. Cada capela consagrava um santo padroeiro, que era homenageado anualmente pelos moradores da região. Segundo Costa e De Boni (1982), era escolhido um local central e no alto para a instalação da capela, em uma colina, assim, a capela seria vista de longe e o sino facilmente ouvido. Portanto, a fé também ajudava a quebrar o isolamento, unindo os colonizadores:

O isolamento era rompido quando se reuniam para rezar. Rezavam o rosário sob uma árvore ou na casa de algum morador, por ocasião de uma festa ou um enterro ou, ainda, na cozinha quando se encontravam para o filó. Em todas as linhas, os moradores reuniram-se em mutirões e construíram capelas de madeira, pedra ou alvenaria, que decoravam primorosamente: altares e imagens em madeira, janelas com vidros coloridos, alfaia de metal

e até um sino de bronze no campanário. O fantasma da solidão no meio da mata foi se distanciando (IOTTI, 2010, p. 77).

A Igreja Católica ocupou um espaço temporariamente desarticulado, um “vazio de poder” durante a instalação das famílias nos lotes coloniais. Neste sentido, a Igreja foi o elemento de referência perante a situação singular e precária vivida pelos colonos (FAVARO, 2002; 2006).

Mesmo manifestando-se com pouca frequência no início da colonização, o comércio é considerado um dos principais responsáveis por ligar as colônias com as outras regiões da Província. Segundo Luiza Iotti (2010), os imigrantes produziam praticamente tudo que necessitavam, sendo que o comerciante vendia apenas o que os colonos não produziam, como sal, ferramentas e tecidos. Em contrapartida, o colono vendia o excedente para o comerciante, mascates traziam mercadorias e novidades, tropeiros e carreteiros levavam e traziam produtos dos centros consumidores e dos portos. “O contato com os gaúchos possibilitou trocas de mercadorias, de conhecimentos e de costumes” (IOTTI, 2010, p. 78).

Um dos costumes herdados dos gaúchos foi o cultivo da erva-mate, antes mesmo do Movimento Tradicionalista Gaúcho transformá-lo em símbolo do Rio Grande do Sul. A erva-mate já era conhecida dos gaúchos, que por sua vez já era consumida pelas populações indígenas antes mesmo da chegada dos primeiros colonizadores, que conheceram seus benefícios: cafeína e tanino, que eram utilizadas para tratar dores de estômago e também como calmante (GIRON; HERÉDIA, 2007).

Como vimos anteriormente, os colonizadores italianos enfrentaram diversas dificuldades durante a colonização do Rio Grande do Sul. A oficial colonização italiana foi precedida por outros grupos étnicos, que se instalaram nos lotes de terras considerados melhores/mais acessíveis.

3.2.1 A Colônia Encantado

Segundo Giron e Herédia (2007), a colônia Encantado foi fundada em 1878, com a chegada das primeiras famílias em 1880, provenientes das antigas colônias

Conde D'Eu, Dona Isabel e Caxias, sendo que as terras foram povoadas de forma espontânea. Já para Ferri (2007), a colonização iniciou oficialmente em 1882, quando chegaram as primeiras famílias Lucca e Bratti, seguidas de outras. Os colonizadores italianos que fundaram Encantado, provinham de migrações internas no Estado, conforme relato a seguir:

Ocorre o seguinte, todas essas [...] famílias não vieram diretamente para Encantado [...] se instalaram primeiro em Garibaldi, [...] e lá em cima dos morros não tinham estradas [...] para exportar, então produziam, produziam e vender pra quem? [...] então souberam que Encantado tinha terras muito baratas, e uma estrada para levar a produção para Porto Alegre, que era o rio [...] (EC, 2013, p.1).

Pe. Domingos Vicentini, primeiro religioso scalabriniano do Rio Grande do Sul e também o primeiro vigário de Encantado, descreve em 1900, aspectos da localidade da qual foi encarregado. Sobre isto temos:

A missão em que me foi confiada tem, aproximadamente, uma superfície de 50 milhas quadradas; grande parte ainda não ocupada. Por enquanto a população é de, mais ou menos, 3.000 almas; seu crescimento, porém, será rápido, pois a terra é das mais férteis. A terra não pertence ao Governo, mas a particulares, que vendem aos colonos. Seu preço está em continuo aumento; há dez anos, uma colônia podia ser comprada por um conto, ou um conto e meio; agora custa oito, dez ou mais contos (RIZZARDO, 1975, p. 40).

Na sua descrição da cidade, foi registrado pelo Pe. Vicentini que a maioria da população de Encantado é composta de italianos, “excetuadas poucas famílias brasileiras, alemães e franceses. É natural da Alta Itália, contando, inclusive, com muitos tirolezes” (RIZZARDO, 1975, p. 40). O padre scalabriniano também faz menção à religiosidade da população, referindo-se a eles como “muitos bons e religiosos” e que estão muito contentes por terem um sacerdote.

João Batista Scalabrini, fundador da Congregação dos Missionários de São Carlos, também conhecidos como carlistas ou scalabrinianos, visitou Encantado em 1904, e retrata o povoado como um lugar muito bonito, que “integra uma região maravilhosa, salubre e fértil” (RIZZARDO, 1975, p. 66). Na ocasião de sua visita, em decorrência das chuvas que deixaram as estradas em péssimas condições, Scalabrini precisou interromper o itinerário inicial de visitas às outras colônias italianas, permanecendo assim em Encantado por mais tempo. Pe. Vicentini descreve como

eram os meios de locomoção entre Encantado e Porto Alegre, e traça um comparativo com as viagens realizadas nos Estados Unidos:

Não há carreiras para chegar a Encantado, mas apenas trilhos estreitos de mulas. Para vir a Porto Alegre, tive que viajar sete horas a cavalo, quatro numa canoa, três num pequeno vapor e, por fim, oito num vapor um pouco maior. Como eram diferentes as viagens nos Estados Unidos! Não pensava em acabar em um local tão primitivo! Em nossa região, não apenas não existe o telegrafo, mas até a agência do correio mais próxima está a seis horas a cavalo de Encantado (RIZZARDO, 1975, p. 42).

Inicialmente, o território do atual município de Encantado pertencia a Porto Alegre, vinculando-se ao novo município de Triunfo em 1831, e a Taquari em 1849. No mesmo ano da Independência do Brasil em 1822, Encantado passa aos domínios de Estrela. Em 1891 passou a integrar Lajeado, até tornar-se município autônomo através do decreto estadual 2133 de 31 de março de 1915, sendo instalado em 1º de maio do corrente ano (FERRI, 2007; RIO Grande do Sul, [1975]).

Durante as comemorações do centenário do municípios de Encantado, foi apresentada a peça “Teatro Simulação” (ANEXO A), de autoria do escritor encantadense Gino Ferri e composta por pessoas da comunidade. O teatro representou a assinatura da ata de instalação do município em 1º de maio de 1915. Na ocasião, a comunidade pôde assinar a nova ata (ATA de 01/05/2015) alusiva à instalação do município, usada no teatro (DIÁRIO DE CAMPO 1, 2015, p. 1).

O nome de Encantado provém de uma lenda indígena, a qual relata que o cacique de uma tribo na região, com mais dois companheiros, ao navegar pelo rio Taquari em certa noite e aproximando-se de um riacho, avistaram um vulto branco. Espantados e “encantados” com a visão, passaram a chamar a foz do riacho de Encantado (FERRI, 2007). Em frente ao parque de eventos João Batista Marchese, existe um monumento simbolizando a lenda, na versão indígena do nome de Encantado. Outra representação artística da fundação da cidade está exposta em um quadro na agência da Caixa Econômica Federal de Encantado, representando a mesma lenda, mas com a participação dos primeiros imigrantes, retratados na imagem o desbravamento do território.

Ferri (2007) lembra que o nome de Encantado já existia antes mesmo da chegada dos primeiros colonizadores italianos. A escolha do nome do vilarejo, São Pedro de Encantado, foi em homenagem à localidade de origem, na Itália, São Pedro de Valdástico com o nome já conhecido do local.

Encantado e a cidade de São Pedro de Valdástico localizada na província de Vicenza, na região do Veneto na Itália, tornaram-se “cidades-irmãs”, conhecido como Gemellaggio, em 1992. Tudo começou quando no ano anterior, o escritor encantadense Gino Ferri recebeu a visita de Franco Imbrianti, um italiano radicado em Garibaldi e César Augusto Prezzi, professor de história, acompanhados de suas esposas, e queriam saber se alguém do município gostaria de fazer a cidadania italiana. Imbrianti, escrevera a administração municipal da cidade italiana, pedindo livros, mapas e documentos para a biblioteca do Círculo Cultural Ítalo-brasileiro, do qual era presidente (FERRI, 1996).

Entre os documentos recebidos, constava o livro Valdástico – ieri e oggi, de Antonio Toldo, natural de Valdástico, onde constava que emigrantes saíram de Valdástico e vieram para o Rio Grande do Sul em 1878 e que mais tarde, após migrações internas, fundaram um vilarejo chamado São Pedro de Encantado (TOLDO, 1984). E também mostrou uma fotografia de uma lápide, colocada no cemitério em 1927, em homenagem a 16 famílias que migraram de Valdástico para o Brasil. No entanto, nessa lápide, constava o nome de dois indivíduos que estavam vivos no ano da homenagem (EC, 2013); FERRI, 1996). Entretanto, em que pese o equívoco de se incluir o nome de pessoas vivas em uma lápide de cemitério, esta situação atípica tornou-se a chave para a reconstituição de um passado histórico.

A partir de então, iniciou uma troca de informações nas mais distintas fontes, tais como livros, jornais, arquivos, entre outros, bem como entre o prefeito de Valdástico e Gino Ferri. Sobre isto uma narrativa informa:

[...] falamos duas vezes ao telefone, foram conversas longas e eu com meu dialeto... atravessado, mas ele entendia por que a região do norte eles entendem o nosso dialeto até hoje, então foi mais fácil. Ai começou a pesquisa aqui, ele começou lá e começamos a... juntar documentos e comprovar realmente [...] (EC, 2013, p. 6).

Em 1991, Gino Ferri assume uma cadeira como suplente no legislativo municipal de Encantado. Em sua gestão, propôs a troca do brasão do município e sugeriu que São Pedro, até então apenas padroeiro da Paróquia, fosse também eleito padroeiro de Encantado. Ferri também foi o autor da Lei 1569/92, cujo conteúdo instituiu Encantado como cidade-irmã de Valdástico. Essa mesma lei que declarava o Gemellaggio entre as duas cidades foi retribuída pela cidade-irmã italiana, e, da mesma forma, Valdástico decretou sua própria lei, declarando-se cidade-irmã de Encantado (EC, 2013; FERRI, 1996).

Em decorrência destes episódios, no início da década de 1990, houve um acentuado intercâmbio entre os municípios de Encantado e Valdástico. Comitivas oficiais e extra oficiais visitaram uma à outra, contribuindo para a expansão de sua história. A Biblioteca Municipal de Encantado passou a disponibilizar diversos exemplares de livros em italiano doado por cidadãos de Valdástico, ao mesmo tempo em que foram retribuídos vários exemplares de obras em português à Valdástico, principalmente escritos de autores encantadenses (EC, 2013).

Com o Gemellaggio, foi instituída a Semana Italiana e criada Associação Ítalo-brasileira de Encantado (ASSIBRE). Com o sucesso do baile “Ricordi D’Itália”, promoção do Clube Comercial de Encantado, quis a diretoria continuar a cultuar as tradições de origem italiana. Tal iniciativa foi divulgada em matéria do jornal Força do Vale de 31 de julho de 1992, convocando a todos os interessados a participar da fundação de uma sociedade italiana, a qual ocorreu em 27 de junho de 1992. Na solenidade de abertura do livro de atas, participaram os italianos natos residentes em Encantado e o escritor Gino Ferri fez a leitura da lei do Gemellaggio. O livro de atas ficaria em aberto até o final do ano para os sócios fundadores, após, seria escolhida a diretoria e o nome da sociedade. A escolha da data 27 de junho deu-se pelo fato de coincidir com a festa do padroeiro São Pedro, e a partir de então, todos os anos a Semana Italiana é realizada no mês de junho.

Segundo o coordenador dos trabalhos de instalação da sociedade, Irno Pretto, “o objetivo da sociedade é propiciar aulas de italiano, reativar o museu da colonização italiana, manter intercâmbio com famílias na Itália, culminando com um Ritorno L’Itália, entre outros” (FORÇA do Vale, 1992a, p. 11). A “Settimana dell’immigrazione italiana”

foi instituída pelo decreto 50/93 de 11 de junho de 1993, sendo comemorada no período de 19 a 25 de julho (FERRI, 1996). As comemorações da primeira Semana Italiana foram documentadas no jornal Força do Vale em 23/07/1993, que além das fotos de todas as comunidades que participaram das comemorações, publicou parte da matéria sobre a imigração na língua italiana.

Durante a comemorações da XXII Semana Italiana em 2014, realizou-se um desfile (ANEXO B), saindo a partir da Praça da Bandeira, passando pelo centro da cidade até o CTG Giuseppe Garibaldi, onde aconteceu almoço e em seguida baile (ANEXO C).

A ASSIBRE foi fundada em janeiro de 1994 e tem entre os objetivos, “preservar e desenvolver os valores culturais, étnicos, sociais, artísticos e folclóricos da imigração italiana” (FERRI, 2007). Conforme o autor em questão, esta associação visa manter intercâmbio com a Itália, principalmente com a região norte, com destaque para Valdástico. Segundo o entrevistado EC, a ASSIBRE surgiu

[...] dentro da [...] semana italiana, em mil novecentos e... noventa e três, quando foi concretizado... [...] o Gemellaggio. Veio uma comitiva da Itália o prefeito com... mais... 8 pessoas e inclusive o presidente da Província que hoje corresponderia ao nosso governador, estiver em Encantado então pra formar este elo de união. E ali foi fundada está... associação por um grupo de pessoas interessadas no assunto [...] ela funcionou perfeitamente com grandes atividades olha... a associação... [...] é uma das responsáveis junto com a prefeitura naturalmente. [...] vinda do “Coro de Esquio”, veio duas vezes aqui em Encantado cantar 30 elementos cantando... um coral maravilhoso, orquestra filarmônica de Veneza... o grupo labaligia, teatro e uma série de eventos que vieram a Encantado em função deste Gemellaggio e com a força [...] da própria associação (EC, 2015, p. 5).

Atualmente as atividades da ASSIBRE “está assim... não em plena atividade como já esteve, mas continua funcionando [...], ainda no ano passado nós tivemos uma reunião, uma transmissão [rádio] diretamente da casa de cultura falando da Semana Italiana” (EC, 2015, p. 5).

Ainda em decorrência do Gemellaggio e da ASSIBRE, em 2013 foi realizada videoconferência direto do Auditório Brasil, localizado no Centro Administrativo em Encantado, com a cidade de Valdástico, que comemorava sua “Festa do Imigrante”. Na ocasião estiveram presentes autoridades, integrantes da ASSIBRE, e a transmissão do evento foi aberta ao público.

Em virtude do Gemellaggio, a Linha Barra do Coqueiro em Encantado, foi elevada à condição de 2º Distrito, com a denominação de Distrito de Valdástico. A localidade foi escolhida pela similaridade com a cidade italiana (EC, 2013).

A vida dura de trabalho nas colônias era amenizada com encontros entre as famílias. Esses encontros eram conhecidos como filós, sendo que na Itália a palavra filó significava um conjunto de trabalhos manuais que poderiam ser feitos em casa (COSTA, 1998).

O costume do filó, veio na bagagem dos imigrantes que colonizaram o Rio Grande do Sul, costume também reproduzido em Encantado. Eram encontros noturnos realizados para amenizar o sofrimento causado pela imigração, em um misto de saudades da terra natal e abandono por parte do governo. As visitas também acabavam servindo para ajudar uns aos outros, na construção da casa, na lavoura, entre outras tarefas, fortalecendo os vínculos da comunidade (GOMES, 2008).

No que tange às comemorações da festividade do filó, Rovílio Costa destaca o seguinte:

O filó era, pois, um momento de harmonia da família consigo mesma, da família com Deus através da oração, e da família com os vizinhos através dos encontros periódicos, ditados pelo bom senso e pelo nível de amizade entre as famílias de costumes e tradições próprias (COSTA, 1998, p. 179).

Segundo Costa (1998), a dureza de um dia de trabalho não deveria terminar na subjugação do cansaço, mas sim na harmonia do encontro. O filó era necessário para o convívio em sociedade, pois “as famílias que não se visitassem em filós, eram famílias mal relacionadas (COSTA, 1998, p. 179).

Em seu estudo sobre os elementos da cultura italiana nos municípios de Encantado e Doutor Ricardo, Gomes (2008), revela que o filó era um encontro social entre parentes, vizinhos ou amigos, que se reuniam para rezar, conversar, comer, beber e dançar. Poderia ser realizado no paiol, na cozinha, porão ou ao ar livre.

Os filós são um dos aspectos da vida social da comunidade, o qual desempenha papel importante no conjunto das atividades dos grupos, ou seja, os filós são reuniões de pessoas da comunidade, em que também eram difundidas notícias vindas através das cartas, enviadas por parentes e amigos que ficaram na Itália. Faz parte da cultura italiana [...] (GOMES, 2008, p. 49).

O filó também servia para compartilhar os frutos das safras. Convidavam os vizinhos que não cultivavam determinado produto ou que ainda não tinha feito sua colheita, para dividirem entre si. Além do produto de época da safra, como por exemplo, na colheita da uva, quando convidavam o vizinho que não possuía parreiral para beber vinho doce, os filós regularmente possuíam uma mesa farta com bolachas caseiras, batata, pinhão, amendoim, café, vinho e graspa (COSTA, 1998).

O entrevistado C relatou que durante sua infância em Encantado, participou de vários filós na companhia de seus pais. Segundo ele:

O filó! É uma reunião de famílias, normalmente... da mesma localidade ou então mesmo de... parentesco ou grande amizades, então veja o que eu participei por exemplo: reunir-se várias famílias, todas elas unidas naturalmente pelas amizades às vezes, pelo parentesco e etc, chegavam na casa do cidadão, anfitrião, e esses recebia então, já na ida as pessoas já iam cantando, rezando, e iluminadas por aqueles “lampeãozinhos” e tal. Chegadas lá e cumprimentos e tal e continuavam então e faziam uma reunião reza de um terço, a parte inicial apenas e depois então, a parte social. Normalmente o anfitrião preparava alguma coisa para comer, Isto era muito comum na época de colheitas. Eu lembro que tinha colheita da uva então ia todo mundo na casa do cidadão que colheu a uva fez o vinho de manhã, a noite estava doce, então junto vinho doce, batata assada, vinha rapadura, vinha o amendoim vinha outras essas coisas... vinha um petisco assim pra passar a noite na confraternização, e aí o que acontecia: os homens ficavam trabalhando [...] na roça ou isso ou aquilo e as mulheres mais... casos de família [...] de casa mesmo né. Ou então se dedicavam aos jogos... o mora, o 3 7, que era muito usual [...] ou então a cantoria. Aí as mulheres também participavam da cantoria, era uma reunião... muito bonita... todo mundo gostava de participar (EC, 2015, p. 2).

Era nos filós que os laços de amizade e de parentesco se fortaleciam. As crianças se encontravam para brincar, e para os jovens era a oportunidade de iniciar um namoro, que por sua vez, poderia resultar em casamento. Por não possuírem outros meios de lazer, o filó era o método mais comum entre os jovens para se conhecer ou iniciar um relacionamento. Os adultos também aproveitavam os filós para conversar sobre colheitas, negócios, empréstimos de animais, bem como pedir ajuda para executar determinadas tarefas (COSTA, 1998; GOMES, 2008).

O filó mais importante não era o esporádico, aquele do qual as famílias se visitavam, mas sim o filó que acontecia todas as noites nas casas de cada colono, onde a própria família se reunia para o jantar. Era o momento de conversar sobre os fatos do cotidiano, em que pais aproveitavam para realizar uma conversa pedagógica

com os filhos e, ao final de tudo, crianças, jovens e adultos se ajoelhavam e rezavam (COSTA, 1998).

Em Encantado, a Lei Municipal nº 2360, de 16 de julho de 2003, institui a “Noite do Filó”. A data reservada para a comemoração, dia 20 de maio, consta no Calendário de Eventos do Município (FERRI, 2007). Como parte das comemorações do Centenário de Encantado, no dia 20 de maio de 2015, realizou-se o “Mega Filó” na Comunidade Santo Agostinho, promovido pela Administração Municipal (DIÁRIO de Campo 2, 2015).

O Mega Filó iniciou na igreja Santo Agostinho (ANEXO D), com shows de grupos que cultuam elementos da tradição italiana. Os grupos pertenciam às cidades que integraram no passado o território de Encantado e com o passar do tempo, foram adquirindo sua emancipação, que são: grupo Nostre Radizze de Encantado; Coral Municipal de Anta Gorda; grupo Cantare La Vita de Nova Bréscia; grupo Ricordando il Pasatto, de Putinga; e grupo la Felicitá de Relvado. A apresentação do evento ficou a cargo do senhor Neocir Bigolin, que também apresenta o programa La Voce D’Italia, transmitido integralmente em dialeto italiano em uma emissora local de rádio (DIÁRIO de Campo 2, 2015).

Após as apresentações na igreja, os participantes deslocaram-se para o salão da comunidade localizado ao lado da igreja, onde continuaram a confraternização (ANEXO E) e degustaram diversos pratos típicos da culinária italiana. No salão, mais um grupo se apresentou, o grupo Dança Show de Nova Bréscia (DIÁRIO de Campo 2, 2015).

Como foi possível observar, o processo migratório que culminou na vinda de imigrantes italianos para o Brasil e na colonização do município de Encantado, trouxe consigo uma carga cultural bastante significativa oriunda de sua terra natal. Com o passar do tempo, seus descendentes adaptaram esses elementos à nova realidade do sul do Brasil.

4 AS ENTIDADES TRADICIONALISTAS EM ENCANTADO

O capítulo apresenta um breve histórico das entidades tradicionalistas e os desdobramentos de cada uma desde sua fundação. Primeiramente, será abordado o Centro de Tradições Gaúchas Giuseppe Garibaldi, em seguida, o Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi e por fim, o Departamento de Tradições Gaúchas Guardiões do Rio Grande.

4.1 CTG Giuseppe Garibaldi

No ano de 1961 foi inaugurada a primeira entidade tradicionalista em Encantado, conforme segue:

Um movimento liderado por Oly Antão da Rosa, Jorge Moreira, Dr. Darcy Conceição, Osvaldo Campos de Oliveira, Clovis Pereira, Edvi Duarte, Alfeu Perez, Tenente Osvaldo de Sousa e muitos outros. A princípio foram encontros em casas particulares, conversas entre amigos. Chegou-se à conclusão que existiam fatores favoráveis para a fundação de um CTG em Encantado. Partimos, então, para um grupo maior e, no dia 27 de setembro de 1961, no antigo Salão Paroquial de Encantado, em memorável Assembleia, realizou-se a reunião inaugural para a fundação de um Centro de Tradições Gaúchas (MOREIRA, 2001, p. 13).

O entrevistado EE (2014), participou da fundação do CTG Giuseppe Garibaldi e relata que Encantado, em 1961, era uma cidade pacata, sendo que os ânimos se acirravam apenas durante o período eleitoral. A sociedade encontrava-se no Clube

Recreativo, local de práticas esportivas e outras formas de lazer, como a dança. Sobre isto temos o seguinte:

Bom! É uma história comprida. Corria o ano de 1961, a cidade de Encantado e seus moradores viviam pacatamente, [...] a não ser quando sacudidas por aquelas agitações políticas normais, e mais acirrada que nos foram legadas por nossos [...] avós aqui em Encantado principalmente né, vem de longa data transmitidas de pai para filho. Acontecimentos esses, que eram próprios de uma cidade pequena, cujos ânimos se acirravam na eleições municipais. Este acirramento de ânimos não era muito diferente dos dias atuais. A sociedade Encantadense naquela época, [...] na década de 40, 50, 60 por aí, é... limitava-se a se reunir quase que diariamente nos fins de tarde no saudoso Clube Recreativo de Encantado, ali na Padre Anchieta. Onde hoje é o Colégio Mario Quintana. Ali existia uma cancha de vôlei frequentada pelos sócios do Clube [...] e foi palco de grandes disputas esportivas entre os sócios e algumas equipes visitantes, local que foi também ocupado para a prática de bolão, cuja sede foi construída graças à iniciativa de um saudoso Tito Zanini, de um Lino Tramontini, de um Alcides Ganasini e tantos outros amantes deste esporte, [...] que era um esporte da amizade né. Foram memoráveis também as reuniões dançantes aos domingos e feriados em que os jovens se divertiam, arrumavam seus namorados e muitos casamentos tiveram seu começo nessas... nessas reuniões dançantes (EE, 2014, p. 3).

Analizando o relato, é possível perceber que a fundação deste CTG em Encantado possibilitou movimentações mais frequentes, proporcionando momentos de socialização com impactos positivos na qualidade de vida da população. Estas situações em que pessoas frequentam centros tradicionalistas persistem até os dias de hoje, hábito cujos benefícios são vistos inclusive em outras localidades, a exemplo do que acontece com participantes do CTG Nova Querência de Boa Vista/RR, estudado por Matsdorff (2013) no que tange à influência positiva originada a partir dessa integração social.

Para o depoente EA (2015), na década de 1960, já existia em Encantado um grupo de pessoas com a intenção de cultivar as tradições gaúchas de uma forma organizada. Ou seja, com a fundação de um Centro de Tradições, com estatuto, diretoria, quadro social e filiação ao Movimento Tradicionalista Gaúcho.

A organização das memórias e o consequente posicionamento dos indivíduos nelas, serão trabalhados na ocasião em que serão realizados os depoimentos. Pois, segundo Souza e Crippa (2010, p. 82), “ao contar e compartilhar algo com alguém que escuta, questiona, confirma ou nega, o indivíduo se insere em uma temporalidade própria, onde ele se localiza e se reconhece”.

Continuando com sua narração, o entrevistado EE (2014), revela que o senhor Oly da Rosa, foi transferido de Lajeado para gerenciar os trabalhos da Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN) de Encantado. Anos antes, conforme Steinhoefel (2007), o senhor Oly já havia exercido o papel de patrão no CTG Bento Gonçalves, em Lajeado. Neste sentido temos:

Nesse meio tempo, assumiu a gerência da CORSAN aqui em Encantado, o senhor Oly Antão da Rosa, transferido que foi de Lajeado para gerenciar os serviços iniciais, de água e saneamento de Encantado. O Oly... tinha sido patrão do CTG Bento Gonçalves de Lajeado, que existia desde 1955. Eu fui procurado no mês de maio de 1961 pelo Edvi Duarte, pelo Dr. Darci [...] Conceição e por outros amigos para participar de uma reunião com a finalidade de se fundar em Encantado um Centro de Tradições Gaúchas. A ideia me foi simpática pois eu já... conhecia lá em Cruz Alta os Centros de Tradições Rodeio da Saudade, Turibio Veríssimo e Querência da Serra, cujo Galpão-sede deste último ficava no bairro São José, na Boa Parada [...] a uma quadra de minha... minha residência né. Lembro de ter participado de diversas reuniões aqui em Encantado, tendo sido encarregado de elaborar os Estatutos desse [...] Centro de Tradições que recém tava [sic] iniciando. Participavam dessas reuniões além de minha pessoa, os senhores Oly Antão da Rosa e sua esposa professora Maria [...] da Rosa, Dr. Darci Conceição, [...] Médico de Itaqui, Oswaldo Campos de Oliveira, fiscal do Vinho, Clovis Pereira, Edvi Apolo Duarte e uma série de [...] amigos nossos aqui né. No dia 27 de setembro de 61, nas dependências do antigo Salão Paroquial, realizou-se a reunião inaugural, para a fundação de um Centro de Tradições Gaúchas. Essa reunião foi presidida pelo Sr. Oly, por sugestão do Dr. Darcy Conceição e pela experiência que tinha por ter presidido o CTG [...] Bento Gonçalves de Lajeado. I [sic] secretariada por mim [...] (EE, 2014, p. 3-4).

Conforme visto, com base na experiência que tivera como patrão, o senhor Oly presidiu a reunião de fundação do CTG em Encantado e explicou sobre o funcionamento de um Centro de Tradições. Além disso, também sugeriu o nome do italiano Giuseppe Garibaldi para a entidade, mas esta ideia já havia surgido da conversa do senhor Nédio Marchese com o poeta gaúcho Aparício Silva Rillo.

O presidente dos trabalhos fez uma ampla explanação sobre a origem e de como funcionaria um Centro de Tradições Gaúchas ali né e segundo o Dr. Nédio Marchese me contou depois, o nome de Giuseppe Garibaldi foi sugerida por ele, por ter tido uma conversa, lá em São Borja, com Aparício da Silva Rillo, o Aparício [...] foi um poeta [...] conhecedor profundo das Tradições Gaúchas e o Nédio Marchese a serviço [...] profissional se encontrou com ele lá em São Borja [...] e daí surgiu o nome [...], importante que o Nédio Marchese não estava presente, na reunião do Centro, mas por sugestão minha que ele teve dito pra mim, [...] demos o nome e foi aceito pela comunidade. Aí então, foi fundado o CTG Giuseppe Garibaldi justamente no dia 27 de setembro de 1961, aí fizemos reuniões e mais reuniões e fundamos [...] a parte cultural né [...], a mulher [...] do Oly, a dona Maria [...], como é o nome dela? [...] ela já [...] tinha experiência na parte artística né e aí por [...] intermédio dela nós fizemos também, fundamos junto com o CTG a invernoada artística né (EE, 2014, p. 4).

No que se refere às funções de um CTG, tomando como base uma palestra ocorrida no CTG Giuseppe Garibaldi, em 27 de setembro de 1961, temos a seguinte explicação:

É importante ressaltar que no dia 27 de setembro de [...] 1961 nessa reunião, esteve presente o poeta Dimas Costa, o “Xiru Divertido” que apresentava um programa na rádio... rádio Farroupilha né, proferiu uma palestra dizendo o que era um Centro de Tradições Gaúchas incentivando e tudo mais né. Então estava se [...] tornando realidade, a fundação de um Centro de Tradições Gaúchas de Encantado né, i [sic] qui [sic]... tem assim, já... [...] quase 60 anos né, foi fundado em 1961 né, [sic] então tá aí o nosso CTG Giuseppe Garibaldi né, que surgiu quase do nada em termos materiais, mas nasceu dos ideais da causa tradicionalista, de gaúchos nativistas, homens de fibra e valor, que te seguem com amor por estes cinquenta anos mostrando a marca do pano da Bandeira Tricolor. Salve o CTG Giuseppe Garibaldi (EE, 2014, p. 4).

Nota-se a preocupação do grupo de fundadores do “Giuseppe”, em expor o que de fato era uma entidade tradicionalista, para tanto, convidaram para proferir uma palestra, um tradicionalista. Sendo assim, mesmo o EE (2014) afirmando em seu depoimento anterior, que existia em Encantado fatores favoráveis para fundação de um CTG, constata-se que o tradicionalismo não era muito divulgado, uma vez que o município foi basicamente formado por descendentes de italianos sem muita familiaridade com a cultura gaúcha.

Peter Burke, em sua obra *Hibridismo Cultural* (2003, p. 16-17), refere-se ao termo cultural, “[...] em um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações”. Neste sentido, a palestra proferida na reunião de fundação da primeira entidade tradicionalista de Encantado, ministrada por um tradicionalista, serviu para “ensinar” como deveriam ser as condutas a serem seguidas, bem como a apresentação formal do que deveria ser a cultura gaúcha representada em um CTG.

Em todos os finais de tarde, uma parte da sociedade encantadense reunia-se no Clube Recreativo, com o objetivo principal de confraternizar em família (FERRI, 2007). Muitos sócios do Clube Recreativo também vieram a associar-se ao CTG, até mesmo a rainha do Clube tornou-se prenda do CTG posteriormente (EE, 2014).

O Primeiro Galpão do CTG Giuseppe Garibaldi (ANEXO F) localizava-se na Rua Érico Ribeiro da Luz, hoje Rua Monsenhor Scalabrini. Foi feito um acordo no qual o dono do imóvel, sediava o terreno pelo período de nove anos para construção do galpão, e em troca, o CTG ficava responsável pelos custos do calçamento da rua. O Esteio Fundamental do Galpão (ANEXO G), foi lançado no dia 19 de agosto de 1962, e a inauguração ocorreu em 15 de dezembro do mesmo ano. Foram convidados para o fandango de inauguração o 35 CTG e o CTG Sentinela da Tradição de Muçum (MOREIRA, 2001).

Como o terreno não pertencia à entidade, tendo que pagar o calçamento e perante a negação do proprietário em desfazer-se do terreno, “foi escolhido por unanimidade autorizar a Diretoria a comprar um terreno de aproximadamente 2 mil metros quadrados [...] nas imediações da fábrica de óleo na rua Eduardo Satler” (ATA, 12/01/1966, p. 3-4). Com a aquisição do terreno, o CTG transfere sua sede para a rua Eduardo Satler, permanecendo até hoje neste local. A inauguração do novo galpão ocorreu no dia 27 de maio de 1967, e entre as festividades de inauguração, foi realizada uma Missa Crioula (ANEXO H) (MOREIRA, 2001).

O galpão ainda seria reformado, perdendo a cobertura do capim Santa Fé e totalmente reconstruído em 2005. A inauguração do atual galpão do CTG Giuseppe Garibaldi (ANEXO I), ocorreu em 16 de abril de 2005. Na noite de inauguração, foram vendidas mais de 700 fichas para o jantar, que contou também com a apresentação em um telão com imagens do velho e do novo galpão, benção por um padre, discursos e corte da fita, ou melhor, do laço e seus pedaços distribuídos entre os presentes (ATA, 16/04/2005, p. 10-13).

O galpão do Giuseppe é utilizado para os ensaios da parte artística, tanto para os grupos de dança, como para os individuais. Também é usado para festas, almoços, jantares e fandangos promovidos pela entidade, ou então alugado para realização de eventos de terceiros, além de inúmeras outras promoções. O CTG também participa do campeonato municipal de bochas, nas modalidades masculino e feminino. Anexo ao galpão da entidade, existe a cancha de bochas onde são realizados os jogos.

Mesmo sendo Encantado uma cidade com população predominantemente de descendentes de imigrantes italianos, a maioria dos fundadores do “Giuseppe” eram procedentes de outras etnias. Como primeiro Patrão: Oly A. da Rosa; 1º Vice: Jorge Moreira; 2º Vice: Darcy Conceição; 1º Secretário: Francisco Ribas e Silva; 2º Secretário: Alfeu Perez; 1º Tesoureiro: Clovis Pereira; 2º Tesoureiro: Osvaldo C. de Oliveira; Conselho Deliberativo: Natalicio Pereira, Salin A. Chanan, Henrique Cé Neto, Gaspar Chechi, Alfredo Lima e Tte. Osvaldo J. de Souza. E como suplentes: Tenente Sebastião Silveira, Tito Zanini, Adelino D. Marchi, Olvidio Cé, Ary Schossler, Ivo Hausen e Avelino Nardino. Com o passar dos anos, descendentes de outros grupos étnicos se filiaram ao CTG, inclusive a italiana. No entanto, o CTG somente elegeu um patrão italiano em 1971, com Remo Murer, que veio junto com as últimas levas de imigrantes vindos da Itália (FERRI, 2007; MOREIRA, 2001).

Mesmo assim, os descendentes de imigrantes italianos participaram do CTG Giuseppe Garibaldi desde sua fundação. Jorge Moreira na obra “CTG Giuseppe Garibaldi: sua história, sua gente”, de 2001, lista os sócios admitidos na entidade ao longo dos anos e, entre os sobrenomes, encontramos muitos italianos, como, Sangalli, Zuchetti, Radaelli, De Conto, Piccinini, Marchese, Ferri, Calvi entre outros. Conforme o depoente EC (2015, p. 8), “[...] primeiro grupo de dança das meninas, a maioria era de origem italiana, que era dirigida pela Glades Sangalli, de origem italiana [...]” e “[...] a primeira internada artística do CTG, nós tínhamos o... o Mario Ferri... o Casagrande... o Espanholo... [...] o Júlio Bastiani né, [...] o pessoal de origem italiana” (EE, 2014, p. 13).

Remo Murer, segundo Moreira (2001), mesmo sendo italiano de nascimento, usava bombacha, foi patrão de setembro de 1971 a agosto de 1973. Sua indicação para patrão gerou alguns comentários contrários, “ora, diziam, onde já se viu, um italiano ser Patrão do CTG. Mas mantivemos nossa indicação e o elegemos, para espanto dos pelo-duros” (MOREIRA, 2001, p. 59).

Curioso o fato de um italiano ser patrão da entidade tradicionalista, e mais singular ainda, os comentários contrariando esta indicação. Pois, o CTG Giuseppe Garibaldi, como visto anteriormente, sempre possuiu no seu quadro social, indivíduos com descendência italiana. Sendo assim, enfatizamos o exposto anteriormente por

Oliven (1992), sobre a necessidade dos descendentes de colonizadores afirmarem sua brasilidade e gauchidade, na ocasião da fundação do segundo CTG, em Taquara ainda em 1948. Bem como a conotação pejorativa do termo colono. Nesse sentido, percebe-se certo desconforto dos tidos “pelo-duros” com os ditos italianos da Península Itálica e os seus descendentes.

Ao longo dos anos, o Giuseppe passou por altos e baixos, contando com mais de 500 associados, conforme Ata de 11/01/1981 (p. 110-111) e realizando “o maior evento de Encantado, seu Rodeio Crioulo” (FORÇA do Vale, 1992b, p. 6). Em 1999, foi realizado um dos maiores Rodeios Crioulos de todos os tempos, contando com público superior a 20 mil pessoas (FORÇA do Vale, 1999c, p. 8). E como qualquer entidade, o CTG teve que lidar com os anseios e opiniões diferentes entre seus participantes, algumas divergências foram resolvidas, como destacada pela matéria do Jornal Força do Vale de 12 de junho de 1995, a qual refere que a troca da patronagem naquele ano ocorreu em clima harmônico, contrariando os boatos existentes na cidade de que rixas entre o ex-patrão, seu sucessor e associados com maior expressão estariam dividindo a entidade (FORÇA do Vale, 1995, p. 12). Mas por vezes suas divergências internas foram mais graves, causando a cisão do grupo e a posterior criação de outras entidades.

4.2 GAN Anita Garibaldi

A partir de divergências dentro do “Giuseppe” que causaram a cisão do grupo, surge em 1994 a segunda entidade tradicionalista de Encantado. Sob a patronagem de Edmar Luis Paduan, em reunião no dia quatorze de fevereiro, no Salão Paroquial de Encantado, foi fundado o Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi. Curioso que na ocasião da sua fundação, os idealizadores deste grupo preocuparam-se, além das tradições gaúchas, “preservar” as tradições italianas, pois como dito anteriormente, a população de Encantado é constituída predominantemente de descendentes de imigrantes italianos. Sobre este aspecto, tem-se o seguinte registro:

A finalidade primordial de fundar uma entidade voltada para o culto das tradições gaúchas e resgatar, também, a tradição italiana, tendo em vista que

a população de Encantado em sua maioria tem descendência italiana (ATA, 14/02/1994a, p. 1-2).

A primeira patronagem do GAN Anita Garibaldi, conforme ata de reunião, estava composta em sua maioria por mulheres. Dentre estas podemos apontar a patroa: Juliana Fontana; Vice Presidente: Ivete Fontana; Secretária: Rejane Lorenzon Nedef; Tesoureiro: José Marchioretto; Conselho de Vaqueanos: Marcia Graciola, Jorge Moreira, Norma Lorenzon, Ivani Graciola e Ênio Tiecher, (ATA, 24/02/1994b, p. 2-6). Também encontramos nessa primeira patronagem, muitos sobrenomes de descendentes de imigrantes italianos.

O depoente EE (2014), participou do grupo que fundou o CTG Giuseppe Garibaldi em 1961 e, também se envolveu na formação do “Anita”, mas nesse caso, com seus conselhos. Relata o conflito entre a patronagem e o departamento artístico no “Giuseppe”, pois segundo o patrão da época, a parte artística tinha muitos gastos.

[...] existia um grupo de senhoras, que... cuidavam da parte artística, duma [sic] gurizada que tinha lá no CTG lá, era mirim, juvenil, [...] adulta nem tinha tanto né, i [sic] [...] grupo de senhoras cuidava, [...] dirigia essa [...] gurizada, para o tradicionalismo né, i [sic] ali tinha [...] a prenda... Juliana Fontana, a dona... diversas senhoras ali né, [...] dirigiam [...] essas internadas artística i [sic] o patrão do CTG na época, não aceitava muito, porque dava despesa, é claro que dava despesa! Então ele chegou a dizer o patrão numa reunião olha vocês podem ir embora daqui porque eu com um fandango, [...] como... um rodeio cada ano, eu tiro [...] mais lucro [...], então [...] numa [...] dessas [...], quando ele disse assim aqui vocês não ensaiam mais, podem ir embora daqui, então este grupo de senhoras né, veio me procurar, o que que nós fizemos? Agora vocês é que resolvem né. Nós queremos fundar uma [...] outra entidade, então funda uma outra entidade que não tem problema nenhum. Mas será que o MTG aceita? Claro que aceita né [...] e não tem problema nenhum né, porque... a fundação de uma entidade é livre né, sabe pela Constituição que tu pode fundar... se associa né [...], e foi muito bem aceito fundaram a entidade e tá [sic] aí a entidade [...]. E eu participei ali como conselheiro [...] eu era conselheiro do Movimento Tradicionalista inclusive diretor [...] administrativo né, eu [...] participei dando [...] auxílio pra eles né, na elaboração do estatuto e tudo né, na estrutura inicial de um CTG né, e eles assimilaram muito bem e hoje tá [sic] aí, [...] o Anita Garibaldi como uma... uma potência, no tradicionalismo [...] aceito em todo o Estado do Rio Grande do Sul já tem... 3 ou 4 excursões [...] pela Europa né, então tá [sic] aí o Anita Garibaldi né, o CTG agora [...] tá [sic] indo para o Chile também né, [...] representam também a tradição (EE, 2014, p. 7-8).

O desentendimento entre a patronagem e integrantes do departamento artístico também é citado pelo depoente ED (2015) como motivos que culminaram na formação do GANAG:

[...] pelo que o pessoal comenta... na época, que o Anita Garibaldi era pra ser um departamento dentro do CTG. Mas [...] na época o patrão que tava [sic] dentro do CTG, disse que... a parte artística dava muito prejuízo, e ele não queria que... que... houvesse esse departamento. I [sic] houve um [...] desentendimento então com [...] as prendas e com os peões, na qual se juntaram com os pais, i [sic] saíram da entidade onde fundaram o Anita Garibaldi (ED, 2015, p. 7).

A disputa pelo poder entre grupos de pessoas ou facções não é uma situação nova, e no CTG Giuseppe Garibaldi não foi diferente. Este fenômeno é analisado por Kenneth Gabraith (1986, p. 2-3) no qual indica que o “poder é a possibilidade de alguém impor a sua vontade sobre o comportamento de outras pessoas [...] quanto maior a capacidade de impor tal vontade e atingir o correspondente objetivo, maior o poder”. Sendo assim, como as pendências entre os indivíduos não foram resolvidas, alguns saíram da entidade e fundaram seu próprio grupo. Situação semelhante vai repetir-se 10 anos mais tarde, também dentro do CTG Giuseppe Garibaldi, ocasionando a fundação de mais uma entidade tradicionalista, o DTG Guardiões do Rio Grande.

No mês seguinte à fundação do Anita, a matéria do jornal Força do Vale de 18 de março de 1994 destaca que já iniciaram os ensaios da internada juvenil. Salienta ainda que o GANAG nasceu com força, além de ser mais uma opção para aqueles que “vivem as tradições e folclores do Rio Grande” (FORÇA do Vale, 1994a, p.2).

Temos então com o “Anita”, a preocupação, em uma mesma entidade, do cultivo tanto da cultura gaúcha, quanto da cultura italiana na mesma entidade. O entrevistado EG (2015) relata que mesmo constando em ata de fundação do GANAG, como visto anteriormente, a iniciativa de formar um grupo de danças italianas, surgiu da prefeitura municipal de Encantado, e “[...] que essa era a condição do Adroaldo Conzatti [prefeito] na época [...] pra ajudar o Anita Garibaldi a ter a dança gaúcha, eles teriam que em [sic] contrapartida... entrar com a dança italiana. O grupo dançar a dança italiana [...]” (EG, 2015, p. 1). Segundo o depoente, a prefeitura auxiliou o grupo com ajuda financeira, pagando os salários dos instrutores de dança, disponibilizando estrutura física, com o local para reuniões e ensaios das danças italianas bem como as danças gaúchas e auxiliando também com as indumentárias. Afirma-se então, que era a prefeitura quem sustentava financeiramente o grupo de danças italianas.

Na reunião da diretoria com a presença dos sócios da entidade em 7 de abril de 1994, a patroa Juliana Fontana repassou o convite feito pelo então Prefeito Municipal, para que os integrantes das invernadas também fizessem parte da 1ª Oficina de Danças da Secretaria de Educação e Cultura, no qual passariam a ter aulas de danças folclóricas italianas (ATA, 07/04/1994c, p. 7-8). Já na reunião de 10 de janeiro de 1995, consta que as crianças que fazem parte da invernada artística do GANAG, obrigatoriamente deverão fazer parte do grupo de danças italianas (ATA, 10/01/1995a, p. 14). Já na ata de 6 de maio de 1997 a obrigatoriedade de participar das danças italianas desaparece, os integrantes do “Anita” tem agora, o “direito de participar de todas as modalidades oferecidas pela entidade”, entre elas, encontram-se as danças italianas (ATA, 06/05/1997, p. 26).

No dia 29 de novembro de 1995, o Secretário de Cultura de Encantado apresentou o regulamento do grupo de danças italianas “La Campanella”, formado pelos integrantes do GANAG, pois ainda não existia, ao menos formalmente, normas que detalhassem os direitos e deveres dos integrantes e pais dos mesmos (ATA, 29/11/1995c p. 18-19).

Entre os assuntos das atas de 09 de junho e 05 de julho de 1994, foi decidido e organizado um coquetel a ser realizado em 12 de julho de 1994, com o intuito de mostrar para as lideranças da comunidade, o trabalho que estaria sendo desenvolvido pela entidade no campo das danças gauchescas e italianas. A promoção contou com a apresentação dos grupos de danças de apresentações individuais dos integrantes da entidade e foi registrado em matéria do jornal Força do Vale em 15 julho do mesmo ano (ATA 09/06/1994d, p. 10; ATA 05/07/1994e, p. 10-11; FORÇA do Vale, 1994b, p.13).

Em 1998, o Anita participou do Rodeio Artístico do CTG Rincão da Alegria em Santa Cruz do Sul, sendo a entidade mais premiada, conquistando assim, o Troféu Móvel (FORÇA do Vale, 1998, p. 1). No ano seguinte conquistou o bicampeonato e mais uma vez o Troféu Móvel (FORÇA do Vale, 1999a, p. 7).

Também em 1999, é realizado e noticiado pelo Jornal Força do Vale o XI Rodeio Artístico Regional, organizado pela 24ª Região Tradicionalista e sediado no

Parque João Batista Marchese em Encantado, pelo “Anita”. Na ocasião, o GAN Anita Garibaldi consagrou-se pentacampeão, pois foi a entidade com maior pontuação, e manteve o Troféu Móvel. A reportagem também salienta a participação do público encantadense e com a conquista pela 5ª vez consecutiva pelo Grupo, em seus cinco anos de existência, permanecendo o Município como o principal núcleo do tradicionalismo do Vale do Taquari, mantendo o direito de sediar mais uma vez o evento no ano seguinte (FORÇA do Vale, 1999b, p.16). O GANAN continuou por muitos anos, sendo a entidade que mais pontou e garantiu o direito de sediar o evento.

O GAN Anita Garibaldi ainda não possui sede própria, utiliza então um dos prédios cedidos pela prefeitura municipal localizado no Parque Municipal de Eventos João Batista Marchese para seus ensaios, e também os salões das comunidades do município para a realização de seus eventos. No entanto, pode-se perceber que desde o surgimento da entidade, houve a preocupação em ter seu próprio galpão. Conforme relatado em ata do Grupo em 10 de outubro de 1995, onde foi realizada a prestação de contas, e certa quantia depositada em caderneta de poupança, “o mesmo deveria ser guardado para futuramente ser aplicado em uma sede própria da entidade (ATA, 10/10/1995b, p. 17-18).

4.3 DTG Guardiões do Rio Grande

A terceira entidade tradicionalista de Encantado surge em 2004. A desavença deu-se na época em que o patrão era Jonas Calvi, a qual levou um grupo de participantes do CTG Giuseppe Garibaldi deixar a instituição para fundar outra entidade. No dia vinte e sete de maio, também nas dependências do Salão Paroquial, é realizada reunião para a fundação do Departamento de Tradições Gaúchas Guardiões do Rio Grande. A primeira patronagem era composta pelo seguinte quadro: Patrão: Sandro R. A. Lamb; Capataz: Sergio Taborda; Sota Capataz: Edi F. Nunes, Noeci M. G. Nava; Tesoureiro: Mauro A. da Rosa; Conselho de Vaqueanos: Dilmar J. Nava, Paulino Nunes, Gilmar Cima, Gilmar Pedroso, Antonio D. Lussi e Milton Barruzi (ATA, 15/06/2004a).

O entrevistado EF (2015), fazia parte do CTG Giuseppe Garibaldi, sendo que, familiares integravam o departamento artístico e foi um dos envolvidos na criação do DTG: “quando a gente fazia parte do CTG Giuseppe Garibaldi, né daí teve pessoas que não concordavam com a... com o que era elaborado lá e tal tinham ideias diferentes daí então, resolveram formar a nova entidade que é o DTG Guardiões do Rio Grande (EF, 2015, p. 6). O entrevistado também enfatizou que o motivo para a saída do Giuseppe e formação dos “Guardiões”, ocorreu por que não concordavam com algumas ideias “[...] foi questão de sair da entidade e não... não concordar mais, não houve, nada de... de mais de sério né” (EF, 2015, p.6).

O entrevistado ED (2014), integrante da patronagem do CTG em 2004, revela que a desavença começou quando a entidade voltou a ter uma estrutura de invernada adulta competitiva. Alguns integrantes da invernada adulta exigiram maior investimento na invernada, por outro lado, a patronagem planejava outro destino para o dinheiro: a construção de um novo galpão para a entidade. Neste sentido aponta-se:

É, na época [...] eu era coordenador artístico, i [sic] veio participantes, [...] o CTG também tava [sic] numa... antes disso tava [sic] numa dificuldade em... [...] na parte artística então veio pessoas de fora pra pode [sic]... nos ajudar a participar, da parte artística i [sic] a gente... começou a crescer a crescer, sempre aquela coisa, quando tu cresce, quando a coisa é... difícil outras pessoas não querem depois quando, tudo é fácil aí as pessoas querem chegar e pegar o trem andando, então... na época a gente tava [sic]... muito bem com a parte artística i [sic]... pessoas cresceram o olho, fizemos [...] rodeio, grandes rodeios, onde se tinha, uma verba... boa guardada pra... se construir o galpão novo, que o velho estava em más condições, i [sic] essas pessoas queriam o dinheiro pra poder... aplicar na parte artística, e na época a patronagem achou que não, que o dinheiro seria pra... pra construir o galpão i [sic]... eles não aceitaram isso i [sic] daí se revoltaram, e saíram e fundaram o DTG [...] (ED, 2015, p. 7-8).

A saída de membros das invernadas para formar a nova entidade, desestruturou o departamento artístico do CTG Giuseppe Garibaldi, ficando sem participar de eventos tradicionalistas com as invernadas artísticas, por certo período. Com o passar do tempo, o departamento se reorganizou. O entrevistado ED (2015), concorda com a posição assumida pela então patronagem do CTG em não liberar verba para a invernada adulta, pois segundo o depoente, hoje o CTG não teria a estrutura que possui. Sobre isto temos:

[...] mas eu hoje [...] eu digo assim, que eu sou feliz e dou os parabéns pros... patrões na época que fizeram isso, porque... se perdeu... um pouco da parte artística [...] ficamos... [...] um tempo parado sem participar mas estamos aí com... um belíssimo galpão, [...] talvez, um dos melhores da região, i [sic] estamos com a parte artística novamente aí, participando... e levando o nome da entidade. Então eu sempre digo assim e parabenizo, aos patrões da época, que fizeram a coisa certa, não é porque que... dois ou três querem... chegar i [sic] dizendo assim, não isso tem que ser nosso i [sic] e isso tem que ser [...] do jeito, por isso que daí existe um patrão, existe uma patronagem pra resolver pra decidi i [sic] pra botar as coisas na linha certa, porque... se tivéssemos liberado na época, o dinheiro pro departamento, não teríamos hoje, mais departamento não teríamos mais uma sede do jeito que a gente tem hoje, então temos uma sede, temos um departamento artístico, departamento campeiro e o CTG está [...] levando o nome da entidade, a vários... [...] municípios i [sic]... em todo o estado (ED, 2015, p. 8).

Para Galbraith (1986, p. 9), é necessário “[...] a união daqueles que partilham interesses, valores ou ideias semelhantes [...] é essencial para conquista [...] para a busca do poder”. Neste caso, o poder, e a ânsia por ele, motivou desavenças, e os indivíduos participantes do “Giuseppe”, não possuíam mais pensamentos convergentes. Desta maneira, o grupo descontente com a patronagem, retirou-se e fundou sua própria entidade.

Os desentendimentos continuaram nos primeiros momentos da formação do DTG Guardiões do Rio Grande. A pauta de muitas reuniões da nova entidade foi a atitude de alguns de seus integrantes que não estavam de acordo com as regras e estatutos da entidade. Temos então, nos dias 8 e 15 de dezembro exclusão de integrantes do grupo, entre eles um membro da patronagem (ATA, 08/12/2004c; ATA, 15/12/2004d).

O Guardiões do Rio Grande também não possui sede própria, e como o Anita Garibaldi, utiliza um dos prédios da prefeitura municipal localizado no Parque Municipal João Batista Marchese para seus ensaios e promoções, bem como outros espaços, como salões comunitários de Encantado. Mas a preocupação da construção de uma sede existiu desde o início da entidade, estando na pauta da reunião do dia 12 de julho de 2004 onde foi autorizado a compra do “madeiramento” para a construção do galpão e contratação da máquina para limpar e nivelar o terreno (ATA, 12/07/2004b), desfecho que não veio a acontecer.

A opinião dos entrevistados não é unânime quanto ao fato de Encantado possuir três entidades tradicionalistas. O entrevistado EE (2014), avalia esta

circunstância como um progresso para o tradicionalismo, pois ao mesmo tempo que disputam prêmios pelo Estado, também representam o nome do Município.

[...] querem dizer... [...] que matamos o CTG, não matamos coisa nenhuma, [...] surgiu então o Anita Garibaldi, [...] do Giuseppe Garibaldi surgiu também os Guardiões do Rio Grande, e é tradição que tá [sic] aí... em Encantado forte, bem revigorada né, [...] dizendo que se [...] projeta nu [sic] [...] ENART, nu [sic] rodeios né, [...] nos rodeios artísticos, rodeios crioulos também se projetam com três entidades. A tradição ganhou com a fundação dessas três entidades (EE, 2014, p. 8).

Da mesma forma, EB (2014), sugere um crescimento do tradicionalismo, sendo que o funcionamento de três entidades só engrandece o Movimento. Aliás, para o depoente, Encantado deveria possuir uma entidade tradicionalista por bairro, e cita o exemplo de Caxias do Sul, que segundo ele, possui mais de 100 entidades e praticamente todo o final de semana tem algum evento tradicionalista no município promovido por uma das entidades.

Por outro lado, para EF (2015, p. 7-8), três entidades estão no limite, “[...] se for analisar, já é demais três entidades [...] teria que ver a questão de custos [...]”. No entanto, o depoente admite que com esta quantidade, o Movimento consegue integrar mais pessoas dentro do município, sendo que existe um limite de participantes para as disputas artísticas nos eventos tradicionalistas.

Já o depoente EA (2015), acredita que o município não comporta três entidades. Conforme segue:

[...] mas com relação, se nós formos olhar o número de habitantes, 3 entidades de certa forma seria um número acho até elevado né, porque acaba não comportando né, a participação, a questão de número, já penso de todas as entidade resolvem fazer o seu rodeio, campeão, artístico, nós não temos estrutura pra isso, pelo tamanho da cidade, pelas condições financeiras do município, então acaba enfraquecendo, porque se a partir do momento, se cada entidade fizer um evento por mês aberto ao público, nem todas as pessoas vão poder participar porque as pessoas tem condições de repente, de ir num evento e daí nos outros isso também diminui a participação (EA 2015, p. 11-12).

Mediante os depoimentos expostos anteriormente, pode-se inferir que os entrevistados divergem quanto à quantidade de entidades tradicionalistas em Encantado. No entanto, a discussão não deve pautar-se apenas quanto ao número de entidades, mas sim se cada uma delas possui condições de desenvolver suas

atividades de uma forma satisfatória. A criação de entidades ou clubes é livre, não é permitido privar este direito assegurado constitucionalmente. No entanto, salienta-se a responsabilidade necessária para gerir e organizar uma entidade. Pois, pode-se perceber, através das entrevistas, que as dificuldades enfrentadas pelas entidades são praticamente as mesmas, ou seja, de ordem financeira, com problemas para manter os integrantes das invernadas artísticas e campeiras (capital humano). A participação em rodeios e outros eventos tradicionalistas exigem custos, além de disponibilidade e dedicação dos participantes. Na parte artística, os custos começam nos ensaios, com gastos no conjunto musical e com a aquisição da indumentária. Na campeira, as despesas são para manter o cavalo, com alimentação, remédios, encilhas, deslocamento (frete) e acampamento nos rodeios e festas campeiras.

Assim, o presente capítulo buscou expor uma breve retrospectiva acerca da história e realidade das entidades tradicionalistas do município de Encantado. Percebe-se que o processo que culminou na fundação do CTG Giuseppe Garibaldi em 1961, teve motivações diferentes da fundação do GAN Anita Garibaldi em 1994, e do DTG Guardiões do Rio Grande em 2004. No primeiro caso, um grupo de pessoas visava cultivar oficialmente as tradições gaúchas, visto que não existia no município nenhuma instituição com esta finalidade. Já na fundação do “Anita” e “Guardiões”, as motivações estão relacionadas a disputas internas, no qual indivíduos e/ou grupos dentro da entidade, procuraram impor seus anseios. Retomamos a Galbraith (1986, p. 4), autor que enfatiza que muitas vezes, “[...] o indivíduo deixa de expor sua ideia e aceita o ponto de vista do outro porque uma eventual reprimenda seria muito áspera”. No entanto, nas circunstâncias que motivaram a fundação do “Anita” e dos “Guardiões”, percebe-se o contrário, situação em que os indivíduos fizeram valer suas ideias, causando atrito com a direção da entidade que pertenciam. Como dito anteriormente, em virtude das pendências mal resolvidas, esses indivíduos optaram por sair do “Giuseppe” e formar seu próprio grupo.

5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS ELEMENTOS CULTURAIS ENTRE O TRADICIONALISMO GAÚCHO E A CULTURA ITALIANA

Neste capítulo pretende-se estabelecer a relação existente entre os elementos do tradicionalismo gaúcho e da cultura italiana. Para tanto, serão elencadas características das duas culturas, tais como dialeto, indumentária e culinária, levantando algumas reflexões relativas ao modo como os depoentes lidam com esta relação.

5.1 Ingresso e participação de descendentes de italianos em movimentos tradicionalistas de Encantado

Inicialmente abordamos relatos de alguns tradicionalistas da cidade de Encantado, ou seja, indivíduos que cultuam as tradições gaúchas, e que estão ligados ou foram ligados a alguma entidade tradicionalista do município. Na sequência, buscou-se também entrevistar sujeitos que, de alguma forma, possuem algum vínculo com a cultura italiana. Nesse sentido, importa ressaltar que muitos dos entrevistados cultivam as duas culturas, a gaúcha e a de descendentes de colonizadores italianos.

A utilização da história oral, foi relevante para captar o que não está dito oficialmente ou os dados que não constam nas fontes convencionais. Neste sentido, “seria então matéria da história oral captar as vozes ocultas pelo saber oficializado,

construído por meio de documentos convencionais, principalmente escritos” (MEIHY, 2006 p. 197).

Alguns dos depoentes, como o entrevistado EE (2014) que não é descendentes de colonizadores italianos, consideram-se tradicionalistas desde o nascimento, pois tinha o contato e a vivência diária com os peões da fazenda de seu avô, e ouvia as histórias que ele contava.

É quando me tornei tradicionalista, não tenho data determinada de quando eu me tornei tradicionalista, acredito eu, que desde meu nascimento lá num fundo de campo, lá na minha Boa Vista do Cadeado, fez com que meu amor ao Rio Grande, aos seus usos e costumes, a sua história, a sua história épica de herois do passado me fez tradicionalista desde o berço, além disso os peões, as reuniões com os peões lá nos galpões lá da minha Boa Vista do Cadeado lá, isso me fez tradicionalista desde o berço né, no tempo primário eu era convidado muitas vezes para declamar e as vezes me davam poesias de cunho gauchesco né, talvez aí, me fez declamador e tradicionalista, **mas meu gauchismo mesmo se acentuou, inevitavelmente, com o surgimento do CTG Giuseppe Garibaldi em 1961 aqui em Encantado.** (EE, 2014, p. 2, grifo nosso).

Observamos que, mesmo considerando-se tradicionalista de “berço”, o depoente EE (2014), alega que seu “gauchismo”, termo com o qual ele refere-se ao tradicionalismo, intensificou-se a partir do surgimento do CTG Giuseppe Garibaldi, em meados da década de 1960. No relato do entrevistado EF (2015), são encontrados alguns elementos semelhantes.

Embora EF seja descendente de italianos, também não é natural da cidade de Encantado, sendo igualmente “criado na lida de campo, na roça”. Tal qual o entrevistado anterior, seu fascínio pelo tradicionalismo aumentou quando veio morar com sua família em Encantado, há cerca de 30 anos atrás. Na referida cidade aprofundou seu gosto pelo tradicionalismo, quando sua filha ingressou na invernada pré-mirim do Giuseppe.

[...] na verdade me tornei mais fanático pelo tradicionalismo a partir ã que a gente veio morar em Encantado há uns 30 anos atrás, e daí nisso com o tempo surgiu a, o convite para minha filha que hoje atualmente ela tem 20 anos, pra fazer parte da invernada pré-mirim do CTG, então ali que a gente começou pegar mais gosto pelo tradicionalismo porque daí tu já participou acompanhou mais de perto né, se envolveu mais, então, daí a cultura se tornou mais forte (EF, 2015, p. 1).

Quando criança, o depoente via seus pais participando dos bailes gauchescos, conhecidos também como fandangos: “[...] não é que eles são fanáticos pelo tradicionalismo, mas eles iam no fandango, por que eles gostavam da música gauchesca” (EF, 2015, p. 12) e sempre alimentou a vontade de fazer parte de uma entidade tradicionalista. No entanto, o entrevistado revela que, ao contrário de sua filha, não houve oportunidade ou um convite durante sua juventude para fazer parte de uma invernada artística, e ele acrescenta ainda que “[...] de repente se ninguém tivesse convidado ela, hoje eu não teria envolvimento nenhum com o tradicionalismo (EF, 2015, p. 13).

No relato de EF (2015), notamos a importância que o MTG – juntamente com suas instituições afiliadas – possui. Segundo o que pode-se inferir do depoimento, a presença dessa organização foi fundamental para que este entrevistado aderisse ao Movimento Gaúcho, pois, como seus pais, mesmo fazendo parte dos fandangos, e uso de outros elementos do tradicionalismo gaúcho, o depoente revela que o tradicionalismo só fez parte de sua vida de fato em razão do convite feito à sua filha para ingressar em uma entidade tradicionalista.

Muitos depoentes conservam na memória e mantêm os mesmos hábitos da cultura de seus antepassados migrados da Península Itálica. As lembranças dos entrevistados nos proporcionou visualizar imagens de situações passadas e que são repetidas atualmente. Sobre esta questão, Le Goff (2003, p. 471) salienta que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”.

Da mesma forma como visto com o entrevistado EF (2015), o convite de amigos, namorados ou familiares, enfim, alguém próximo, também foi o fator responsável por “levar” os entrevistados ED (2015), EA (2015) e EB (2014), para o Movimento Tradicionalista Gaúcho. Estes também apontam a importância de fazer parte de uma sociedade que preserva a tradição gaúcha, pertencimento necessário para gerar a sensação do “ser” tradicionalista.

O entrevistado ED (2015), revela que começou a ter um maior contato com a cultura gaúcha quando conheceu sua namorada, a qual participava da invernada

artística do “Giuseppe”. Até então, ED (2015, p.2) afirma que possuía pouco contato com o tradicionalismo: “[...] eu não tinha conhecimento sobre isso aí, eu não procurava conhecer por que não convivia com pessoas que participavam, ouvia falar de longe, mas pouca importância eu dava”, nem ao menos sabia dançar, sendo sua namorada a responsável por ensiná-lo nos fandangos do CTG. No entanto, em sua narrativa, constatamos que a verdadeira responsável por torná-lo tradicionalista foi a filha do casal, que dançava na internada do CTG Giuseppe Garibaldi, que, aliás, foi sua mãe que a levava para os ensaios. Certo dia, sua filha o convidou para assistir aos seus ensaios, a partir daí, não deixou mais de participar das atividades tradicionalistas. Conforme segue:

[...] mas na verdade mesmo quando eu comecei foi quando nasceu minhas filhas e a minha filha mais velha com 7 anos a mãe dela trouxe ela pro CTG eu até então não participava nem vinha assistir os ensaios nada, porque não era ligado ao CTG ao tradicionalismo, vinha nos bailes antigos quando tinha com minha esposa não sabia dançar, nada, foi ela que me ensinou a dança, a participar. Mas tradicionalista mesmo eu fiquei, eu acho que fiquei, quando **a minha filha mais velha começou nos ensaios e um dia ela disse pra mim vim assistir os ensaios dela, daí então eu nunca mais deixei de participar das entidades do CTG, do tradicionalismo**, fui aprendendo muita coisa do tradicionalismo das entidades, da parte artística, da parte campeira ã com elas então acho que daí em diante eu comecei a gostar, comecei a participar dessa parte do tradicionalismo (ED, 2015, p. 1 grifo nosso).

É interessante o fato de que foram os filhos os maiores responsáveis pela introdução dos pais ao tradicionalismo, pois mesmo participando dos fandangos e dançando músicas gaúchas, os depoentes apenas se consideraram tradicionalistas depois de ingressarem em uma entidade e conhecer mais profundamente o Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Também por convite, neste caso de sua prima, que era prenda regional juvenil e participava do grupo de danças do CTGGG, o depoente EA (2015), entrou para o tradicionalismo. Foi eleita prenda juvenil da entidade e a partir de então, continuou participando do Movimento Tradicionalista Gaúcho, integrando também outra entidade no município de Lajeado:

Eu me tornei tradicionalista conheci o movimento tradicionalista em 89, na época tinha 13 anos de idade, eu fui convidado pra, por uma prima pra participar de um concurso de prendas do CTG [...] e eu concorri na categoria juvenil e na época então participei do concurso com outras meninas né, era um concurso que tinha um grau de dificuldade na época bem menor do que

é hoje, porque hoje o concurso de prendas ele é bem mais estruturado, então nós tínhamos que, uma prova escrita, uma prova oral mais a parte artística que era cantar, dançar ou declamar e... me lembro que eu cantei a música era canto alegretense meu pai tocou na gaita e eu cantei e fiz a prova oral e acabei me saindo bem e fui eleita então primeira prenda juvenil do CTG e desde então segui a... participando né, depois fui prenda regional 90, 91, na gestão 90 91, participei do estadual de prendas em, na cidade de Ijuí [...]. Depois que eu fui prenda regional representando o estado, segui participando do CTG eu, na verdade nunca dancei participei de grupos de dança do CTG, mas sempre participei na questão mais da, do prendado mesmo. Mais tarde por volta de 95 96 fui participar de um grupo de danças em Lajeado no CTG Bento Gonçalves que na época se formou um grupo adulto com jovens de toda a região tinha então jovens de encantado até de Santa Cruz, Lajeado, Estrela e esse grupo nós fizemos uma turnê pelo, por cinco capitais brasileiras em 98 se eu não tiver enganada, então assim a minha trajetória depois do grupo de dança segui, e de qualquer forma sempre continuei participando do CTG Giuseppe Garibaldi através de organizações de rodeios né, ajudando na questão das prendas também (EA, 2015 p. 1-2).

Antes de entrar para o tradicionalismo, o depoente EA (2015), acompanhava os eventos tradicionalistas, no caso o rodeio em Encantado, como espectador. Na companhia de seus pais, prestigiava as provas campeiras e as danças do evento, sempre achando bonito ver as crianças dançarem. O contato com a música gaúcha também vinha de casa, pois seu pai tocava gaita. No entanto, ainda não sentia relação com as tradições gaúchas, “havia aquele questão de prestigiar, de certa forma de vivenciar, sem estar no movimento né” (EA, 2015, p. 2). Até participar do concurso de prendas do CTGGG, a relação entre a tradição gaúcha e o depoente EA (2015), limitava-se ao papel de espectadora e, mesmo assistindo as disputas das modalidades do rodeio crioulo, não buscou por iniciativa própria entrar para a entidade.

O entrevistado EB (2014), se considera tradicionalista a aproximadamente 20 anos, pois é nesse período que participa ativamente do “movimento”. Antes disto, o contato que possuía com as tradições gaúchas, restringia-se a andar de cavalo, influenciado por seus avôs paternos e maternos, que segundo ele, são do “sistema antigo”. Sobre isto temos:

Como quase tudo na vida a gente tem influências das pessoas né, e meus, meus avós, meus paterno e materno, me ensinaram na verdade umas coisas do tradicionalismo que é andar a cavalo e... daí então tinha sempre aquele amor por isso, embora eles, eles eram do sistema antigo e a gente não tinha, de uma família humilde, não tinha condições de ter cavalo, enfim, de praticar o esporte, o laço e coisa parecida. Então após ou durante os estudos ainda, eu já fui introduzindo junto com alguns colegas, no tradicionalismo [...] daí por diante praticamente não sai mais do tradicionalismo, participando de rodeios,

inicialmente participando mais como espectador, depois mais tarde, como, fui entrando em cavalgada e posteriormente passei a andar a cavalo e então já entrando então no laço, começando a laçar né, e hoje cavalo, laço, faço um pouco de tudo, tenho a companhia de meu filho por exemplo e nas horas vagas é o nosso lazer né, andar a cavalo, meu filho me acompanha desde os 4 anos de idade a cavalo, então é, faz parte do nosso cotidiano o tradicionalismo digamos assim, a gente mateia quase que todo o dia, de manhã e de tardezinho (sic) e ... e faz parte do nosso cotidiano mesmo (EB, 2014, p.1).

Uma possibilidade a ser considerada para a interpretação do “sistema antigo” mencionado pelo depoente EB (2014), pode estar relacionada à forma de praticar e/ou utilizar os símbolos do tradicionalismo sem ter a consciência de seu ato ser uma expressão cultural, ou agir sem o objetivo de cultivar as tradições gaúchas conforme a visão do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Sendo assim, o depoente EB (2014), considera que tornou-se tradicionalista, quando passou a participar de eventos ligados ao tradicionalismo, como rodeios, inicialmente como espectador, em seguida com a prática do laço e cavalgadas. Neste sentido, o depoente apreendeu a andar de cavalo, mas por não ter condições de ter o animal, não praticava o tradicionalismo

O relato do entrevistado EB (2014), faz referência à companhia de seu filho no tradicionalismo, fato que aconteceu desde que aquele tinha 4 anos de idade. No entanto, o depoente não informou durante a entrevista se preserva junto com seu filho, os elementos da cultura dos colonizadores italianos. Nesse sentido, pode-se perceber a ausência de um movimento organizado e de grande repercussão, aos moldes do Movimento Tradicionalista Gaúcho, para “oficializar” a cultura italiana.

5.2 Dialeto italianos e tradicionalismo em Encantado

Sobre os dialetos italianos, observa-se que os entrevistados EA (2015), EB (2014), EC (2015), ED (2015), EF (2015) e EG (2015), possuem descendência italiana, e alguns cultivam os laços da cultura dos imigrantes da Península Itálica com mais frequência/intensidade do que outros. Os dados obtidos também revelam que apenas alguns dos elementos da cultura italiana, com suas continuidades e transformações, foram incorporados no decorrer do processo histórico-cultural do município de Encantado. Sobre isto, encontrou-se a seguinte explicação:

[...] os imigrantes não propuseram a cultura italiana para o Rio Grande do Sul, muito pelo contrário, reatualizaram ou mesmo recriaram uma civilização diferente das conhecidas da terra natal, em vista de suas novas necessidades. Percebe-se devido a isso que, os elementos da cultura italiana não são simplesmente repetidos no Rio Grande do Sul, mas sim reconstruídos, agregando novos elementos (GOMES, 2008, p. 40).

A situação distinta vivida pelos colonizados na Nova Terra, fez com que adaptassem ao meio, ajustando sua forma de viver. De acordo com Peter Burke (2003, p. 91), “a adaptação cultural pode ser analisada como um movimento duplo de des-contextualização e re-contextualização, retirando um item de seu local original e modificando-o de forma a que se encaixe em seu novo ambiente”.

O entrevistado EA (2015), informa como eram os encontros de família na casa dos seus avôs. Revisitando a memória a respeito do passado destaca:

Bom em relação a questão da, da cultura italiana em si, ela também, ela sempre teve presente né, desde que, desde que eu me lembro assim, lembro da casa na vó aquela questão da família toda reunida de no domingo mesa grande com todo mundo reunido da sopa de capeleti, depois a galinha recheada, da massa, são pratos bem típicos italianos da questão das músicas né depois do, no domingo sempre depois do almoço tinha as cantorias, La Bertinela, América né, então eu vivenciei bastante isso durante toda a minha infância depois a questão da juventude e agora mais na fase adulta, claro os nonos não estão mais ali, mas em casa a gente continua, nessa questão principalmente acho que existe a presença na questão da alimentação, na questão da religiosidade, né aquela coisa que como italiano tu sente aquela necessidade de oração, da, de ter esse contato mais ligado com a igreja católica, não existe tanto aquela questão da música né que a gente acaba ..., mas acho que está mais ligada a questão mesmo da, da religião em si, do, da comida e da bebida, da, daquela questão da família bastante unida da questão de, tu, do fala alto, do gesticular que são próprios do italiano (EA, 2015, p. 7).

Além de descrever os típicos encontros de famílias de descendentes de colonizadores italianos, observamos no relato do entrevistado EA (2015), características desta cultura que continuam vivas na atualidade, tais como dialeto, religião e culinária. Sublinha-se que “nada do que é cultura pode ser estanque, porque a cultura faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental” (SANTOS, [1992], p. 47).

Conforme referido nos capítulos anteriores, os colonizadores italianos não possuíam uma identidade nacional, uma vez que a Unificação Italiana foi um fato muito próximo ao período em que os programas imigratórios para o Brasil tiveram início.

Sendo assim, não existia uma única língua Italiana, muito pelo contrário, os imigrantes trouxeram diversos dialetos, conforme a sua região de origem (IOTTI, 2010).

Desdobramentos desta situação parecem estar presentes no relato dos entrevistados EB (2014), EF (2015) e ED (2015) praticantes do tradicionalismo gaúcho, pois comunicam-se em dialeto italiano, ou melhor, compreendem ou falam o dialeto, não necessariamente sendo fluentes nesta “língua”. O entrevistado EB (2014), sabe o dialeto italiano e alguns jogos, como a mora, mas apesar disto, não se considera como alguém que cultua as tradições dos colonizadores italianos. Sobre isto temos:

[...] eu não tenho hábito de cultuar, apesar de conhecer alguma coisa do dialeto, falo o dialeto italiano inclusive, e alguns jogos italiano que a gente se habitua a jogar tipo jogo de mora porque tenho três gerações de italiano e uma de português né, o pelo duro como diz [...], e ... enfim, e dentro desse contexto aí assim, praticamente falo praticamente todas as palavras em dialeto italiano né, veneto né, e alguns jogos assim que a gente conhece e logicamente a gastronomia né não pode se esquecer da gastronomia também (EB, 2014, p. 9-10).

Pode-se perceber que o entrevistado comparou a preservação de elementos da cultura italiana com a preservação de elementos das tradições gaúchas. No entanto, como o entrevistado atua muito mais no tradicionalismo, inclusive participando de patronagem de entidade tradicionalista de Encantado, o mesmo não se reconhece como praticante da cultura italiana, ainda que estejam presentes elementos importantes, como o dialeto e jogos.

Barth (1998) argumenta que o contato com outros grupos pode, ao invés da perda identidade, contribuir para reforçá-la. Em um estudo que analisou grupos étnicos da Ásia, o autor identificou que os indivíduos Parthans tornam-se Baluches quando estão no território dos Baluches, enquanto que o contrário não acontece: Baluches continuam sendo Baluches mesmo em território Partham. Segundo o autor, “a identificação de outra pessoa como pertencente a um grupo étnico implica compartilhamento de critérios de avaliação e julgamento. Logo, isto leva a aceitação de que os dois estão fundamentalmente “jogando o mesmo jogo” (BARTH, 1998, p. 196). Analisando os depoimentos sob essa perspectiva, percebe-se que vários entrevistados também praticam uma espécie de “jogo” de pertencimento, pois revelam

apenas perceber suas especificidades quando encontram-se situados fora do ambiente habitual.

Ainda que de maneira restrita, os depoentes EF (2015) e ED (2015), também revelam conseguir se comunicar em dialeto. O primeiro relata que sua mãe, a parte “italiana” da família, não o ensinou o dialeto. Já o depoente ED (2015), que aliás, teve um contato maior com a cultura italiana quando morava no interior de um município vizinho ao de Encantado, onde frequentava as festas tradicionais da comunidade, e também, ouvindo seus avós conversando em dialeto, atualmente não compreende muito esse linguajar. O motivo para tal dificuldade é que sua mãe não é descendente de imigrante, e mesmo que seu pai possuísse tais raízes, não tinha o costume de conversar por meio do dialeto em casa.

Lembramos o conceito de cultura, que segundo o teórico José Luiz dos Santos ([1992]), compõe um processo, portanto não é possível pensá-la de forma estagnada, estática. O autor, usando o caso dos eventos tradicionais, que podem ser repetidos ao longo do tempo e em vários locais, alega que estes não necessariamente acontecem da mesma forma, pois, “o fato de que as tradições de uma cultura possam ser identificáveis não quer dizer que não se transformem, que não tenham sua dinâmica” (SANTOS, [1992], p. 47).

Sem a prática de conversar em dialeto, percebe-se que alguns entrevistados esqueceram o que apreenderam deste estilo de linguagem. Também não notamos nenhuma menção entre os depoentes, sobre a possibilidade de repassar para seus filhos o linguajar característico da região de imigração italiana ou outros elementos culturais, dando continuidade a esta cultura mais especificamente no município de Encantado. Em contrapartida, já com os entrevistados EB (2014), ED (2015) e EF (2015) notamos essa preocupação em repassar as tradições gaúchas para seus respectivos filhos, ou pelo menos, possuem a preocupação em transmitir o tradicionalismo para as crianças, visto que em outro momento, já foram integrantes de patronagens das entidades tradicionalistas de Encantado, e mantinham diversas crianças e adolescentes sob seus cuidados.

5.3 A indumentária envolvendo o tradicionalismo e descendentes de italianos

Entendemos que peças da indumentária gaúcha, tais como a bota e a bombacha, símbolos do tradicionalismo, são usados por descendentes de colonizadores italianos, não apenas para integrar-se à sociedade, mas também em razão de sua utilidade. Portanto, o italiano que apresenta-se usando bota, bombacha e anda a cavalo, pode não ser necessariamente identificado como representante da tradição gaúcha.

Zattera (1999) aponta que as vestimentas do dia a dia dos colonizadores italianos no Rio Grande do Sul eram confeccionadas com tecidos fortes, tais como o brim riscado, ou algodão xadrez ou estampadinhos. Normalmente eram confeccionados em casa e não sofreram interferência da moda local, dos gaúchos ou brasileiros, pelo simples motivo que o colono italiano não possuía recursos financeiros para tanto. Após um ou dois anos, o “traje dominical” – isto é, aquela roupa destinada a ocasiões mais formais – normalmente tornava-se a vestimenta diária. O autor revela mais detalhes da vestimenta dos colonizadores em questão:

[...] o imigrante italiano vestiu, em seus primeiros anos de trabalho na colônia, calças longas, por vezes arregaçadas, camisas de mangas longas e sem colarinho e o suspensório. Nos pés, nada. Mais tarde, o uso do chinelo de couro e, principalmente, de tamancos se tornou comum (ZATTERA, 1999, p. 324).

Por outro lado, o entrevistado EC (2015) discorda desta informação, informando que a bota foi logo adotada desde os primeiros tempos pelos colonizadores. O calçado era utilizado para o serviço, no corte das matas, pois estes trabalhavam “[...] cortando o mato, de tamanco, de chinelo, de pé no chão [...]” (EC, 2015, p. 10) e a bota, por ser um calçado fechado, protegia os trabalhadores de ataques de cobras e outros animais peçonhentos, comuns em meio à vegetação.

Considerando as duas hipóteses, acredita-se que a situação inicial nas colônias não proporcionava ao colono italiano obter os recursos necessários à aquisição de calçados. Salvo algumas exceções, portanto independente de sua utilização, não deve ser tomada como indicativo do tradicionalismo.

Referente à indumentária tradicional italiana, o grupo de danças italianas do GAN Anita Garibaldi usava em suas apresentações roupas típicas da cultura italiana (ANEXO J). No entanto, vale salientar, como referido anteriormente, a unificação italiana aconteceu prestes ao início do movimento migratório para o Brasil, possuindo assim, muitas regiões com suas próprias características, ou seja, dialetos, culinária e vestimentas distintas.

Passados os primeiros momentos, e com o início do comércio nas colônias, o traje típico do gaúcho foi incorporando-se normalmente ao vestuário dos colonos:

Quando o comércio se tornou ativo nas colônias, passavam por ali gaúchos descendentes de portugueses e espanhóis. Estes gaúchos usavam seu traje característico com bombacha, palas e botas. Alguns gaúchos-italianos adotaram parte desses elementos e não foi incomum a tendência de usar botas, bombachas, poncho e lenço no pescoço (ZATTERA, 1999, p. 324).

Segundo Steinhoefel (2007), as primeiras botas eram rústicas e foram denominadas “botas de potro”, eram confeccionadas com as patas traseiras de equinos, tornando-se um item muito importante para a proteção dos pés. A autora também indica a diversidade cultural da bota no Rio Grande do Sul, uma vez que apresenta características distintas conforme a região.

A bombacha, um dos símbolos do tradicionalismo e peça chave da indumentária masculina, tem uma trajetória interessante (OLIVEN, 1992). Conforme Tau Golin (1983), a bombacha foi introduzida no Rio Grande do Sul com o fim da Guerra da Criméia. Fábricas inglesas produziam a peça do vestuário, que era parte do uniforme do exército turco. Com o fim do conflito antes do esperado, a produção de bombachas que seria destinada para a guerra, ficou encalhada. Como o mercantilismo inglês não aceitava prejuízos, a Inglaterra encontrou no Pampa Latino, um local para alocar a produção da vestimenta (GOLIN, 1983).

O entrevistado EA (2015) não acredita que o fato de vestir o traje típico do gaúcho faz com que ele identifique-se melhor com a tradição. Na realidade ele sustenta que não é apenas com o uso da vestimenta típica que nos “tornamos” gaúchos, mas sim o que é vivenciado no dia a dia, o sentimento de pertencer a uma determinada cultura.

[...] acredito que todos nós independente de estar um vestido de prenda ou uma bombacha, a questão do sentimento, a questão da tua relação com a tradição com o tradicionalismo independe né de tu ta (sic) ou não, e independe muitas vezes de tu ta (sic), fazendo parte de uma entidade ou não, porque atualmente não estou ligada a nenhuma entidade mas nem por causa disso eu deixo de valorizar, de prestigiar né, então o fato de uma pessoa estar ou não de bombacha, de estar ou não de vestido, frequentar ou não um CTG não quer dizer que ela não seja né, não ... não digo que ela não,... de repente ela não pode não ser um tradicionalista porque ela não está inserida num movimento tradicionalista, ela não está, mas ao mesmo tempo está sim, pode estar sim cultuando suas tradições né (EA, 2015, p. 5-6).

Ao mesmo tempo, para o depoente EA (2015), os jovens participantes das entidades tradicionalistas, que dançam nos grupos artísticos, por exemplo, também participam dos bailes em outros clubes. Estes jovens, segundo o relato do entrevistado em questão, estendem a participação do tradicionalismo para outras áreas fora do círculo cultural gaúcho e, quando vestem uma bombacha, ou quando estão em uma entidade ou evento tradicionalista, se sentem mais gaúchos.

Da mesma forma, o entrevistado EF (2015) não considera o uso da bombacha como fator determinante na identificação de um gaúcho, pelo contrário. No seu ponto de vista, “[...] gaúchos quem mora no Rio Grande do Sul, nasceu no Rio Grande do Sul, eu acho que é gaúcho né, independente se tu usa bombacha ou não, tem pessoas que usam direto né” (EF, 2015, p.5).

Nesta perspectiva, gaúchos são todos os indivíduos que nascem no estado do Rio Grande do Sul, “[...] uma população heterogênea com suas diferenciações sociais econômicas e culturais (o que inclui desde classe social até origens étnicas). Neste sentido, é sinônimo de ‘rio-grandense do sul’” (MACIEL, 1994, p. 32).

Por outro lado, o entrevistado EB (2014), deposita maior importância à bombacha, informando que com muita dificuldade adquiriu a primeira bombacha, e esta vestimenta foi responsável por criar uma simbologia capaz de identificá-lo como tradicionalista, uma vez estando pilchado. De acordo com suas palavras, EB afirma o que segue:

[...] a bombacha me identificou mais, me deu uma identidade, digamos assim, os primeiros tempos, eu que quando voltei pra casa do colégio interno, colégio onde fiz técnico em agropecuária e as pessoas me perguntavam, onde é que tem rodeio hoje, porque eu usava todo final de semana usava a piucha (sic), ia para qualquer tipo de evento com piucha (sic), e daí as pessoas me perguntavam onde que é o rodeio, onde que é o rodeio, não

necessariamente, então hoje já as pessoas, a maioria que me conhecem, já sabe que tenho o costume de usar (EB, 2014, p. 2).

A bombacha também tem um significado importante para o entrevistado ED (2015). Ele afirma sentir orgulho em usá-la, sendo que a peça, junto com os outros itens da indumentária gaúcha, possui um lugar especial em seu guarda-roupa.

[...] é um orgulho de eu vestir a bombacha porque eu vou te dizer assim ó, eu tenho muitas vezes eu só, uma coisa que eu tenho na minha casa onde eu tenho minhas bombachas, eu tenho minhas botas, eu tenho minhas guaiacas todas na parte do guarda-roupa lá que é uma coisa que eu preservo e cuido muito é uma coisa que as botas eu cuido, as guaiaca, as coisas tudo eu cuido, então pra mim é um orgulho eu vestir uma bombacha, hoje, logo que eu entrei eu comecei devagarinho onde eu fui aprendendo a usar a bombacha, a pilcha então hoje pra mim é um orgulho e logo quando eu posso qualquer evento que tem, mesmo na entidade, eu venho pilchado então é um orgulho do gaúcho essa parte da pilcha, é um diferencial que o gaúcho tem que importante pro tradicionalismo [...] (ED, 2015, p.16).

O entrevistado também observa que o uso da bombacha em eventos não tradicionalistas, chama a atenção das pessoas, pois não é considerada uma veste diária no meio urbano, e sim, um item característico do gaúcho.

[...] acho uma coisa engraçada que, ã, antigamente o pessoal usava bastante bombacha, o vestido, até no mês de setembro quando é o mês do gaúcho e depois foi caindo caindo caindo e eu tenho muitas vezes a gente tem observado que quando se veste a bombacha hoje, hoje em dia muitos pais, muitos muitos, ã, pessoas, pais eu digo estão voltaram a usar bombacha e incentivar seus filhos a usar e muitas vezes tu ta de bombacha eu vejo isso quando não é em rodeios ou outras eventos do tradicionalismo e as pessoas que tu ta de bombacha tu entra em vários estabelecimentos e as pessoas te olham como coisa de dize assim, mas olha ele ta de bombacha e ta de de pilchado, de gaúcho [...] (ED, 2015, p.15-16).

No que tange à vestimenta feminina, Soraia Steinhofel (2017), salienta que na ocasião da fundação do 35 CTG, em Porto Alegre, o grupo era composto apenas por homens. O elemento feminino surge na sequência, mesmo assim, “[...] o movimento era muito machista e apresentava preconceito e repúdio às mulheres (STEINHOEFEL, 2017, p. 70). Segundo a autora, a indumentária feminina é constituída pelo vestido, bombachinha, saia de armação, sapatos e meias.

A pilcha exige investimento para adquirí-la e o entrevistado EE (2014), revela que nos primórdios do CTG Giuseppe Garibaldi, foi difícil fazer um baile com todos os participantes pilchados, pois “[...] o pessoal não tinha uma bombacha, uma bota, é caro também né [...]” (EE, 2014, p. 7). No entanto, com o tempo, a indumentária foi

sendo introduzida, tornando-se comum a realização de bailes com todos seus integrantes pilchados, de bota e bombacha.

Ao assumir o cargo máximo do CTG Giuseppe Garibaldi para o biênio 1989/90, até então a única entidade tradicionalista do município, o novo patrão conta que um de seus planos era incentivar a participação dos jovens nas tradições gaúchas. Para tanto, dois ou três bailes da entidade serão liberados da pilcha completa, pois segundo o patrão, os jovens precisam antes conhecer o Movimento para saber se iriam gostar ou não, para então depois decidir sobre a aquisição da indumentária (FORÇA do Vale, 1989).

Acreditamos que as vestimentas tradicionais das culturas italianas e gaúchas, foram remodeladas para representar o passado. Ao mesmo tempo, ambas vestimentas não respeitam os diversos momentos da história e as influências externas sofridas pelas vestes, reduzindo as vestimentas a um padrão oficial.

Como também observa-se nos depoimentos, é comum os entrevistados utilizarem a indumentária gaúcha em várias ocasiões, tradicionalistas ou não, sempre com o intuito de preservar/fortalecer a referida cultura. Por outro lado, não há nenhuma referência às vestes tradicionais italianas pelos entrevistados – ainda que esta distinção não esteja muito clara na visão dos entrevistados.

5.4 O cavalo no tradicionalismo e na cultura italiana

Em seu estudo sobre as carreiras no Vale do Taquari, Emanuele Amanda Scherer (2014) destaca a importância do cavalo na formação do Rio Grande do Sul, tendo este animal marcado profundamente a vida e a cultura gaúcha. Sobre esse fenômeno, a autora faz as seguintes observações:

A utilização do cavalo para a realização das tarefas cotidianas na fazenda e nas atividades de lazer constrói um personagem que atua nos diferentes segmentos da vida no campo. Ele é o companheiro nas horas de trabalho e acompanha seu dono nas horas de lazer, de forma que as duas ações se tornaram tão indissociáveis e paralelas que algumas atividades como a doma passaram a ser consideradas tanto profissão como lazer (SCHERER, 2014 p. 30)

Segundo Maciel (1994), no Rio Grande do Sul, os colonizadores tiveram além do acesso à propriedade da terra, outros bens materiais e simbólicos, garantindo desta forma ascensão social, como é o caso, por exemplo, do cavalo. Indispensável para montaria do gaúcho no Rio Grande do Sul, na Europa ter um cavalo era motivo de ostentação e privilégio da aristocracia rural, sendo o mesmo utilizado como animal de tração para os agricultores.

No Rio Grande do Sul, os imigrantes tratavam de adquirir uma montaria assim que possível. Neste caso, além da ordem prática, não pode ser desconsiderado o aspecto de ascensão social que, simbolicamente, o cavalo de montaria lhes proporcionaria (MACIEL, 1994, p. 40).

Além de fundamental para o trabalho no campo, o cavalo também tornou-se símbolo do gaúcho. Foi usado na região de colonização italiana, bem como em todo o Estado Gaúcho, como meio de locomoção e força motriz. O cavalo também representava, de certa forma, status social, posse importante que além de ajudar no trabalho, também poderia ser usado para o lazer. Sobre essa questão, o entrevistado EB (2014), descendente de italiano, faz distinção entre as posses de seus avós paterno e materno, acreditando que um deles tinha mais status do que o outro por possuir mais de um cavalo – um era usado para a tração e o outro para montaria, ir até a venda ou jogar baralho. O sustento, com a alimentação, também era determinante para estipular a quantidade de cada animal. O cavalo ingere o equivalente a dois ou três bois. Além do mais, o sustento da família, era, obviamente, mais importante que o lazer:

Não acho que falando assim no [...] ditado popular o italiano e o alemão em geral ele considera que o cavalo come bastante, ou seja, ele come no lugar de uma duas ou três vacas onde ele poderia ter um boi, uma vaca pastando, uma ovelha, então ele não, ele não criava cavalo, ele não criava cavalo em função de, de reter a cultura que precisava primeiro garantir o sustento depois garantir digamos algo que pudesse proporcionar ã, algo pouco de lazer pra ele, que seria o cara poder passear, o cara poder digamos até se fazer muita carreira isso era uma coisa bem tradicional [...] (EB, 2014, p. 12-13).

O fato de possuir cavalos também é considerado por EC (2015) uma forma da família demonstrar que tinha certas condições financeiras:

[...] nem todos podiam comprar um cavalo mas veja que o cavalo se tornou uma necessidade, como hoje uma geladeira, tem que comprar um cavalo porque, porque o cavalo serve, se fosse pra ir à missa na loja ia a cavalo, pra ir levar farinha no moinho, mesmo pra lavar a terra no começo então o cavalo era muito usado, então o imigrante italiano usou o cavalo de chegada,

conforme as posses ia adquirindo o cavalo assim como a junta de boi [...] (EC, 2015, p. 11).

Entretanto, os entrevistados EF (2015) e EA (2015) discordam desde entendimento, isto é, não consideram que o fato de possuir o cavalo seja uma forma de distinção social. O entrevistado EF (2015), também descendente de italiano, recordando o período em que era criança e vivia no campo, afirma que o cavalo era primeiramente um meio de transporte, pois automóveis eram raros na época. Conforme seu ponto de vista, o cavalo não representava uma posse importante, e sim um item de primeira necessidade, imprescindível para os serviços diários: “[...] porque era um animal pro trabalho, então era necessidade ter um cavalo né, então alguns usavam para o tradicionalismo, mas a maioria usava para o trabalho” (EF, 2015, p. 2).

Ao fazer a relação atual com o cavalo, o entrevistado EA (2015) também não acredita que o animal é um meio de fazer distinção social, mas sim uma forma de lazer:

[...] do povo gaúcho mesmo quem mora na cidade com o cavalo, ou vai ter algum conhecido que tem ou vai ter uma chácara e lá vai ter um cavalo pro final de semana a gurizada ir dar uma volta nem que é só pra ti ter o animal pra de vez fazer um passeio, mas existe mesmo pra quem mora na cidade essa relação né, com o cavalo (EA, 2015, p. 3).

Continuando com seu relato, o depoente afirma que muitas pessoas, mesmo não tendo condições financeiras para manter seu cavalo, fazem alguns sacrifícios para garantir sua diversão.

[...] eu acho que é uma questão de gosto pessoal e de, a gente vê muitas pessoas que não tem muitas vezes condições e tem, assim, não tem muitas condições financeiras mas por ter aquele apego, por ter aquele gosto eu acho que sacrifica outras coisas para manter o cavalo que a gente sabe que ter um cavalo tem custos também com a alimentação, questão de colocar as ferraduras pra ti ter os arreios todos né, pra ti poder usufruir né, dar uma volta ..., tem todo um custo por trás e não necessariamente representa uma divisão de classe ali (EA, 2015, p. 3-4).

Conforme visto nas bibliografias analisadas, o cavalo sempre representou um item indispensável no Rio Grande do Sul, seja como montaria ou como força motriz ou lazer, ao mesmo tempo em que continua sendo um meio bastante significativo para garantir a preservação das tradições gaúchas. Para tanto, as lidas de campo são relembradas em um sentido comemorativo, em forma de competições nos rodeios,

como o tiro de laço. Reverbel (1986, p. 37) afirma que “o cavalo, o mate amargo e a carne assada nas brasas (churrasco) constituem os elementos característicos do complexo cultural gaúcho”.

O cavalo também se destacou na utilização de carreiras. As corridas de cancha reta, segundo Scherer (2014), desenvolveram-se em todo o estado, como também no Vale do Taquari, ou seja, em municípios com descendentes de açorianos, alemães e italianos, dentre eles a cidade de Encantado. As competições também serviram para integrar os imigrantes à sociedade. Conforme segue:

[...] assim como nas regiões de fronteira, nas regiões de colonização europeia as corridas de cavalo foram difundidas amplamente, comprovando que esta atividade não limitou ou reforçou as fronteiras étnicas e promoveu uma interação cultural entre os diferentes grupos que passaram a ocupar a região do Vale do Taquari. Pode se inferir a respeito desse quadro que houve uma preocupação por parte dos grupos de imigrantes em integrar-se às atividades desportivas, reafirmando suas identidades étnicas, apropriando-se de uma prática já tradicional no Rio Grande do Sul e inserindo nela características de suas culturas (SCHERER, 2014, p. 46).

O depoente EB (2014) corrobora com esta questão, e revela que o esporte de suas avós, era a carreira:

[...] encarreramento de cavalo, é uma coisa que tá na cultura... [...] talvez, tá tão forte na cultura italiana quando na cultura latina na [...] região de fronteira no estado [...]. [...] eu lembro que o esporte do meu avô por exemplo, era se tivesse uma carrera [sic], qualquer um dos dois eles iam... meu avô materno meu avô paterno mesma forma, se tivesse carrera [sic] eles iam pra carrera [sic], eles encilhavam o cavalo no domingo e iam pras carrera [sic] (EB 2014, p.12).

Salientamos que o entrevistado EB (2014), como já referido anteriormente, é descendente de portugueses e italianos, sendo que seus avós, de origens distintas, usavam as corridas de cavalo para lazer e integração social. Sendo assim, seja qual for a utilidade, o cavalo foi importante tanto para gaúchos como para colonizadores italianos.

5.5 A culinária italiana e o tradicionalismo

Ao relacionar alguns elementos da cultura dos descendentes de colonizadores italianos e da tradição gaúcha (como indumentária, culinária e o andar a cavalo), percebe-se que muitos destes elementos transitam por ambos os lados de uma fronteira cultural. No entanto, não é possível afirmar que determinado elemento do tradicionalismo gaúcho seja utilizado com o mesmo sentido que na tradição italiana. Ou seja, muitos elementos são inseridos no cotidiano apenas pela sua utilidade, sem necessariamente vincular um significado por estar cultuando determinada tradição.

Sendo assim, para esta situação, pode ser aplicado o conceito de hibridismo cultural proposto por Peter Burke (2003, p. 55), no qual “encontros culturais produzem formas novas e híbridas”. Isto porque em várias situações constata-se que os entrevistados não fazem distinção entre a cultura gaúcha e a cultura dos descendentes de italianos a qual vivenciam.

No que diz respeito à culinária, os elementos de uma cultura também são usados pela outra, “[...] veja, o prato típico italiano é o prato típico gaúcho, só muda a carne, e o tempero, o resto é igual, e o risoto que é o carreteiro, que são duas comidas tradicionais e de duas etnias diferentes [...]” (EC, 2015, p. 10).

Outro item da culinária, o churrasco, é uma das heranças dos povos indígenas que habitavam o Pampa, sendo que “o costume de assar carne entre os índios do campo e os Guarani passou para os espanhóis e aos luso-brasileiros” (LAROQUE, 2002, p. 159), que por sua vez, ganhou status de símbolo dos gaúchos. Nos relatos dos entrevistados EA (2015), EC (2015) e EE (2014), todos com descendência (ao menos em parte) de colonizadores italianos, é nítido que o churrasco é consumido sem a pretensão de ser um símbolo do tradicionalismo, pelo contrário, tornou-se um hábito de todo o povo gaúcho, sem distinção de grupo cultural.

Conforme Giron e Heredia (2007), plantações como o trigo já eram experimentadas pelos açorianos e alemães no Rio Grande do Sul, alimento também cultivado nas colônias italianas. Frutas temperadas, maçãs, peras, marmelos e

principalmente a uva, também eram plantios comuns. No entanto, o milho se destacou como principal cultura, conforme relatos das autoras:

[...] a cultura de sustentação do colônia italiana, visto que a base de toda a alimentação do colono era a polenta. Além de alimento para ao homem, o milho era criado também na criação de animais, como aves, porcos, etc. Essa cultura de fácil plantio, sem grandes exigências quanto ao preparo da terra, foi a primeira fonte de subsistência dos imigrantes (GIRON; HERÉDIA, 2007, p. 82).

O milho, ingrediente fundamental na fabricação da polenta, é originário da América, e foi introduzido na Península Itálica inicialmente em Veneza. Comparado com outros cereais, o rendimento e durabilidade do milho é superior, tornando-se assim, importante fonte alimentar (FAVARO, 2006).

Na Itália, a polenta tornou-se um alimento do povo, pois não tinham condições para comprar pão. Os italianos do sul zombavam dos camponeses do norte chamando-os de *polentoni* (comedores de polenta), por gostar tanto do prato. Com o passar do tempo, a polenta, bem como outros pratos humildes, passaram de um alimento popular para tornar-se um prato clássico, tomando lugar no cardápio de restaurantes luxuosos (PILS, PALLMER, 2013).

Nesta mesma linha, Gomes (2008), salienta que nas colônias gaúchas, a polenta também foi motivo de chacota, sinônimo de comida de pobre, pois o colono rico não comia polenta. “Mas o colono, que labutava no pesado, sempre teve na polenta a comida base. Comia-se polenta no café da manhã, no almoço e na janta. A polenta é uma comida de alto teor energético e de fácil digestão (GOMES, 2008, p. 41).

A principal atividade econômica do Rio Grande do Sul sempre esteve ligada ao setor pecuarista, direcionado ao abastecimento do mercado interno brasileiro, sendo que o setor agrícola ficava a cargo dos colonizadores europeus. Passada a primeira fase de subsistência, os colonos passaram a produzir um excedente de gêneros alimentícios, que por sua vez abastecia os centros urbanos locais e do centro do país (PESAVENTO, 1996).

O arroz, ingrediente do risoto, foi levado pelos espanhóis para Nápoles durante o Renascimento. Antes disto, na Antiguidade, o arroz já era conhecido, mas não apreciado, pois era servido como refeição nutritiva para doentes e gladiadores (PILS, PALLMER, 2013).

De acordo com Gomes (2008, p. 44), “um prato que foi largamente incorporado à mesa do brasileiro é o risoto, tradição trazida da Itália e que já fazia parte da culinária gaúcha, conhecido como *carreteiro*, usando, em especial, na sua elaboração o *charque*”.

É através da culinária, segundo o entrevistado EA (2015), que as culturas se misturam. Nas festividades de determinada entidade tradicionalista, pratos típicos das duas culturas são servidos lado a lado:

[...] na nossa região né, se a gente pegar, vai ter um almoço típico gaúcho no CTG vai ter o *galeto* com massa isso é da cultura italiana, vai ter o *churrasco* também que é da cultura gaúcha, daí vai ser servido vinho mas também vai ter antes disso uma roda de *chimarrão* né, vai ter música e na música vai ter a *gaita* então acho que é uma mistura das duas (EA, 2015, p. 8).

Da mesma forma, EE (2014) aponta para o natural uso dos pratos típicos por indivíduos da “outra” cultura:

[...] qual é o italiano que não sabe fazer um *churrasco*, qual é o italiano que não é difícil né, fazer um *carreteiro*, um *feijão mexido*, uma coisa assim né, e o gaúcho, qual é o gaúcho que não gosta que comer uma galinha com arroz com uma *polenta*, uma *polenta frita* né é assim né, então as duas culturas se fundiram perfeitamente né, numa sintonia assim, que cada vez fica mais bonita tanto a tradição gaúcha como a tradição italiana (EE, 2014, p. 14).

Essa culinária mista também é incorporada ao cotidiano, já que não é apenas nas festividades que o *churrasco*, *polenta*, *carreteiro* e o *risoto* são servidos juntos. De certo modo, é possível afirmar que a cozinha dos tradicionalistas e a cozinha dos descendentes de colonizadores italianos, se considerarmos esses mesmos pratos, são produzidos sem distinção de tradições. Encontramos desta forma, conforme Peter Burke (2003, p. 23), exemplos de *hibridismo cultural* em toda a parte, não apenas no sentido geográfico, mas também “na maioria dos domínios da cultura – religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na literatura ou na música”.

Muitas vezes, mesmo inconscientemente, o hibridismo resultante da mistura de culinárias – no caso, da culinária gaúcha e italiana –, é reivindicada pelos próprios indivíduos. Como exemplo, temos no relato de depoente ED (2015), a afirmação de que é comum o pedido de muitas pessoas, principalmente dos idosos, para ter pratos da culinária italiana, como a massa e a polenta nos jantares tradicionalistas.

Outro exemplo em comum é o chimarrão, que se trata de uma herança indígena:

Primitivamente o costume da infusão de folhas de erva-mate era costume dos índios, sobretudo dos feiticeiros, para se porem em boa disposição de vaticinar. Daí que, nos primeiros anos de Assunção (fundada em 1537), era tido como vício infamante, e tão infamante que, no correr do tempo, se pôs castigo sobre o vício, tanto da parte do Governo como da parte da Igreja. Durou este estado de coisas até que estivessem, simultaneamente, no governo civil e eclesiástico dois homens ambos viciados na erva-mate. Então deu-se inteira liberdade (BRUXEL, 1975 p. 87).

O consumo do chimarrão tornou-se um costume no Rio Grande do Sul, desde “a entrada dos Guarani na povoação Rio-grandense, de 1757 em diante [...]. Os bons efeitos para a saúde, o amargor para matar a sede, a sociabilidade de tomar em roda, passando a cuia de mão em mão, terão popularizado o costume (BRUXEL, 1975 p. 87).

Nas colônias gaúchas, o hábito de matear também era comum, inclusive nas visitas, onde “a primeira coisa que ofereciam era o chimarrão, é um motivo de amizade [...] é uma tradição que vem desde os tempos mais antigos, desde o índio” (EC, 2015, p. 11). E desde o início da colonização, o imigrante adotou este hábito.

[...] o italiano logo aderiu ao chimarrão. Eu lembro que o meu avô tomava chimarrão e era imigrante italiano, quando eu conheci ele, eu já sabia que tomava chimarrão, então o italiano era muito do vinho, mas o vinho é uma bebida mais nobre e o chimarrão é uma coisa mais corriqueira, mais do dia a dia, e aí, todo mundo aderiu ao chimarrão (EC, 2015, p. 10).

Os entrevistados pontuaram diversos elementos responsáveis por atrair os descendentes de colonizadores ao tradicionalismo. Conforme EC (2015), a culinária é um destes elementos.

[...] eu acho que o próprio italiano, ele gostou do, do tradicionalismo gaúcho, ele se adaptou facilmente, um atrativo foi o próprio churrasco, que eram festas que só tinham risoto começou a aparecer o churrasco, o vinho

começou ficando de lado, vamo (sic) tomar cerveja, então isso tudo fez com que ele viu aquilo um meio mais de ... diversão e participação ou coisa daquilo... do meio ambiente, ele participou da cultura gaúcha com facilidade, ele foi se encaixando, logo, logo, desde o início dos primeiros imigrantes [...] (EC, 2015, p. 17).

Para EA (2015), o italiano que chegou ao Rio Grande do Sul aderiu à cultura local por que viu na “roda” de chimarrão, aspectos de sua cultura, alegria e aproximação.

[...] quando os italianos chegaram ao RS eles trouxeram os seus costumes né, as suas tradições e os seus costumes. Chegando aqui né, já existiam uma outra cultura, o hábito do chimarrão porque o que eu acho que o italiano assimilou da cultura gaúcha são aquelas coisas que ele já tava (sic) acostumado que aquela coisa da aproximação, do convívio, da alegria, que ta na questão do chimarrão, chegar na casa de qualquer italiano seja da serra gaúcha, seja, vai ter um fogão, a lenha, com uma chaleira em cima e a cuia e o chimarrão, então o italiano acho que assumiu a cultura gaúcha pela essa questão da fraternidade, da amizade, da alegria que existe também na cultura gaúcha né (EA, 2015, p. 11).

Já para os entrevistados EE (2014) e ED (2015), a beleza e o encantamento proporcionado pelo tradicionalismo são os responsáveis por atrair os descendentes de italianos. Conforme segue:

Bom eu acho que eles se tornaram tradicionalistas pela, pela beleza da tradição gaúcha na... [...] própria revolução gaúcha e muito se tornaram campeiros, porque andaram comprando fazenda eles tinham, eles tinham assim a cultivo de [...] nos campos né e tudo né, então através disso aí eles se tornaram tradicionalista e que como eu disse né, muitos desses italianos descendentes de italianos se tornaram grandes laçadores, grandes declamadores, grandes dançarinos inclusive dançadores de chula e tudo se tornaram tradicionalistas, isso aí porque a tradição gaúcha é bonita então atraiu o descendente italiano pra entrar (EE, 2015, p. 13).

Da mesma forma para ED (2015), as pessoas que começam a participar do tradicionalismo, se encantam com a representação da tradição que está nas danças, no canto, na indumentária, no uso do cavalo e no tiro de laço.

Eu acho porque é uma, é uma coisa de estado uma coisa que, que encantou eles o tradicionalismo, porque queira ou não queira nada contra com as outras ã, as outras ã, como é que eu digo as outras tradições de outros estados e tal, mas o tradicionalismo é uma coisa que, que quando as pessoas participam ou começam a participar é uma coisa que encanta muito que elas não deixam desde a, o vestimento do gaúcho, o cavalo, o tiro de laço, tudo isso acho que no momento que é uma coisa que encanta de um jeito como eu, na qual não participava de entidade e depois de de de, quando vim pra dentro da entidade, comecei a ter um conhecimento e a participar disso e encanta a gente. Então desde o vestimento (sic), das danças, da da da ... tradição encanta e as pessoas acho que se encantaram com isso e

começaram a participar e a levar seus filhos pra começar a participar (ED, 2015, p.11).

O entrevistado EB (2014) também acredita que ter orgulho de ser gaúcho, de viver no estado do Rio Grande do Sul e cultivar as tradições, torna o povo gaúcho um povo diferente, motivo pelo qual os colonizadores italianos abraçaram o tradicionalismo.

Basicamente do meu modo, do meu modo de pensar, é pelo orgulho realmente que tem de morar, de viver aqui, de entender a nossa terra como algo diferente realmente algo que, que tem um povo que tem um hino, um povo que tem, que canta seu hino, que tem orgulho do seu hino, que tem a sua própria bandeira né a bandeira do Rio Grande do Sul, uma bandeira separada, separando o verde e o amarelo e no meio com uma faixa vermelha porque foi ali uma identificação de um povo que não queria que não aceitava aquilo que ... que o país, me foge a palavra, que a gente tem, então a gente buscou a partir, busca-se a partir de uma identidade assim, de um povo, com certeza o italiano passa a cultivar aquilo que é nosso, cultivar de fato aquilo que orgulha, morar nesse estado que se pode passar de geração pra geração (EB, 2014, p. 11).

Analisando os depoimentos, constatamos que os entrevistados, possuem diferentes alegações para justificar os motivos que levaram os descendentes de colonizadores italianos a aderir ao tradicionalismo. Salientamos também, que entre os entrevistados, consta que muitos descendem de colonizadores italianos e, atualmente, cultivam as tradições gaúchas. Para tanto, o fato de ingressar em uma entidade tradicionalista, foi fundamental para sentirem-se parte do tradicionalismo. No mesmo modo, os elementos das duas culturas são praticados entre os dois grupos, sem necessariamente ser feita a distinção de culturas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, foram analisados os elementos do tradicionalismo gaúcho e da cultura dos descendentes de colonizadores italianos, que no século XIX, começaram a migrar para o Brasil, principalmente para o Rio Grande do Sul, e em decorrência de migrações internas, fundaram o município de Encantado. Para tanto, foram utilizadas obras que compõem vasta bibliografia referente ao tradicionalismo gaúcho, a história do Rio Grande do Sul e a imigração e cultura italiana. Foi possível constatar, entretanto, que a historiografia carece de estudos específicos abordando a relação entre as duas culturas, tendo em vista que tanto o tradicionalismo como a colonização italiana, são ricos em elementos culturais.

Considerando que a bibliografia tradicional não mostrou-se suficiente para tratar do problema proposto que foi “como os descendentes de colonizadores italianos do município de Encantado abraçaram o tradicionalismo gaúcho?”, recorreremos ao levantamento e análise de várias fontes. Foi principalmente com base nas atas das entidades tradicionalistas de Encantado, e nas memórias de indivíduos ligados ao tradicionalismo gaúcho e/ou simpatizantes dos elementos culturais italianos, que foram obtidos os dados analisados, aplicando-se a metodologia da história oral.

Referente à hipótese levantada, observa-se sua comprovação parcial, uma vez que os CTGs são, em sua maioria, ambientes de lazer acessíveis para a maior parte da população. Estes Centros foram uma das formas que os descendentes de

colonizadores encontraram para socializar-se com o restante da sociedade, ainda que em Encantado, outras opções de lazer estivessem disponíveis a população.

Ainda referente à hipótese, outra justificativa elencada para o ingresso de descendentes de imigrantes no tradicionalismo, deve-se ao fato de que, mesmo estando no Brasil e Rio Grande do Sul, continuaram a ser designados como “gringos” ou “colonos”. Ambos os termos carregavam uma conotação pejorativa, e relacionando-as à ausência de atributos positivos (como boas maneiras, cultura, educação) e a pessoas sem status na sociedade nacional brasileira. Desta forma, o descendente de imigrante, quando está cultuando as tradições gaúchas, representativamente, também passa a integrar a sociedade gaúcha e brasileira.

No que tange à esse aspecto, a pesquisa não trouxe um quadro homogêneo. Isso porque a entrada e a vinculação ao tradicionalismo, bem como o culto aos diversos elementos que compõem a tradição gaúcha, não implicou na perda do sentimento de italianidade que muitos descendentes de italianos em Encantado possuem. Isto significa que na sua avaliação pessoal, integrar o movimento gaúcho não suplantou o modo “colono” ou “gringo” de ser.

Podemos afirmar assim, que os elementos da cultura italiana também estão presentes nos eventos tradicionalistas e são vivenciados por estes participantes. Os entrevistados também não fazem a distinção entre italianos e descendentes de italianos, sendo que todos se referem ao sentimento de ser italiano. Este contato de culturas gera o que Peter Burke (2003) chama de “zona de comércio”, no qual os indivíduos “comercializam” inconsciente ou conscientemente, elementos de outras culturas como sendo suas, isto é, são ressignificados em seus próprios termos.

No intuito de rastrear elementos do tradicionalismo gaúcho e da cultura italiana no decorrer do processo histórico, primeiramente investigou-se o passado do Rio Grande do Sul, procedendo à caracterização do tradicionalismo gaúcho. Constatou-se que os “donos da tradição” – classificando assim o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) por ser o responsável por definir os traços oficiais do gaúcho – surgem apenas no ano de 1947, quando é fundado o Departamento de Tradições Gaúchas

do Grêmio Estudantil do colégio Júlio de Castilhos. No ano seguinte, nasce o 35 CTG, primeira entidade tradicionalista.

No entanto, vale salientar que este grupo originado no colégio Júlio de Castilhos, não foi o precursor dos estudos da cultura gaúcha. Em 1868, tiveram início as atividades do Partenon Literário, instituição que divulgou através de sua revista, diversos escritos de autores gaúchos. O Partenon, foi também o grande responsável por dar início à figura heroica do gaúcho, potencializando qualidades como a honra, liberdade e igualdade. Já no final do século XIX, o Grêmio Gaúcho também foi um dos responsáveis por divulgar o mito do gaúcho, através de festas, palestras, desfiles, dentre outras atividades voltadas à preservação dos costumes e tradições.

No que tange à cultura italiana, buscou-se aprofundar o contexto político brasileiro e provincial referente ao processo imigratório iniciado no século XIX, que culminou na vinda de centenas de imigrantes italianos para o Brasil, em particular, para o Rio Grande do Sul. Sobre os aspectos culturais, o trabalho aproxima-se da assertiva de Gomes (2008), ao enfatizar que a cultura italiana adaptou-se às novas circunstâncias, necessitando ser reelaborada em vários aspectos. De tal sorte, pode-se afirmar que tanto a cultura gaúcha, como a cultura dos descendentes de colonizadores italianos, foram inventadas ou reestruturadas, resultando em um processo bastante singular. Nesta perspectiva, também adota-se a visão de Santos ([1992]), autor que analisa a cultura como uma construção e em constante transformação.

Mediante a análise dos depoimentos, pôde-se constatar que elementos da tradição gaúcha e da cultura italiana permanecem operantes em uma relação sincrética, resultando na conceito proposto por Peter Burke (2003, p. 55) nomeado como *hibridismo cultural*, ou seja, “encontros culturais produzem formas novas e híbridas” de cultura. Portanto, descendentes de colonizadores, que cultuam elementos dos seus antepassados, transitam naturalmente pelo tradicionalismo em Encantado.

Vale salientar que em Encantado, as três entidades tradicionalistas do município, o CTG Giuseppe Garibaldi, o GAN Anita Garibaldi, e o DTG Guardiões do Rio Grande, tem seus nome relacionados a indivíduos ou aspectos da cultura italiana.

A fundação do “Giuseppe” deu-se no contexto de expansão do Movimento Tradicionalista iniciado em fins da década de 1940, que disseminou o tradicionalismo gaúcho pelo estado e pelo mundo.

Na formação do “Anita” e do “Guardiões”, também inserimos no processo de expansão do tradicionalismo, mas considerando que o GAN Anita Garibaldi, surge em 1994 e o DTG Guardiões o Rio Grande em 2004. Salienta-se que tanto um grupo como o outro, são oriundos do CTG Giuseppe Garibaldi, os quais o deixaram o primeiro em razão de divergências internas, conforme abordado no decorrer da pesquisa.

Através da pesquisa e com base nos depoimentos, foi possível perceber que a continuidade e divulgação da cultura e tradição gaúchas aparentam estar em maior evidência do que a continuidade e divulgação da cultura italiana. Isso por que o tradicionalismo está oficializado no MTG e, é ele quem dita as regras, como o gaúcho deve ou não deve ser, estabelecendo normas e padrões de comportamento. No tocante à cultura italiana, constatou-se a ausência de uma entidade expressiva aos moldes do Movimento Tradicionalista para oficializar a cultura italiana no meio social estudado. No entanto, esta cultura continua muito mais viva no dia a dia, com a culinária, por exemplo, mas de uma maneira internalizada e que nem sempre é percebida.

Por fim, constatamos que a abordagem entre a relação do tradicionalismo com a cultura dos descendentes de colonizadores italianos, está longe de ser esgotada. Com base nos ensinamentos de Geertz (1989), compactua-se com a ideia que situa a cultura como algo que não é estagnado, acabado ou natural, muito pelo contrário: as culturas são dinâmicas, constituem-se de um produto coletivo da vida humana, fenômeno que se manifesta com riqueza na história dos descendentes de italianos que cultuam o tradicionalismo em Encantado.

REFERÊNCIAS

Documentais

ACERVO de Franciele Grzebielucka, [s.d.]. **Grupo de danças italianas do GAN Anita Garibaldi**. [s.d.]. 1 fotografia, color, 17 cm x 12 cm.

ATA de 12/01/1966. ATA nº 27. **Centro de Tradições Gaúchas Giuseppe Garibaldi**. Encantado, 1966, Livro I, p. 3-4.

ATA de 11/01/1981. ATA Assembleia Geral Extraordinária nº 92. **Centro de Tradições Gaúchas Giuseppe Garibaldi**. Encantado, 1981, Livro I, p. 110-111.

ATA de 14/02/1994. ATA de fundação do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi. **Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi**. Encantado, 1994a, p. 1-2.

ATA de 24/02/1994. ATA nº dois do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi. **Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi**. Encantado, 1994b, p. 2-6.

ATA de 07/04/1994. ATA nº quatro do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi. **Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi**. Encantado, 1994c, p. 7-8.

ATA de 09/06/1994. ATA nº nove do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi. **Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi**. Encantado, 1994d, p. 10.

ATA de 05/07/1994. ATA nº dez do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi. **Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi**. Encantado, 1994e, p. 10-11.

ATA de 10/01/1995. ATA nº quinze do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi. **Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi**. Encantado, 1995a, p. 14.

ATA de 10/10/1995. ATA nº vinte e um do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi. **Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi**. Encantado, 1995b, p. 17-18.

ATA de 29/11/1995. ATA nº vinte e dois do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi. **Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi**. Encantado, 1995c, p. 18-19.

ATA de 06/05/1997. ATA nº trinta e oito do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi. **Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi**. Encantado, 1997, p. 26.

ATA de 15/06/2004. **Departamento de Tradições Gaúchas Guardiões do Rio Grande**, Encantado, 2004a, p. 1-2.

ATA de 12/07/2004. ATA nº 04-07-04. **Departamento de Tradições Gaúchas Guardiões do Rio Grande**, Encantado, 2004b, p. 3.

ATA de 08/12/2004. ATA 08/12/04. **Departamento de Tradições Gaúchas Guardiões do Rio Grande**. Encantado, 2004c, p. 11-13.

ATA de 15/12/2004. ATA 15/12/04. **Departamento de Tradições Gaúchas Guardiões do Rio Grande**. Encantado, 2004d, p. 14.

ATA de 16/04/2005. ATA nº 02/05. **Centro de Tradições Gaúchas Giuseppe Garibaldi**. Encantado, 2005, Livro III, p. 10-13.

ATA de 01/05/2015. ATA de instalação. **Prefeitura Municipal de Encantado**. Encantado, 2015.

CALVI, Francis. **Teatro Simulação**. 01 de mai. 2015. 1 fotografia, color, 42 com X 28 cm.

CALVI, Francis. **Desfile no centro de Encantado como parte das festividades da XXII Semana Italiana**. 25 jul. 2014. 1 fotografia, color, 32 com X 24 cm.

CALVI, Francis. **Almoço e baile no CTG Giuseppe Garibaldi como parte das festividades da XXII Semana Italiana**. 25 jul. 2014. 1 fotografia, color, 32 com X 24 cm.

CALVI, Francis. **Apresentação na igreja da comunidade Santo Agostinho**. 20 mai. 2015. 2 fotografia, color, 42 com X 28 cm.

CALVI, Francis. **Confraternização Mega Filó**. 20 mai. 2015. 1 fotografia, color, 42 com X 28 cm.

CALVI, Francis. **Atual galpão do CTG Giuseppe Garibaldi**. 01 jun. 2015. 1 fotografia, color, 42 com X 28 cm.

CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS GIUSEPPE GARIBALDI. **O Primeiro Galpão do CTG Giuseppe Garibaldi**. 27 set. 1961. 1 fotografia, p&b, 28 cm X 21 cm.

CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS GIUSEPPE GARIBALDI. **Esteio Fundamental do Galpão**. 09 ago. 1962. 1 fotografia, p&b 30 cm x 20 cm.

CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS GIUSEPPE GARIBALDI. **Missa Crioula**. 27 mai. 1967. 1 fotografia, p&b, 24 cm X 18 cm.

DIÁRIO de Campo 1 de 01/05/2015. **Visita ao Teatro Simulação da Instalação do Município de Encantado**. Encantado. 2015. 1 p.

DIÁRIO de Campo 2 de 20/05/2015. **Visita ao Mega Filó**. Encantado. 2015. 1 p.

EA. **Entrevista 01: depoimento** [27 mar. 2015, 12 p.]. Entrevistador: Francis Calvi. Encantado (RS): s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Francis Calvi.

EB. **Entrevista 02: depoimento** [29 dez. 2014, 12 p.]. Entrevistador: Francis Calvi. Encantado (RS): s.e., 2014. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Francis Calvi.

EC. **Entrevista 03: depoimento** [23 mai. 2013, 23 p.]. Entrevistadores: Francis Calvi; Guilherme Ely; Jonathan Busolli. Encantado (RS): s.e., 2013. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Francis Calvi; Guilherme Ely; Jonathan Busolli.

EC. **Entrevista 04: depoimento** [25 fev. 2015, 20 p.]. Entrevistador: Francis Calvi. Encantado (RS): s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Francis Calvi.

ED. **Entrevista 05: depoimento** [08 jan. 2015, 17 p.]. Entrevistador: Francis Calvi. Encantado (RS): s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Francis Calvi.

EE. **Entrevista 06: depoimento** [26 dez. 2014, 16 p.]. Entrevistador: Francis Calvi. Encantado (RS): s.e., 2014. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Francis Calvi.

EF. **Entrevista 07: depoimento** [11 fev. 2015, 16 p.]. Entrevistador: Francis Calvi. Encantado (RS): s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Francis Calvi.

EG. **Entrevista 08: depoimento** [10 jun. 2015, 12 p.]. Entrevistador: Francis Calvi. Encantado (RS): s.e., 2015. Gravação em máquina digital. Entrevista concedida a Francis Calvi.

FORÇA DO VALE. CTG quer popularizar a sociedade. **Jornal Força do Vale**, Encantado, p. 8, 10 mar. 1989.

FORÇA DO VALE. Convite aos italianos. **Jornal Força do Vale**, Encantado, p. 11, 31 jul. 1992a.

FORÇA DO VALE. Está começando o 10º Rodeio Crioulo de Encantado. **Jornal Força do Vale**, Encantado, p. 6, 13 nov. 1992b.

FORÇA DO VALE. Nasce o Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi. **Jornal Força do Vale**, Encantado, p. 2, 18 mar. 1994a.

FORÇA DO VALE. Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi apresenta o seu trabalho. **Jornal Força do Vale**, Encantado, p.13, 15 jul. 1994b.

FORÇA DO VALE. Calvi assume a patronagem do CTG Giuseppe Garibaldi. **Jornal Força do Vale**, Encantado, p. 12, 12 jun. 1995.

FORÇA DO VALE. GAN Anita Garibaldi faz a festa e traz o troféu móvel de Santa Cruz. **Jornal Força do Vale**, Encantado, 04 set. 1998. Caderno Variedades p. 1.

FORÇA DO VALE. Anita Garibaldi é bicampeão no rodeio artístico de Santa Cruz do Sul. **Jornal Força do Vale**, Encantado, p. 7, 06 ago. 1999a.

FORÇA DO VALE. GAN Anita Garibaldi é pentacampeão regional. **Jornal Força do Vale**, Encantado, p, 16, 08 out. 1999b.

FORÇA DO VALE. Está começando o 10º Rodeio Crioulo de Encantado. **Jornal Força do Vale**, Encantado, p. 8, 12 nov. 1999c.

MOVIMENTO Tradicionalista Gaúcho. **Coletânea da legislação tradicionalista**. 2. ed. Porto Alegre: MTG, 2001.

RIO Grande do Sul. **Estatuto Movimento Tradicionalista Gaúcho**. [S. l.: s. n.], 2012.

Bibliográfica

ALBECHE, Daysi Lang. **Imagens do gaúcho**: história e mitificação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BARROSO, Vera L. M. Tropeirismo na formação do Sul. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Cords). **Colônia**. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 171-187. v. 1. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998. p. 185-228.

BRUXEL, Arnaldo. Herança guarani na cultura rio-grandense. In: O índio no Rio Grande do Sul. **Perspectivas**. Porto Alegre: Comissão Executiva de Homenagem ao Índio, 1975. p. 83-88.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CAMARGO, Odete M. Peculiaridades econômicas das vacarias no espaço missioneiro. In: QUEVEDO, Júlio (Org). **Rio Grande do Sul: quatro séculos de história**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999. p. 137-147.

CIRNE, Paulo R. F. O começo do tradicionalismo gaúcho. In: CARELI, Sandra da Silva. KNIERIM, Luiz Claudio. **Releituras da história do Rio Grande do Sul**. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Porto Alegre: Corag, 2011. p. 265-282.

CHEMIN, Beatriz F. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação**. 3. ed. Lajeado: Univates, 2015.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Ítalo-gaúchos: imigrantes na cidade e identidade étnica. In: BAQUERO, Marcelo, et al. **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1994. p. 89-98.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis A. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Tecnologia São Lorenço de Brindes; Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: Vozes, 1982.

_____. Filó: uma experiência de paraíso. In: MAESTRI, Mário (Coord.). **Nós, os ítalos-gaúchos**. Porto Alegre: UFRGS, 1998, p. 178-180.

FAVARO, Cleci E. **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. Os Italianos: entre a realidade e o discurso. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Coords). **Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 301-319. v. 2. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

FERRI, Gino. **Gemellaggio: Valdástico – Encantado**. Porto Alegre: Sagra DC Luzzato, 1996.

_____. **Encantado II: sua história, sua gente**. Encantado: AJP. 2007.

FIGUEIREDO, Antônio M, de; SOUZA, Soraia R. G. **Como elaborar projetos, monografias, dissertações e teses: da redação científica à apresentação do texto final**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2001.

GALBRAITH, J. Kenneth. **Anatomia do poder**. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1986.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Antoni Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GIRON, Loraine S. **Caxias do Sul: evolução histórica**. Caxias do Sul: UCS, 1977.

_____; HERÉDIA, Vania B. M. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007.

GOLIN, Tau. **A ideologia do Gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GOMES, Vanderlisa Ferreira; **Os filós comunitários e a cultura italiana**. 2008. 121 f. Monografia (Licenciatura em História) – Curso de História, Centro Universitário Univates, Lajeado, RS, 2008.

GONZAGA, Sergius. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: DACANAL, José H (Org.); GONZAGA, Sergius (Org.). **RS: cultura e ideologia**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. p. 113-132.

GUTFREIND, Ieda. O gaúcho e sua cultura. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Cords). **Colônia**. Passo Fundo: Méritos. 2006. p. 171-187. v. 1. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

HERÉDIA, Vania B. M. A produção científica sobre a imigração italiana no RS. In: _____. PAVIANI, Neires M. S. **Língua, cultura e valores**: um estudo da presença do humanismo latino na produção científica sobre imigração italiana no Sul do Brasil. Porto Alegre: EST, 2003. p 18-74.

HOBSBAWN, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs). **A invenção das tradições**. Traduzido por Celina C. Cavalcanti. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 9-23.

IOTTI, Luiza H. **Imigração e poder**: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (1875-1914). Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

KLIEMANN, Luiza Helena Schimitz. **RS: terra e poder – história da questão agrária**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

LANDO, Aldir M. BARROS, Eliane C. Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius. **RS: imigração e colonização**. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. p. 9-46.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva. **Guaíba no contexto histórico-arqueológico do Rio Grande do Sul**. Guaíba: o autor, 2002.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: _____. História e memória. Campinas: UNICAMP, 2003.

LESSA, Barbosa. **O sentido e o valor do tradicionalismo**. Santa Maria: [s.e.], 1954. Disponível em: <http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/pag_teses.php> Acesso em: 21 de junho de 2013.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. Considerações sobre gaúchos e colonos. In: BAQUERO, Marcelo, et al. **Diversidade étnica e identidade gaúcha**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 1994. p. 31-42.

MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul**: implicações econômicas, políticas e culturais. 2 ed. Porto Alegre: EST, 2001.

MARCELINO, Scheila D. **O significado das danças galponeiras de salão para um grupo de participantes do CTG Erva Mate de Venâncio Aires/RS**. 2012. 50 f. Monografia (Bacharel em Educação Física) - Curso de Educação Física, Centro Universitário Univates, Lajeado, RS, 2012.

MARTINS, Ari; VILLAS-BÔAS, Pedro L. Autores do Partenon Literário: Bibliografia. In: HESSEL, Lothar F. **Partenon Literário e sua obra**. Porto Alegre: FLAMA. Instituto Estadual do Livro, 1976.

MATSDORFF, Silvana Aparecida Mendes. **Ambiente e qualidade de vida**: um estudo no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Nova Querência de Boa Vista/RR. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2013.

MEIHY, José C. S. B. Os novos rumos da História Oral: o caso brasileiro. In: **Revista de História**, n. 155, p. 191-203, 2 semestre 2006. Disponível em: <http://revhistoria.usp.br/index.php?option=com_content&view=article&id=57:rh155&catid=6:edicoes&Itemid=7> Acesso em: 13 de junho de 2013.

MEYER, Augusto. **Gaúcho**: história de uma palavra. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1957.

MOREIRA, Jorge. **CTG Giuseppe Garibaldi**: sua história – seus pioneiros. Encantado: [s.n], 2001.

_____. **CTG Sentinela da Tradição**: sua história, sua gente. Muçum: [s.n], 2012.

_____. **20 anos do Grupo de Artes Nativas Anita Garibaldi**: uma história de tradição e família. Encantado: BT, 2014.

OLIVEIRA, Lizete, Dias de. **O Rio Grande do Sul espanhol**. Guaíba: Secretaria Municipal de Educação, 2002. 20 p. (datiloscrito).

OLIVEIRA, Márcia R. de. Entre representações e estereótipos: o tipo gaúcho como expressão na música gravada no século XX. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Cords). **República**: Da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930-1985). Passo Fundo: Méritos. 2007, p. 505-525. v. 4. (Coleção História Geral do Rio Grande do Sul).

OLIVEN, Ruben George. Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Ano 6, n. 15, fevereiro de 1991. p. 40-52. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=222:rbc-15&catid=69:rbc&Itemid=399> Acesso em: 28 de março de 2013.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. A dupla desterritorialização da cultura gaúcha. In: FONSECA, Claudia (Org). **Fronteiras da cultura: horizontes e território da antropologia na América Latina**. Porto Alegre: UFRGS. 1993. p. 24-40.

PESAVENTO, Sandra Jotahy. O imigrante na política Rio-grandense. **RS: imigração e colonização**. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. p. 156-194.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PILS, Ingeborg; PALLMER, Stefan (Orgs). **Itália: o país e sua cozinha**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.

REVERBEL, Carlos. **O gaúcho: aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata**. Porto Alegre: LPM, 1986.

RIO GRANDE DO SUL. **Centenário da imigração italiana 1875 – 1975**. Porto Alegre: Edel, [1975].

RIZZARDO, Rodovino. **A longa viagem: os carlistas e a imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Tecnologia São Lourenço de Brindes, Sulinas, 1975.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Brasília: Senado Federal. 2002. (Coleção O Brasil visto por estrangeiros).

SANTI, Álvaro. **Do Partenon à Califórnia: o nativismo e suas origens**. Porto Alegre: URGs, 2004.

SANTOS, José L dos. **O que é cultura**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, [1992].

SARAIVA, Glaucus. **Carta de princípios**. Taquara: [s.e.], 1961. Disponível em: <http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/pag_cartadeprincipios.php> Acesso em: 25 de abril de 2013.

SCHERER, Emanuele Amanda. **Carreiras no Vale do Taquari: as corridas de cavalo em canchas reta**. 2014. 111 f. Monografia (Licenciado em História) - Curso de História, Centro Universitário Univates, Lajeado, RS, 2014.

SOUZA, Willian E. R. de; CRIPPA, Giulia. Limites e contribuições da história oral: a memória e a história nas interseções entre o indivíduo e o coletivo. In: **SAECULUM – Revista de História**, João Pessoa, n. 23, p. 75-89, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11521/6618>> Acesso em: 13 de junho de 2013.

STEINHOEFEL, Soraia. **A indumentária gaúcha nos centros de tradições gaúchas: o CTG Bento Gonçalves no Vale do Taquari**. 2007. 107 f. Monografia

(Licenciado em História) - Curso de História, Centro Universitário Univates, Lajeado, RS, 2007.

TOLDO, Antonio. **Valdastico**: ieri e oggi. Valdastico: La Galiverna, 1984.

ZATTERA, Vera Stedille. Trajes dos imigrantes italianos e descendentes no Rio Grande do Sul 1875/199. In: FORUM DE ESTUDOS ITALO-BRASILEIROS (9. : 1996 : CAXIAS DO SUL, RS); DAL BO, Juventino; IOTTI, Luiza Horn. **Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Forum de estudos italo-brasileiros**. Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 317-328.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro Semi-Estruturado de Entrevista com Patrões e ex-patrões.

Roteiro Semi-Estruturado de Entrevista com Patrões.

- 1- Entrevistado, fale um pouco sobre você, nome, local onde nasceu e seu trabalho.
- 2- Quando tornou-se tradicionalista?
- 3- Relate sobre sua experiência como Patrão?
- 4- Ocorreu alguma cisão na entidade? Caso afirmativo poderia relatar como foi, bem como suas consequências?
- 5- Como é sua relação com as questões da tradição dos seus antepassados?
- 6- Na sua visão, qual a relação entre o tradicionalismo e a cultura italiana?
- 7- Na sua opinião, por que os descendentes de italianos se tornaram tradicionalistas?
- 8- Você se considera gaúcho, italiano ou os dois? Por que?

APÊNDICE B – Roteiro Semi-Estruturado de Entrevista com simpatizantes dos elementos culturais gaúchos e da cultura italiana.

Roteiro Semi-Estruturado de Entrevista com simpatizantes dos elementos culturais gaúchos e da cultura italiana.

- 1- Entrevistado, fale um pouco sobre você, nome, local onde nasceu e do seu trabalho.
- 2 - Quais são os eventos e entidades que representam a cultura italiana em Encantado?
- 3 - Como era antigamente esses eventos e como é hoje? Como é a participação da sociedade de Encantado?
- 4 - Sobre a semana italiana, como iniciou, quem participa? Existe pessoas ligadas ao tradicionalismo que também fazem parte da Semana Italiana?
- 5 - E a ASSIBRE, como surgiu e como está hoje em dia?
- 6 - Como o senhor analisa a fundação de entidades tradicionalista em Encantado, município com maioria de descendentes de italianos?
- 7 - Na sua visão, qual a relação entre o tradicionalismo e a cultura italiana?
- 8 - Na sua opinião, por que os descendentes de italianos se tornaram tradicionalistas?

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)**Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE)**

A pesquisa “Tradicionalismo: relações entre cultura gaúcha e a cultura de descendentes de italianos em Encantado/RS” está sendo realizada como atividade integrante para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de História do Centro Universitário Univates, e tem como objetivo identificar a relação entre a cultura italiana e o tradicionalismo gaúcho da cidade de Encantado - RS. A coleta de dados será feita mediante a realização de entrevistas, de acordo com o objetivo especificado acima.

Pelo presente Termo de Consentimento, declara o entrevistado sua concordância em participar da pesquisa, após ser informado da justificativa e dos propósitos do trabalho, bem como dos procedimentos relacionados ao momento da(s) entrevista(s). A assinatura do presente Termo de Consentimento implica a cessão de uso das imagens/gravações de áudio e informações constantes na entrevista por parte do(a) entrevistado(a) para fins acadêmicos e a sua permanência nas dependências desta Instituição.

Este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará com o(a) entrevistado(a) e a outra será apresentada para a equipe de pesquisa e arquivada.

O responsável pela pesquisa é o acadêmico do Curso de História da Univates, Francis Calvi – (fone 51 3751 6100), orientado pelo professor Dr. Luís Fernando da Silva Laroque – professor do Curso de História da Univates - (fone 51 3714 7000 Ramal 5348).

Local: Encantado-RS

Data:

Nome: Francis Calvi
Assinatura do Entrevistador

Nome:
Assinatura do(a) Entrevistado(a)

ANEXOS

ANEXO A – Teatro Simulação alusivo a instalação do município de Encantado em 1915.



Fonte: Do autor.

ANEXO B – Desfile no centro de Encantado como parte das festividades da XXII Semana Italiana.



Fonte:Do autor.

ANEXO C – Almoço e baile no CTG Giuseppe Garibaldi como parte das festividades da XXII Semana Italiana.



Fonte: Do autor.

ANEXO D – Apresentação na igreja da comunidade Santo Agostinho.



Fonte: Do autor.

ANEXO E – Confraternização Mega Filó.



Fonte: Do autor.

ANEXO F – O Primeiro Galpão do CTG Giuseppe Garibaldi.



Fonte: Acervo fotográfico do CTG Giuseppe Garibaldi (1961).

ANEXO G – O Esteio Fundamental do Galpão do CTG Giuseppe Garibaldi.



Fonte: Acervo fotográfico do CTG Giuseppe Garibaldi (1962).

ANEXO H – Missa Crioula.



Fonte: Acervo fotográfico do CTG Giuseppe Garibaldi (1967).

ANEXO I – Atual galpão do CTG Giuseppe Garibaldi.



Fonte: Do autor.

ANEXO J – Grupo de danças italianas do GAN Anita Garibaldi



Fonte: Acervo de Franciele Grzebielucka, [s.d.].